

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA - PPGHIS

***ALEMANHA SECRETA: BIOGRAFIA E HISTÓRIA NO CÍRCULO DE STEFAN
GEORGE***

WALKIRIA OLIVEIRA SILVA

BRASÍLIA
2013

WALKIRIA OLIVEIRA SILVA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA - PPGHIS

***ALEMANHA SECRETA: BIOGRAFIA E HISTÓRIA NO CÍRCULO DE STEFAN
GEORGE***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade de Brasília como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Estevão Chaves de Rezende Martins

BRASÍLIA

2013

Alemanha Secreta: Biografia e História no Círculo de Stefan George

Walkiria Oliveira Silva

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Estevão Chaves de Rezende Martins
(Orientador)

Prof. Dr. André Gustavo de Melo Araújo
(Universidade de Brasília – UNB)

Prof. Dr. Pedro Spinola Pereira Caldas
(Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
UNIRIO)

Alemanha Secreta: Biografia e História no Círculo de Stefan George.

RESUMO:

Esta dissertação objetiva analisar como a obra de Ernst Kantorowicz, *Kaiser Friedrich der Zweite*, relaciona-se com a fundamentação da identidade nacional alemã durante os anos da República de Weimar. Ernst Kantorowicz foi membro do Círculo de Stefan George, um dos principais movimentos culturais da Alemanha durante as três primeiras décadas do século XX. Por isso, é indispensável apresentar as contribuições do Círculo de Stefan George para as discussões acerca da História e de sua escrita. A análise da obra de Kantorowicz encontra-se indissociada das propostas vinculadas pelo Círculo de Stefan George.

Este trabalho está dividido em três capítulos: o primeiro abarca o poeta, Stefan George, e a formação de seu Círculo. O segundo apresenta as ideias do Círculo sobre o conhecimento histórico e os principais conceitos formulados por alguns membros do Círculo de George. O último analisa a obra de Kantorowicz a fim de observar como a biografia do Imperador Frederico II contribuiu para a fundamentação e reinterpretação da identidade nacional alemã e como se relaciona com a escrita da história do Círculo de Stefan George.

Palavras-chave: Círculo de Stefan George, historiografia alemã, Ernst Kantorowicz.

Secret Germany: Biography and History in the George Circle.

ABSTRACT:

The present dissertation aims to analyse Ernst Kantorowicz's work, *Kaiser Friedrich der Zweite*, published in 1927, and its relation to the German national identity's substantiation during the Weimar Republic. Ernst Kantorowicz was a member of the George Circle, one of the most important cultural movements in Germany during the first three decades of twentieth century. Taking in account his contributions to the George Circle on the debate on History and historiography, the analysis of Kantorowicz's work should be inseparable of the ideas of the George Circle.

This work is divided in three chapters: the first one presents the poet, Stefan George, and the formation's process of his Circle. The second shows the ideas of the Circle about the historical knowledge and the main concepts formulated by some members of the George Circle. The last one analyses Kantorowicz's work in order to observe how the biography of the Emperor Frederick II contributed to found the ground and reinterpretat the German national identity in its relation to the historiography of the George Circle.

Keywords: The George Circle, German historiography, Ernst Kantorowicz.

Agradecimentos:

Escrever uma dissertação é um caminho tortuoso. Ao longo dessa caminhada me deparei com muitas alegrias e algumas tristezas. Convivi com a insegurança comum a quem sabe que, mesmo diante de alguns tropeços, faz aquilo que realmente lhe deixa feliz. Seria impossível enumerar aqui todas as pessoas que me foram caras durante o processo de pesquisa e escrita deste trabalho. Todas elas contribuíram – algumas sem se dar conta – para que essa pesquisa fosse realizada.

Em primeiro lugar gostaria de agradecer ao meu orientador, Prof. Estevão Martins, sem o qual essa pesquisa não teria sido possível. Sou grata pela confiança e por sempre me dizer que tudo daria certo. Pela inigualável disponibilidade em me atender quando, ao longo do meu caminho, tropeçava em muitas perguntas que, a meu ver, pareciam não ter respostas. Agradeço pela compreensão diante das pedras colocadas no meu caminho em 2013. Guardo em um cantinho especial da memória nossas conversas, aulas, os papos de corredor e, sem dúvida, as piadas!

Aos professores André Gustavo de Melo Araújo e Arthur Assis agradeço pelas importantes contribuições durante a banca de qualificação. Suas contribuições foram valiosas para essa pesquisa e contribuíram sobremaneira para novas indagações a respeito do meu objeto. De modo geral, agradeço ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília pela excelente acolhida.

Ao prof. Pedro Caldas, da UNIRIO, avaliador do meu projeto durante o 5º Seminário Nacional de História da Historiografia, agradeço por ter me indicado a leitura da obra de Jörn Rüsen, autor indispensável para essa pesquisa.

Sou muito grata a todos os professores do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Ouro Preto que me ensinaram a caminhar pelo longo turbilhão da história. Em especial, agradeço aos professores Valdeci Araujo e Mateus Pereira que muito contribuíram com suas leituras atenciosas de meu projeto de pesquisa.

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo apoio financeiro a esta dissertação, muito importante para que o caminho percorrido fosse mais ameno.

Pela minha importante visita ao *Stefan George Archiv*, agradeço ao DAAD cuja bolsa para o *Winterkurs*, em 2012, possibilitou também a visita ao arquivo em Stuttgart.

A Ute Oelmann, diretora do *Stefan George Archiv*, agradeço pela disponibilização do acervo de cartas de Kantorowicz, que me possibilitou uma compreensão maior do autor.

Aos queridos amigos que, mesmo distantes, me proporcionaram horas de boas conversas. Jefferson Mercadante, pelo nosso desespero mútuo que no fim se tornava cômico. À amiga Tauãna Terra (Diva!) pelas muitas horas de descontração! À amiga de graduação, Alice, pelos carinhosos telefonemas. Aos amigos da capital, Mariana, Melissa e Vandergleison que muito ajudaram em minha adaptação a Brasília. Ao Fabiano, professor dos tempos de escola, que despertou em mim o interesse pela história, agradeço por ter me incentivado a seguir esse caminho.

Em especial, meu agradecimento a Alessandro Thomaz, companheiro de muitas horas de alegria e insegurança que estão para além dessa dissertação. Agradeço por ter me incentivado a mudar para o planalto central. Obrigada também por ter sido o “buscador oficial de livros raros”, tão caros à minha pesquisa. Agradeço por ter me mostrado, durante esses quase dois anos, que era desnecessário abarcar o mundo e por sempre me dizer que era importante viver para além do meu trabalho. Valeu!

A todos os professores e colegas que suportaram minha insistência (por vezes chata) em aprender alemão. Agradeço a todos que um dia me ajudaram no doloroso (e interminável) aprendizado dessa língua, um pouquinho complicada, mas sem a qual esse trabalho nunca teria sido possível.

Por fim, deixo à minha mãe, Helena, meu maior agradecimento. Sou grata por ter me ensinado as primeiras letras e me apoiado em minhas escolhas. Obrigado pelo amor incondicional e compreensão. Seu incentivo foi imprescindível para que eu pudesse caminhar até aqui. Ao meu pai, que não está mais entre nós, agradeço pelo carinho e espero que sua mão carinhosa continue a guiar meus passos.

“As pessoas são como rios: a água é a mesma para todos e é igual em toda parte, mas cada rio é ora estreito, ora rápido, ora largo, ora calmo, ora limpo, ora frio, ora turvo, ora morno. Assim também são as pessoas.”

Liev Tolstói¹

A todos aqueles que tiveram o seu rio cruzado ao meu.

¹ TOLSTÓI, Liev. *Ressureição*. São Paulo: Cosac Naify, 2010, p.192.

ÍNDICE:

Introdução	10
Capítulo 1: Da poesia à ação: O processo de formação do Círculo de Stefan George.....	16
1.1: Stefan George: A formação de um poeta	16
1.2: As <i>Blätter für die Kunst</i> : um esboço para o Círculo de Stefan George.....	19
1.3: O primeiro grupo: Karl Wofshehl, Friedrich Gundolf e Friedrich Wolters	22
1.3.1: Karl Wofshehl e o <i>Kosmiker Kreis</i> :	25
1.3.3: Friedrich Wolters e o <i>Jahrbuch für die Geistige Bewegung</i> : A consolidação da <i>Meister-Jünger Gemeinschaft</i>	33
Excursus: Friedrich Wolters e o <i>Niederschönhausener Kreis</i>.	40
1.4: A Primeira Guerra e a República de Weimar.....	42
1.4.1: O Círculo de Stefan George e a Primeira Guerra Mundial	45
Capítulo 2: O Círculo de Stefan George e o conhecimento histórico	51
2.1: A crise do historicismo.....	51
2.2: O Círculo de Stefan George e o conhecimento histórico: A escrita da história como <i>Wertsetzung</i>	57
2.2.1: Friedrich Wolters e Friedrich Gundolf: o conceito de <i>Gestalt</i>	62
2.2.2: Ernst Bertram: <i>Die Legende</i>	71
2.2.3: Ernst Kantorowicz no <i>Historikertag</i> de 1930.....	75
Capítulo 3: Ernst Kantorowicz: <i>Kaiser Friedrich der Zweite</i>	85
3.1: Ernst Kantorowicz e o Círculo de Stefan George:	85
3.2: <i>Kaiser Friedrich der Zweite</i>: escrita da história e identidade nacional.....	95
Considerações Finais:	112
Referências Bibliográficas:	117

Introdução

Em seu conhecido depoimento, gravado em 1981 e publicado somente em 2004, Sérgio Buarque de Holanda relembrou sua trajetória intelectual. O historiador brasileiro evocou neste depoimento, o período em que viveu em Berlim como correspondente para *O Jornal*, durante os anos de 1928 e 1931. Sobre a importância do seu período alemão para a sua formação, em um trecho um pouco confuso, Sérgio Buarque destacou a importância de um livro e afirma ter frequentado o Círculo de Stefan George. O livro era *Kaiser Friedrich der Zweite* de Kantorowicz, livro que despertou no historiador brasileiro “a ideia para esses assuntos históricos, para uma abordagem maior.”² Independentemente de o autor de *Raízes do Brasil* ter frequentado ou não o Círculo de George, são significativas a menção e a importância de Ernst Kantorowicz para Buarque de Holanda.

Os estudos sobre intelectuais alemães, suas ideias e contribuições para o conhecimento histórico tem crescido vertiginosamente no Brasil. Autores importantes, sobretudo do século 19, como Jacob Burckhardt ou Johann Gustav Droysen, filósofos como Heidegger e Gadamer ganham cada vez mais espaço em diversos trabalhos e pesquisas pelo país.

Essa dissertação, dedicada a apresentar e analisar o Círculo de Stefan George e a obra de Kantorowicz é guiada por duas razões centrais: A primeira delas é de cunho pessoal. A República de Weimar é o período da história alemã que mais desperta meu interesse. A literatura e arte do período muito me interessam. Não é diferente quando se trata de pesquisar as atribuições atravessadas pelo conhecimento histórico nesse período.

²O trecho em que Buarque de Holanda relembra Kantorowicz foi transcrito com certa confusão, mas a afirmação não deixa dúvida de que era a obra de Kantorowicz. No acervo de Sérgio Buarque de Holanda, localizado na Unicamp, encontram-se os dois volumes da obra de Kantorowicz. Quanto à ligação do de Sérgio Buarque com o Círculo de George, não foi encontrada nenhuma outra referência até o momento. Segue o trecho do depoimento: “Frequentei alguns cursos de história na Universidade de Berlim como ouvinte, mas eu tinha uma formação literária, em grande parte por causa do modernismo. Então descobri um livro interessante — ainda tenho vários livros daquele tempo —, um livro do Kant sobre Frederico III. Eu me lembrava que o Nietzsche dizia que para ele o grande Frederico era o II, por isso fiquei intrigado e comprei. Mas só o primeiro volume — mais tarde, nos Estados Unidos, encontrei o segundo volume num sebo e consegui comprar. O fato é que daí me veio a ideia para esses assuntos históricos, para uma abordagem maior. Eu sempre tive certa curiosidade por isso. Tive contato com alguns escritores alemães, como o poeta Theodor Däubler, e frequentava o círculo do Stefan George.” Cf: HOLANDA, Sérgio Buarque de. “Corpo e alma do Brasil” (entrevista de Sérgio Buarque de Holanda). *Novos Estudos*, julho 2004, p.7.

A segunda razão encontra-se ligada ao objetivo de contribuir para as pesquisas acerca da historiografia alemã. O Círculo de Stefan George, embora por vezes citado em artigos ou livros que abordem o período, carece de estudos que proponham uma análise acerca de suas contribuições e reflexões para o conhecimento histórico.

De maneira geral, esta dissertação constitui também o esforço em apresentar, mesmo se de forma concisa, o processo de formação do Círculo de Stefan George e seus ideais. A partir disso, buscou-se apresentar os principais intelectuais vinculados ao Círculo, destacando suas propostas para o conhecimento histórico. Em muito este trabalho consiste em trazer o Círculo de George para as reflexões sobre a historiografia do período com a esperança singela de que esse trabalho possa futuramente suscitar novos debates.

O Círculo de Stefan George é conhecido por sua produção biográfica. Entre 1916 e 1930 foram cinco as biografias publicadas pelo Círculo que alcançaram reconhecimento tanto no meio acadêmico quanto fora dele.³ Nesta dissertação a biografia de Kantorowicz, *Kaiser Friedrich der Zweite* aparece como estudo de caso devido a sua importância nos debates suscitados pela sua publicação em 1927. Diante do número de biografias vinculadas ao Círculo parece claro que para os georgeanos, a produção biográfica era a melhor forma para a historiografia. Encontraram nas biografias um caminho para difundirem e exporem seu olhar para o passado, seu modelo interpretativo para o conhecimento histórico.

Por isso, ao discutir as relações entre o Círculo de George e a história, esse trabalho toca ainda em um ponto sensível da produção do conhecimento histórico: da relação entre biografia e história, suas aproximações e distanciamentos. O número de estudos sobre as implicações entre biografia e história tem crescido nos últimos anos. A biografia como problema historiográfico ganhou lugar de destaque novamente.

Gênero híbrido entre a história e a literatura, como bem pontuou François Dosse, a biografia é um gênero situado entre a ficção e a realidade histórica. O gênero biográfico é dependente, da dimensão histórica e ficcional, do que Dosse chama de uma tensão dialética

³Enumero aqui somente as principais obras: 1916: Friedrich Gundolf, *Goethe*; 1917: Ernst Bertam, *Nietzsche: Versuch einer Mythologie*, 1920: Gundolf, *George*; 1927: Ernst Kantorowicz, *Kaiser Friedrich der Zweite*, 1930: Friedrich Wolters, *Stefan George und die Blätter für die Kunst*. Há ainda trabalhos menores como a biografia de Heinrich von Kleist, publicada por Gundolf em 1922. Em 1928 quando já havia rompido com George, Gundolf publicou em dois volumes *Shakespeare .Sein Wesen und Werk*.

entre o factual e o ficcional.⁴ Com o decorrer do tempo, a biografia deixou de expressar modelos a serem seguidos para constituir um discurso autêntico que tal como o discurso historiográfico relaciona-se com a “intenção de verdade.”⁵ Considerada *magistra vitae* na Antiguidade, a história de uma vida, desde o século XVIII, perdeu espaço frente à ânsia dos historiadores em desvendar os mistérios da história universal. Com o advento da experiência moderna da história, do entendimento da história como um singular coletivo, a biografia perdeu seu caráter exemplar. Com isso, o que passa a ser importante na narrativa biográfica não é a exemplaridade cuja responsabilidade é trazer ao leitor uma verdade a ser seguida, mas ressaltar a experiência individual, singular.

Ao decorrer do século XIX e boa parte do século XX, a biografia foi considerada, frente aos estudos históricos, um gênero menor, prejudicial ao princípio de objetividade devido a sua visão romaneada do passado. Além disso, o papel do indivíduo foi colocado de lado durante um longo período e optou-se por análises pautadas na força coletiva do corpo social e nas abordagens quantitativas. Foi somente no início da década de 1980 que houve um reaparecimento da biografia como problema historiográfico importante para as ciências humanas em geral.⁶ Reaparecimento que pode ser considerado, como afirmou Revel, uma permanência, pois “os velhos gêneros não morrem nunca.”⁷

Esse retorno à biografia representa um novo interesse pelo papel do indivíduo nos processos históricos. Essa reabilitação do indivíduo liga-se também às aberturas metodológicas e à ampla variedade de temas e de novos problemas que conduz à recuperação de modalidades narrativas como a biografia. De alguma forma, o retorno à biografia pode ser também uma “reação desencantada antes as ruínas da utopia da vida comum.”⁸ A derrocada de estudos que tinham por base as análises marxistas, a crise do paradigma estruturalista e o surgimento da micro-história, abriram o caminho para o reaparecimento dos atores sociais e suas possibilidades de ação. Assim, “o indivíduo e suas ações situavam-se em sua relação com o ambiente social ou psicológico, sua educação, experiência profissional [...] O historiador deveria focar naquilo que os condicionava, a fim

⁴DOSSE, François. *O Desafio Biográfico. Escrever uma vida*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009, p.66.

⁵DOSSE, Op.cit., pp.12; 59.

⁶DOSSE, Op.cit., p.16.

⁷REVEL, Jacques. “A biografia como problema historiográfico.” In: REVEL, Jacques. *História e Historiografia: exercícios críticos*. Curitiba: Editora UFPR, 2010, p.237.

⁸CANO, Gilberto Loaiza. “El recurso biográfico.” In: *Historia Crítica*, n.27, junho 2004, p.222.

de fazer reviver um mundo perdido e longínquo.”⁹ A biografia contribuiu significativamente para as análises em história cultural e social. O indivíduo torna-se uma chave interpretativa para a compreensão de uma época. Na análise de uma vida encontrava-se movimentos culturais, grupos específicos, correntes de pensamentos, enfim, o reflexo de uma realidade. Isso acontecia não apenas com grande homem, o herói, mas também com o homem comum.

Seja pautada na análise da memória de grupos, na análise de um indivíduo comum, a partir da ótica dos vencidos ou dos vencedores, é fato que a reflexão sobre a biografia voltou a ocupar os historiadores. A importância das discussões sobre o uso da biografia pela história desperta o problema da autonomia individual nos processos históricos. Metodologicamente, resgata os questionamentos acerca da possibilidade de ligar a biografia, enquanto uma forma de diálogo entre o passado e o presente, as análises gerais. Enfim, a questão é saber como o microcosmo individual pode relacionar-se com o macrocosmo de uma determinada sociedade. Benito Schmidt ressalta ainda que a escrita biográfica expõe a tensão entre narrativa e explicação.¹⁰ Para Loriga, ainda há um outro questionamento: o da relação, por vezes tensa, entre história e ficção.¹¹

Schmidt chama a atenção para o fato de que o interesse por biografias relaciona-se com os processos de massificação da sociedade. Em um contexto de desintegração do indivíduo frente a processos totalizantes a busca pela identidade individual se fortalece e para isso “os homens voltam-se ao passado em busca de referenciais para sua conduta no presente.”¹² Durante a República de Weimar, o interesse por biografias foi significativo. As biografias do Círculo de George, por exemplo, alcançaram um público não restrito somente ao meio intelectual. Neste sentido devemos considerar que a biografia traz em si um caminho para o reconhecimento de si no outro. Assim, ela contribui para a formação do nosso eu, da nossa identidade pessoal, que insere-se em uma coletividade. Enfim, auxilia-nos na formação e manutenção da nossa identidade individual e coletiva.

Então, qual a importância da biografia em um estudo sobre o Círculo de Stefan George? A biografia é para os georgeanos o meio narrativo propício para o conhecimento

⁹DEL PRIORE, Mary. “Biografia: quando o indivíduo encontra a história.” In: *Topoi*, v.10, n.19, jul-dez 2009, p.9. Cf. também: LORIGA, Sabina. *O pequeno X: da biografia à história*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011, pp.212-213.

¹⁰SCHMIDT, Benito Bisso. “O gênero biográfico no campo do conhecimento histórico: trajetórias, tendências e impasses atuais e uma proposta de investigação.” In: *Anos 90*. v.6, 1996, p.166.

¹¹LORIGA, Op.cit.,p.214.

¹²SCHMIDT, Op.cit.,p.171.

histórico. Historiografia por excelência, a biografia torna-se o caminho a partir do qual encontrar um ponto de orientação para o presente é possível. Neste sentido a biografia desempenha a principal função prática da história, de acordo com Jörn Rüsen, ou seja, de orientar os homens, no desempenho de sua consciência histórica. Além disso, a biografia é o gênero narrativo, híbrido entre a história e a literatura, no qual voos estéticos são permitidos, e mesmo esperados, pois atribui à biografia valor artístico. Função que não pode ser considerada menor quando trata-se de um círculo de intelectuais, liderados por um poeta, e de orientação estética demarcada. No que tange à fundamentação da identidade nacional, ou a do próprio grupo, e a proposta de formação de um novo homem, a narrativa biográfica desempenha um importante papel de identificação. No caso do Círculo de George, a biografia está atrelada à sociedade como um todo, na esperança da formação de um novo homem mediante uma nova identidade.

Esta dissertação está dividida em três partes. No primeiro capítulo apresenta-se o poeta, Stefan George, e o processo de formação de seu Círculo. Salienta-se as contribuições dos primeiros membros de seu Círculo como Friedrich Wolters, Karl Wolfskehl e Friedrich Gundolf para a construção dos ideais e da identidade de grupo difundida pelo Círculo. Algumas informações biográficas são significativas e compõem parte deste capítulo.

Apresentar e analisar as propostas do Círculo para o conhecimento histórico é o objetivo do segundo capítulo. Aqui, num primeiro momento, buscou-se compreender a crise do historicismo, paradigma dominante para o conhecimento histórico ao longo do século XIX. Durante o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, o historicismo foi questionado e novas propostas para a história ganharam espaço. As ideias sobre a história vinculadas ao Círculo de Stefan George estão inseridas nesse contexto de crise. O principal objetivo deste capítulo foi mapear as principais ideias e os conceitos criados e utilizados pelos georgeanos para a história e sua escrita.

O terceiro capítulo deste trabalho dedica-se a analisar a obra *Kaiser Friedrich der Zweite* de Ernst Kantorowicz como estudo de caso. O objetivo deste capítulo foi vincular as ideias acerca do conhecimento histórico presentes no Círculo de George à obra de Ernst Kantorowicz, também um membro do Círculo. Neste sentido buscamos entender como sua historiografia liga-se ao objetivo de reinterpretar e fundamentar a identidade nacional alemã, função prática da escrita da história.

Trazer para discussão o Círculo de Stefan George e sua relação com o conhecimento histórico bem como contribuir para os estudos sobre historiografia alemã são os principais objetivos deste trabalho. Espera-se com ele gerar novas discussões e novos questionamentos acerca do nosso objeto de estudo ainda pouco presente entre os pesquisadores brasileiros.

Todas as cartas trocadas entre Ernst Kantorowicz e Stefan George, citadas nesse trabalho, foram reproduzidas com a permissão do *Stefan George Archiv*.

As traduções dos textos do alemão para o português, presentes no corpo do texto, foram feitas por mim. Nas notas de rodapé optei, na maioria das vezes, por manter o texto no original.

Capítulo 1: Da poesia à ação: O processo de formação do Círculo de Stefan George

Stefan George significa, para a geração da virada do século, a grande prova de que o poeta, também em nosso tempo, pode ser eficaz em advertir, exigir e profetizar.

Klaus Mann¹³

1.1: Stefan George: A formação de um poeta

Em março de 1897, o professor de História da Literatura da Universidade de Berlim Richard Meyer, proferiu um discurso diante da Sociedade para Literatura Alemã de Berlim. Pela primeira vez, Stefan George aparecia no pronunciamento de um intelectual frente a seus pares, acontecimento que George definiu como “um grande, novo desenvolvimento.”¹⁴ Em seu discurso, Meyer classificou o grupo em torno de George como um novo *Dichterkreis* [Círculo de poetas], cujo principal objetivo era o esforço em construir, artisticamente, um mundo ideal. Durante os anos seguintes e sobretudo após a Primeira Guerra, a importância e a influência do Círculo de Stefan George nos meios intelectuais cresceriam consideravelmente.

Ao longo de toda sua vida, Stefan George (1868-1933) dedicou-se a escrever poesias, sem nunca, até onde sabemos, ter composto diretamente um drama, romance ou biografia. Também nunca foi professor universitário, não ocupou nenhum cargo político. No entanto, sua influência nas discussões sobre a cultura, a ciência e a política de sua

¹³MANN, Klaus. “Stefan George – Führer der Jugend”. In: *Auf der Suche nach einem Weg*. Berlim: Tansmare Verlag, 1931, p.130.

¹⁴George a Albert Verwey, 2 de maio de 1897. Apud: KARLAUF, Thomas. *Stefan George: Die Entdeckung des Charisma*. München: Pantheon Verlag, 2008, p.232. O discurso de Meyer foi publicado, ainda no mesmo ano, nos *Preußische Jahrbücher*, um dos mais influentes jornais da época.

época foi inegável, reconhecida e fundamental para compreender as diferentes visões de mundo e ciência que coexistiram sobretudo nas primeiras três décadas do século XX.

Stefan Anton George, como todos aqueles que posteriormente tomariam parte em seu Círculo, era membro de uma burguesia bem sucedida¹⁵. Proveniente de uma família de comerciantes (seu pai, Stephan George, era um comerciante de vinhos) sua estável condição financeira contribuiu para que desde jovem, George desenvolvesse suas aptidões artísticas e aquilo que viria a ser um dos principais traços de sua personalidade: ser um poeta viajante. Suas inúmeras viagens pela Europa durante o final do século XIX e início do século XX permitiram que o jovem poeta conhecesse outros poetas e intelectuais europeus, convivesse e aprendesse com eles.

George cresceu em meio à dominação francesa na parte alemã do Reno. Bingen am Rhein, sua cidade natal, foi controlada pelas tropas napoleônicas entre 1798 até 1814. Após o Congresso de Viena a cidade passou a pertencer ao Grão-ducado de Hessen e em 1871, com o processo de unificação conduzido por Bismarck, a cidade passou a fazer parte do recém-criado império alemão. Desde jovem, George nutriu uma admiração por Napoleão, que anos mais tarde seria considerado um herói, cujos valores deveriam ser preservados para o presente. Ao contrário, Otto von Bismarck significava tudo que George desdenhava: a Prússia protestante e a imposição de valores que não eram compatíveis com uma região que fora dominada anos a fio pelos franceses. Para George seria natural que uma afinidade cultural existisse com os franceses e não com os alemães. Essa atitude muda progressivamente a partir dos anos de 1910 e torna-se mais profunda após a Primeira Guerra, quando o Círculo buscou germanizar seus heróis.¹⁶

A influência francesa sobre George é inegável. Considerava o francês sua segunda língua materna, pois era o idioma que prevalecia em sua casa. Também em razão do domínio francês, o catolicismo era predominante nessa região. George cresceu em um ambiente fortemente marcado pelos rituais católicos, influenciado especialmente por sua

¹⁵A partir de Nipperdey, Carola Groppe trabalha com a distinção entre dois tipos de família uma família tradicional (*bäuerliche Familie*) e a família burguesa. Contrário à família tradicional a família burguesa prezaria pela valorização da individualidade e da demonstração dos sentimentos. Assim uma forma de vida tradicional, de caráter mais comunitário, colidiria com a nova forma individualizada de vida burguesa. Neste sentido, para Carola Groppe, George era um intelectual com um *habitus* tradicional [*bäuerlichen Habitus*]. Para Groppe esta forma de socialização será a predominante no Círculo de George. GROPPE, Carolla. *Die Macht der Bildung: das deutsche Bürgertum und der George-Kreis 1890-1933*. Köln, Weimar, Wien: Böhlau, 1997, pp. 119-120; 124.

¹⁶ É o caso da obra de Berthold Vallentin, *Napoleon*, publicado em 1922. Para George o livro de Vallentin era revolucionário e imprescindível. Napoleão é considerado uma figura supranacional. Sua mensagem era atemporal e universal. No entanto, o livro de Vallentin obteve pouca expressão e é pouquíssimo mencionado em estudos sobre o Círculo de George. Cf.: NORTON, Op. cit., p.643-644.

mãe, uma católica fervorosa. Os rituais católicos, bem como a ideia de uma ligação religiosa com um mestre, marcariam futuramente tanto sua poesia quanto a estrutura do círculo que o poeta formaria em torno de si¹⁷.

Em 1888, George iniciou uma série de viagens que foram fundamentais para sua consolidação enquanto poeta. Neste ano visitou Londres¹⁸, onde esteve em contato com o movimento estético cujo lema consistia na premissa hedonista de que a arte deveria existir para o prazer e a fruição. Essa crença, com algumas modificações, influenciaria as publicações de George nos últimos anos do século XIX. No entanto, a viagem mais significativa para a formação poética de George ocorreria no ano seguinte.

A viagem a Paris em 1889 foi crucial para que George compreendesse o papel do poeta na sociedade. Durante sua permanência em Paris, George conheceu alguns poetas simbolistas como Albert Saint Paul e Albert Mockel que o conduziram ao conhecimento do poeta que dominava a cena simbolista parisiense, Stéphane Mallarmé. O poeta francês mantinha, regularmente, em sua casa, encontros com diversos poetas e intelectuais que discutiam o papel da arte e da poesia simbolista. Mallarmé era considerado um profeta, um mestre por aqueles que frequentavam essas reuniões. Assim como George defenderia anos mais tarde, Mallarmé compreendia que a poesia era uma atividade para poucos, e somente os iniciados em sua arte seriam aptos para entendê-la. O poeta situava-se em uma posição privilegiada, cujo conhecimento poucos podiam partilhar.

Thomas Karlauf afirma que Mallarmé não deve ser considerado um modelo que George posteriormente procurou imitar. Segundo o autor, o poeta francês foi para George um ídolo, o que não significou que George o teria como mestre para sua vida e obra

¹⁷O catolicismo e seus ritos influenciaram consideravelmente os trabalhos de George. Muitas de suas poesias faziam referência aos valores católicos. O catolicismo liga-se com aquilo que George definiria como a identidade alemã que prezaria os valores espirituais e a vida em comunidade. O protestantismo era associado ao intelectualismo e ao processo de racionalização. Esses ideais tendem a se modificar a partir de 1910. Essa modificação tende a se aprofundar durante a República de Weimar. KARLAUF, Thomas. *Stefan George: Die Entdeckung des Charisma*. Der Pantheon Verlag, 2008, pp.307-309. Na introdução ao terceiro *Jahrbuch für die geistige Bewegung* o protestantismo aparece em oposição ao catolicismo. “Unsre ablehnung des protestantismus hat darin seinen grund dass er die voraussetzung bildet zur liberalen, zur bürgerlichen, zur utilitären entwicklung. Dass ein enger zusammenhang besteht zwischen der protestantischen und der kapitalistischen weil ist keine böswillige unterstellung, sondern durch die klassische schrift Max Webers unwiderleglich begründet worden. Überall wo der katholizismus herrschte war er ein bollwerk gegen diese welt.” Importante também a menção à *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo* de Max Weber, pois mostra a preocupação dos georgeanos em fundarem, teoricamente, suas críticas à sociedade moderna. Cf.: GUNDOLF, Friedrich; WOLTERS, Friedrich. *Jahrbuch für die Geistige Bewegung*. Verlag der Blätter für die Kunst, 1910, p. VII.

¹⁸De acordo com Thomas Karlauf, biógrafo mais recente de George, essas viagens foram significativas para a abertura homossexual de George, marcando assim um novo começo, o nascimento da poesia a partir do espírito do erótico masculino. Cf. KARLAUF, Op.cit., pp.70-72.

durante os próximos anos. Mallarmé ensinou a George dois pontos muito importantes. Primeiramente, a forma pela qual um poeta deveria conduzir sua vida e depois, a necessidade de entender que a poesia não constituía somente um campo da linguagem, mas que possuía um significado para a vida em si. Todavia, George, enquanto “mestre”, jamais encontraria outro “mestre” a não ser ele próprio. Para Robert Norton, a convivência com o grupo simbolista francês foi importante para que George encontrasse um sistema de crenças que garantissem a supremacia do poeta, portanto também a sua própria. Porém para Norton, o esforço para dominar o mundo, em George, não era apenas uma metáfora, transformou-se em uma crença que o poeta fixou para toda a sua vida¹⁹.

1.2: As *Blätter für die Kunst* : um esboço para o Círculo de Stefan George

Em 1889, George matriculou-se na Universidade de Berlim, onde frequentou alguns cursos sobre língua francesa e filosofia. No âmbito de Berlim, cidade cosmopolita e com intensa vida cultural, onde vários círculos intelectuais se entrecruzavam, George encontrou um solo fértil para desenvolver seus ideais poéticos. A ideia de reunir, regularmente, em torno de si um grupo de intelectuais viria somente alguns anos depois.

Ao que tudo indica, a ideia de fundar uma revista que fosse publicada regularmente surgiu durante sua viagem a Paris e de seu relacionamento com os simbolistas franceses os quais mantinham um periódico, *La Plume*²⁰, publicação que mais tarde noticiaria a nova publicação alemã, as *Blätter für die Kunst* [Folhas para a arte]. Durante a década de 1890, Stefan George esteve totalmente engajado na publicação das *Blätter für die Kunst*. Assim,

¹⁹NORTON, Robert. *Secret Germany: Stefan George and his circle*. New York: Cornell University Press, 2002, p.78.

²⁰Existiam outros periódicos como *Le Mercure de France*, *L'Ermitage* e *Floréal*. No entanto, George parece ter se envolvido somente com o grupo em torno de *La Plume*. No primeiro número da revista vinculada à George, *Blätter für die Kunst*, em 1892, aparece um tributo a Mallarmé, que depois foi reimpresso em 1903 no oitavo livro de poesias de George, *Tage und Taten*. Em 1887, durante os anos do ginásio em Darmstadt, George e outros dois colegas, Carl Rouge e Artur Stahl, fundaram uma revista escolar intitulada *Rosen und Disteln*. No prefácio constava a preocupação dos editores em “eliminar artigos de conteúdo político e religioso”. A revista tinha a intenção de entreter os leitores através de novelas, ensaios, poemas e demais textos literários. Embora em 1901 George tenha publicado seus poemas da juventude reunidos em *Die Fibel*, os dois poemas seus publicados em *Rosen und Disteln* nunca foram publicados novamente. Segundo Norton já aparecem nessa publicação indícios dos ideais estéticos e artísticos de George, que serão reafirmados nas *Blätter für die Kunst*. NORTON, Op.cit.,p.29-30. Também em KARLAUF, Op.cit.,p.57-59.

foi a partir da reunião daqueles que publicavam e acompanhavam a revista que o Círculo em torno de George, de caráter aristocrático e hierárquico, começaria a se formar.

As *Blätter für die Kunst* foram publicadas entre 1892 e 1919, de forma bastante irregular, com uma longa interrupção durante os anos da Primeira Guerra. Embora George controlasse a publicação, era Carl August Klein²¹ quem, desde o primeiro número, assinou como editor oficial. As *Blätter* constituíram o meio oficial através do qual George promulgou sua própria versão daquela “nova arte” que havia aprendido em Paris. A partir da virada do século até o início da Primeira Guerra, foram nas *Blätter für die Kunst* que as doutrinas do Círculo, as quais faziam referência a uma nova forma de viver, encontraram expressão. Já no começo do século XX contribuir para as *Blätter* significava também aceitar um novo código e um conjunto de novos valores. Se num primeiro momento, as *Blätter* encarnaram somente um espírito literário, um meio aberto às novas tendências da arte, a partir do final do século XIX elas se tornaram, cada vez mais, sinônimo de Stefan George e de seu Círculo, embora o fato de publicar na revista não significasse ser, necessariamente, um membro reconhecido do Círculo.

O primeiro número das *Blätter* foi publicado em outubro de 1892²², com uma tiragem de cem exemplares, que foram distribuídos, cuidadosamente, a grupos de leitura específicos e determinados. Contribuíram para este número, além do próprio George, seu amigo dos tempos de escola, Carl Rouge, o poeta belga Paul Gerárdy²³, o escritor austríaco Hugo von Hofmannstahl²⁴ e Edmund Lorm, pseudônimo usado pelo próprio George.

²¹São poucas as informações sobre o jovem de Darmstadt, August Klein. George o conheceu no semestre de inverno entre 1889/90, quando ambos frequentavam a Universidade de Berlim. Klein é considerado como o primeiro discípulo de George, que abraçou seus ideais sem questioná-los. Klein foi um tipo de secretário particular de George. Cuidava dos trâmites das publicações de suas obras e mesmo de sua correspondência. A adição de Carl ao primeiro nome de Klein foi dado por George pois considerava que Klein tinha um papel semelhante ao do Duque Carl August na vida de Goethe. Embora o nome de Klein tenha permanecido na publicação até 1919, salvo raras exceções, seu afastamento da publicação ocorreu em meados da década de 1890, dada sua opção profissional pelo teatro. No entanto, sua lealdade a George permaneceu inalterada. KARLAUF, Op.cit.p.108-9;111-2.

²²Segundo Wolters a decisão de fundar uma revista literária data de 1890. Sua materialização somente em 1892 deve-se ao envolvimento de George na publicação de três livros de poesia, *Hymns* em 1890, *Pilgerfahrten*, em 1891 e *Algabal* no início de 1892. Após esse processo, segundo Karlauf, George teria passado por um processo de depressão e crise criativa. KARLAUF, Op. cit.,p.99; 109.

²³Paul Gerárdy conheceu George por intermédio de Albert Mockel. Paul Gerárdy nasceu em 15 de fevereiro de 1870, em um pequeno distrito ao lado de Malmedy, na região administrativa prussiana de Aachen. Tal como George, a família de Gerárdy era comerciante de vinhos. Gerárdy publicou até o sétimo número da revista, em 1904. Uma das razões para Gerárdy romper com George foi sua opção por seguir a carreira de jornalista. Em 1914 Gerárdy fugiu para a Inglaterra e, mesmo depois da guerra, não retomou contato com George.

²⁴O relacionamento de George com Hofmannstahl foi um dos mais conturbados na vida de George. Em 1891 George conheceu Hofmannsthal durante uma viagem a Viena. De acordo com os biógrafos de Stefan George, o encontro com Hugo von Hofmannsthal significou o encontro com aquilo que George entendia como o ideal

Significativo nesta edição da revista foi o prefácio, o qual afirmava que a publicação prezava o princípio simbolista da arte pela arte e que não tinha nenhuma pretensão de envolver-se nas questões de cunho político, econômico ou social. O prefácio deixava evidente o desejo de reativar a arte a partir de um novo ideal. Nesta primeira publicação não está ainda exposta, de maneira explícita, a intenção posterior dos georgeanos de tentar modificar a realidade a partir da arte. Ainda não se encontram também as propostas acerca da ciência e do papel do poeta enquanto condutor e guia da sociedade, aquele que expressa a estabilidade frente ao caos.

O nome dessa publicação diz bem em parte o que ela almeja: servir à arte especialmente à poesia e à literatura, separar-se de todo o estado e o social. [...] uma arte pela arte – e está assim em contrapartida com escolas inferiores e consumistas das quais provém uma falsa compreensão da realidade. Ela também não pode ocupar-se com o melhoramento do mundo e todo o sonho de felicidade [...] está em outra área que não a da poesia. [...] Em um brilhante renascimento da arte acreditamos nós.²⁵

É preciso ressaltar que, nesse momento, ainda não há um grupo formado em torno de Stefan George. Será a partir daqueles que publicavam nas *Blätter* que o Círculo de Stefan George tomará forma. A revista será também um meio através do qual George recrutará seus discípulos. Neste momento podemos afirmar que são poetas, com interesses em discutir a situação literária de seu tempo, que estão próximos a George. Paul Gerárdy, Hofmannsthal, Carl August Klein e também os simbolistas não se inserem naquilo que denominamos como círculo de Stefan George e não irão compartilhar dos ideais, que não serão somente estéticos, vinculados a George e seu grupo.

Será na virada do século e também devido às influências de intelectuais como Karl Wolfskehl, Friedrich Wolters e Friedrich Gundolf, que George dará forma e conteúdo ideológico a seu Círculo. Sobretudo na década de 1920, os intelectuais ligados a George

do artista. Hofmannsthal, chamado por George de “mein Zwillingsbruder”(meu irmão gêmeo) após anos de uma convivência turbulenta com George afastou-se definitivamente do poeta em 1906. As razões seriam as perseguições e pressões feitas por George, para que o jovem austríaco participasse efetivamente de seu Círculo, o que nunca aconteceu. Além disso, Hofmannsthal não aceitava o ideal de George de uma arte elitizada que contemplaria somente os iniciados. NORTON, Op.cit.,pp.95-107;KARLAUF, Op.cit.,pp.9-27 e BREUER, Op.cit. pp.128-148. No intuito de detectar as relações de poder que circunstanciaram Stefan George e seu Círculo, Carola Groppe afirma que George aproximou-se de Hofmannsthal porque reconhecia a influência deste no cenário literário de Viena. Portanto Hofmannsthal representaria o acesso de George a importantes grupos literários europeus. GROPPE, Carolla. Op.cit., p.98-99.

²⁵*Blätter für die Kunst* I.Folge I. Band. In: LANDMANN, Georg P. (Hg.) *Der George Kreis: Eine Auswahl aus seinen Schriften*. Köln/Berlin: Kiepenheuer & Witsch, 1965, p.15.

ocuparam importantes cargos de docência em diferentes universidades alemãs. Nesse sentido sua influência nas discussões acerca da ciência, principalmente nas *Geisteswissenschaften*, foram importantes. Além disso, o modelo interpretativo proposto pelos georgeanos foi adotado e apoiado por intelectuais e estudantes. Portanto, não devemos encarar o círculo de Stefan George como um séquito isolado dentro da cena intelectual alemã do período. Ao contrário, sua participação nos debates tanto sobre as ciências como sobre a sociedade, foi importante e considerável. Por tal razão, pode ela evidenciar uma faceta significativa da intelectualidade alemã durante a República de Weimar.

1.3: O primeiro grupo: Karl Wofshehl, Friedrich Gundolf e Friedrich Wolters

Em seu trabalho sobre o Círculo de Stefan George, Carolla Groppe faz uma distinção clara entre três grupos geracionais que tomaram parte no Círculo de George. Nesse sentido, a primeira geração diria respeito ao *Dichterkreis* em torno das *Blätter für die Kunst*. Este era formado de maneira muito irregular, pois não havia a ideia de um grupo constante e hierárquico. De maneira geral, esse grupo esteve presente do primeiro número das *Blätter für die Kunst*, em 1892, até o sétimo número, em 1904²⁶.

O segundo e o terceiro grupos – que nos interessam também neste trabalho – dariam ao Círculo de George, segundo Groppe, o aspecto de uma formação social, devido sobretudo à homogeneidade de seu extrato social. Os membros do Círculo dessas duas gerações foram escolhidos dentre os jovens acadêmicos alemães, todos oriundos da burguesia alemã e a iniciar sua formação acadêmica. Por tal razão, Groppe considera que George e seu Círculo constituíram um espelho da sociedade burguesa na Alemanha durante

²⁶A meu ver, a classificação deste primeiro grupo como parte do Círculo parece estranha. Isso porque ainda não há a própria ideia de um Círculo, nem mesmo por parte de George. Acredito que há um grupo reunido em torno do ideal de criticar e discutir um novo tipo de arte, mas que não estão reunidos por valores comuns em relação ao modo de vida e que acreditem no papel de guia do poeta, no caso, de George. Nessa “primeira geração” poderíamos incluir os nomes de Richard Perls, Carl August Klein, Melchior Lechter, Karl Wofshehl, Paul Gerárdy, Hugo von Hofmannsthal, Ludwig Derleth, Leopold von Adrian, entre outros. Cf.: GROPPE, Carolla. *Die Macht der Bildung: das deutsche Bürgertum und der George-Kreis 1890-1933*. Köln, Weimar, Wien: Böhlau, 1997, p.45.

as três primeiras décadas do século XX, pois discutiram temas que foram amplamente debatidos pela burguesia culta alemã do período.²⁷

Os membros da segunda geração eram aqueles nascidos entre as décadas de setenta e oitenta do século XIX, cuja participação no Círculo se dera a partir de 1899. Seria sobre essa segunda geração, que George, pela primeira vez, exerceria sua influência, como uma espécie de tutor. Destacam-se desta geração os nomes de Friedrich Gundolf e Friedrich Wolters. A terceira geração foi recrutada pela segunda tendo as mesmas características sociais e culturais. A terceira geração desempenharia um papel efetivo no Círculo principalmente durante a República de Weimar. Dessa geração destacam-se Ernst Kantorowicz, Ernst Bertram e os irmãos Claus²⁸ e Alexander Graf von Stauffenberg.

Em sua maioria, os jovens que integraram o Círculo durante as três primeiras décadas do século XX, optaram por uma formação universitária na área das ciências humanas e, posteriormente, alcançaram algum cargo de professor em universidades. Gundolf, por exemplo, foi professor de Germanística em Heidelberg e Ernst Kantorowicz foi professor de história medieval em Frankfurt am Main. Para Groppe, a formação burguesa do Círculo de George é um fator que deve ser considerado, pois será a partir do *habitus* dessa burguesia que os georgeanos irão discutir as questões acerca da vida acadêmica, da situação da ciência e da *Bildung* dos finais do século XX até o fim da República de Weimar. De acordo com a autora, o grupo em torno de George precisa ser entendido também como uma formação social que reflete um processo de aburguesamento da sociedade alemã. Não há uma recusa dos ideais burgueses, mas sim uma tentativa de resguardar o lugar social dessa burguesia culta, a *Bildungsbürgertum*,²⁹ frente aos novos valores da sociedade industrial.

Quanto à preocupação dos georgeanos com os jovens de sua época, é preciso salientar que não constituíam uma exceção. De acordo com Thomas Nipperdey, a

²⁷GROPPE, Carola. Op.cit.,p.47. A autora destaca as discussões acerca da *Bildung, Kultur, Gesellschaftsreform* e a crise do ensino.

²⁸O Conde Claus Von Stauffenberg ficou conhecido por sua liderança na tentativa de golpe contra Hitler, em 20 de julho de 1944. Foi fuzilado no dia seguinte. Rudolf Fahrner, outro georgeano participou do atentado contra Hitler. Fahrner, que em 1928 fora nomeado professor de Literatura Alemã na Universidade de Marburg, aproximou-se de George através de Wolters que entre 1919-1923 lecionara na mesma universidade. Membro das SA, Fahrner era próximo dos irmãos Stauffenberg.

²⁹Koselleck aponta a importância desse grupo social para a consolidação do moderno conceito de história. A burguesia culta ao mesmo tempo de desenvolveu uma consciência histórica, se apropriou de sua identidade. A história [*Geschichte*] “foi transformada em conceito central daquela burguesia que, nesses decênios, se ampliou de uma burguesia de eruditos, um *Gelehrtenbürgertum*, para uma burguesia culta, uma *Bildungsbürgertum*.” Cf.: KOSELLECK, Reinhardt. “A configuração do conceito moderno de história”. In: MEIER, Christian; GÜNTHER, Horst; ENGELS, Odilo. *O Conceito de História*. Editora Autêntica: 2013, pp.185-187.

juventude tornou-se um problema amplamente discutido durante o fim do século XIX e as primeiras décadas do século XX. Para o autor, a “crise da juventude” foi uma realidade enfrentada diante das modificações sociais e culturais do período³⁰. Diante da ansiedade pela constituição de uma identidade, podemos afirmar que o Círculo de Stefan George ofereceu a muitos jovens a possibilidade de identificarem-se com uma específica visão de mundo e de uma forma de nele se situarem.

De acordo com Nipperdey, a preocupação com uma nova educação para a juventude, foi característico da virada do século. Vários movimentos possuíam como objetivo formar uma nova juventude a partir de uma crítica à cultura. Os *Jugendbewegungen* refletiram um momento de protestos que se opuseram ao rápido processo de mudança social, à forma de socialização burguesa e evidenciaram um conflito geracional durante as primeiras décadas do século XX. Opostos ao individualismo da sociedade de massas, o ideal de um *Volk* estava geralmente presente nas plataformas de tais movimentos. Unidos a partir do ideal de comunidade, eram marcados por uma união emocional, permeada por diversos rituais.³¹ Esses movimentos foram importantes para a formação de uma nova forma de sociabilidade, cultura e mentalidade na Alemanha de inícios do século XX. Em seu trabalho, Groppe considera o Círculo como integrado e em diálogo com os *Jugendbewegungen* da época. O Círculo de George proporcionava uma nova forma de sociabilização mediante identificação.

A partir da virada do século, ocorre uma modificação do grupo que se reunia à volta de George. O poeta não estará mais cercado somente por poetas em torno de um *Dichterkreis*. Serão jovens acadêmicos e professores universitários, todos provenientes de famílias burguesas, que estarão reunidos em torno do poeta. Ao mesmo tempo, o final da década de 1890 é marcado pela publicação do livro de poesia de George, de *Der Teppich des Lebens*³², e por uma reorientação na atitude e objetivos do poeta. Ao que parece, as

³⁰NIPPERDEY, Thomas. *Deutsche Geschichte: 1866-1918 :Band I: Arbeitswelt und Bürgergeist*. Munique: C.H. Beck, 1990, p.113. Também para Carola Groppe. A autora afirma existir um conflito de gerações entre os jovens e seus pais, acentuado pelo processo rápido de industrialização e das crescentes mudanças sociais. GROPE, Op.cit.,p.7.

³¹Op. cit. pp.118-123.Para Nipperdey o estilo de socialização da família burguesa caracterizado pelo distanciamento familiar, a repressão da espontaneidade e das emoções, marcado pelo autoritarismo do ambiente familiar e escolar contribuiu para a formação dos *Jugendbewegungen* como um espaço alternativo ao ambiente escolar/familiar. Um espaço para um outro mundo. Op.cit.,p.116-117.

³²*Der Teppich des Lebens* foi publicado em 1899. Para Norton, é essa a obra que marca a transformação de George em um poeta alemão, desvinculado da França. Em 1897 foi publicado *Das Jahr der Seele*, que contribuiu para a fama de George ainda pouco conhecido na Alemanha. Ainda hoje, *Das Jahr der Seele* é o livro mais acessível de George. NORTON, Op.cit., p.222-223. Segundo Karlauf, a partir de *Der Teppich des Lebens* será comum nas poesias de George o aparecimento de temas ligados ao próprio Círculo, o que

Blätter für die Kunst transformaram-se, gradualmente, no elitista e aristocrático *George Kreis*, a partir do início do século XX. Segundo Norton, as *Blätter für die Kunst* deixaram de ser uma revista literária para se transformarem, gradualmente, no catecismo georgeano. As *Blätter* passaram a constituir o veículo de disseminação e explicação oficial dos ideais de George e seu Círculo.

Essa reorientação foi acompanhada pelo abandono dos ideais simbolistas franceses e por uma guinada rumo às questões nacionais. O apelo à juventude, enquanto o grupo que poderia realizar os ideais promulgados por George e seu Círculo, torna-se evidente. A partir de 1900, o tom dos escritos de George e de seus discípulos torna-se mais urgente ao abordarem questões relacionadas com a identidade alemã, bem como com os problemas advindos do processo de modernização da sociedade. Os georgeanos passam a se preocupar em definir o caráter alemão, preocupação que se acentuará após o fim da Primeira Guerra³³.

A partir dessa reorientação, o Círculo ganhará um contorno hierárquico e George assumirá, definitivamente, seu lugar de mestre e mentor. O Círculo terá, explicitamente, um caráter pedagógico, de doutrinação de uma visão de mundo e de um modo de viver. A partir daqui, nenhuma publicação chegaria ao público sem o crivo do mestre. George se tornará o centro de seu próprio mundo.

1.3.1: Karl Wolfskehl e o *Kosmiker Kreis*:

transparece também em uma linguagem cada vez mais hermética e enigmática. O ideal da *schönes Lebens* domina a temática do livro. KARLAUF, Op.cit., p.207;267-268.

³³Até onde pude ter acesso, essa mudança de orientação parece se evidenciar nos prefácios das *Blätter für die Kunst*, após 1900. Os temas sobre *Kultur*, o papel do poeta na sociedade e a crítica à sociedade de massas tornam-se mais patentes. Além disso, o papel transformador do indivíduo na sociedade parece também ganhar força em relação aos temas anteriores que diziam respeito às críticas literárias e sobretudo ao naturalismo. Um trecho da sétima edição *Blätter* de 1904 deixa isso claro: “Niemals war wie heute eine herrschaft der massen. niemals daher die tat des einzelnen so fruchtlos. Wohl sind zeiten und gelegenheiten denkbar. wo auch der Künstler es für nötig hält das schwert des kampfes zu ergreifen: über Allen diesen weltenstaats- und gesellschafts-wälzlung steht er aber als bewahrer des ewigen feuers.” *Blätter für die Kunst*. VII Folge. In: LANDMANN, Georg P. (Hg.) *Der George Kreis: Eine Auswahl aus seinen Schriften*. Köln/Berlin: Kiepenheuer & Witsch, 1965, p.69. A arte é compreendida como uma possibilidade de rompimento com a sociedade moderna. “Heut ist wirklich “die Kunst ein bruch mit der Gesellschaft”. *Blätter für die Kunst*. Folge VIII. In: Op. cit., p.71. (Sigo a ortografia original. Por esta razão muitos substantivos estão grafados com a inicial minúscula).

Fundamental para esta reorientação dos objetivos de George quanto ao grupo que se reunia em torno de si, foi seu contato, primeiro com Karl Wolfskehl e posteriormente com Friedrich Wolters. Wolfskehl (1869-1948) foi o principal colaborador de George entre 1894 e 1904, e sua amizade com George perdurou até a morte do poeta em 1933. Nascido em 1869 em Darmstadt e descendente de judeus³⁴, Wolfskehl provinha de uma família bem sucedida de banqueiros. Na Universidade de Gießen cursou História, Arqueologia e Ciências da Religião. Interessou-se por George depois que um amigo lhe apresentou a primeira edição das *Blätter*. Wolfskehl conheceu George através de Carl Rouge, um colega de infância do poeta. O fanatismo de Wolfskehl, seu esforço em encontrar jovens dispostos a seguir George e o aspeto religioso, marca de sua relação com George, caracterizaram sua duradoura amizade com o poeta.³⁵

No terceiro número das *Blätter für die Kunst*, saído em 1896, Wolfskehl publicou um pequeno texto de somente duas páginas intitulado *Der Priester vom Geiste*. Wolfskehl procurou neste pequeno artigo exaltar as características proféticas e míticas de George. A contribuição fundamental de Wolfskehl foi sua preocupação em tornar George uma peça fundamental do mundo real. Para Wolfskehl, era imprescindível que o poeta assumisse sua posição de líder frente à sociedade. O poder criador da palavra em George deveria tornar-se ação no mundo real. Wolfskehl contribuiu sobremaneira para a constituição da figura mítica e enigmática de George, o que, certamente o poeta incorporou.

Um novo sacerdócio [*Priestertum*] foi iniciado, um novo reino para os crentes [*Gläubigen*]. Florescente a alma do criador sente indizíveis alegrias. [...] O caminho para a vida foi encontrado, o caminho sagrado, sobre o qual cada escrito é como uma canção de triunfo. [...] ele tornou-se visto. Todo o conhecimento misterioso brilha em seus olhos.³⁶

Faz-se necessário mencionar uma experiência da vida de Stefan George e importante também para a concomitante formação de seu círculo. Entre 1893 e 1903, ao

³⁴ A participação de judeus no Círculo foi bastante expressiva. Os principais nomes do Círculo provinham de família judaica. Para Carola Groppe, o Círculo era uma possibilidade dos judeus se integrarem em meio à burguesia culta alemã. A autora considera também que o Círculo era um meio pelo qual era possível tomar parte em uma cultura conservadora e, ao mesmo tempo, proteger-se de ressentimentos antissemitas. GROPPE, Carola. Op.cit.,p.533-534.

³⁵ Muito importante para a constituição do Círculo foi o salão mantido por Wolfskehl e sua esposa, Anna, em sua residência em Munique. George aproveitou-se dessas reuniões para aproximar-se e atrair para si a burguesia culta. Em Berlim, George frequentou o “Berliner Freundkreis” mantido na residência do casal Reinhold e Sabine Lepsius, ambos pintores. Nesses salões, George conheceu com jovens professores e estudantes universitários e familiarizou-se com eles . Cf.: GROPPE, Op.cit.,p.131;139.

³⁶ WOLFSKEHL, Karl. “Der Priester vom Geiste”. *Blätter für die Kunst, III Folge, 1896*. In: LANDMANN, Op. cit., p.23.

lado de Wolfskehl, Ludwig Klages e Alfred Schuler³⁷, George participou do *Kosmiker Kreis* em Munique. O *Kosmiker Kreis* era um pequeno grupo que se reunia em torno de Alfred Schuler. De maneira geral, partilhavam das críticas à sociedade moderna e acreditavam poder reestabelecer a importância do passado a partir de uma experiência mítica. O *Kosmiker Kreis* foi mais um grupo unido mediante experiência de fundo religioso que ganhou espaço a partir do fim do século XIX e que tomou forma em outros grupos de jovens e intelectuais.

Embora George tenha conhecido Klages em 1893, o contato com os *Kosmiker* acentuou-se somente a partir de 1900, após a mudança de Wolfskehl para Munique. O centro deste círculo era Schuler, George e Wolfskehl não estavam nesse caso no centro do poder. A experiência de tomar parte no *Kosmiker Kreis* serviu para George como modelo de um grupo fechado de amigos que se congregavam a partir de preceitos comuns, embora no posterior Círculo de Stefan George esse propósito apareça de forma mais organizada e evidente. A experiência no *Kosmiker* foi importante para que George deixasse de ser um poeta simbolista para transformar-se, posteriormente, no centro de seu próprio Círculo, em um tipo de profeta, guia para o futuro.

Alfred Schuler havia estudado arqueologia e direito em Munique e tornou-se depois um intelectual independente. De acordo com Paul Bishop, a influência de Schuler sobre George teve uma importância considerável na posterior formação do próprio Círculo do poeta. Embora o pensamento dos membros dos *Kosmiker* fossem bastante heterogêneos, prevalecia a crença no irracional e uma postura anti-intelectual. Para Norton, Schuler influenciado pelo misticismo do intelectual suíço Johann Jakob Bachofen, desejava reviver as experiências do passado e ressuscitar o mundo antigo. Schuler defendia uma certa popularização dos valores romanos, período considerado por ele como exemplar e ideal. Segundo Norton esse foi um aspecto central absorvido por George, embora tenha se manifestado depois de forma diferente, por parte do poeta.³⁸ George, que tinha por costume dedicar poemas aos amigos, na segunda edição (1898) de *Das Jahr der Seele* (1897)

³⁷Há uma confusão de datas e informações a respeito do primeiro encontro de George com Klages e Schuler. Ao que parece George encontrou Klages em Munique pela primeira vez em 1893 durante uma discussão sobre o trabalho de um artista holandês, Jan Toorop. Com Schuler parece ter-se encontrado em outubro de 1893 em um café de Munique. Há também o relato de que George teria encontrado Schuler somente em 1897 por intermédio de um psiquiatra que estava estudando Schuler. Cf. BISHOP, Paul. "Stefan George and The Munich Cosmologists". In: RIECKMANN, Op. cit., p.164-165.

³⁸NORTON, Robert. Op. cit. pp.296-300. Segundo Norton, haveria outras influências de Schuler em George com relação ao homossexualismo, hermafroditismo e androginia que, de acordo com Norton, estão presentes na obra de George, *Algabal*, publicada em 1892. Não encontrei, até o momento, muitos estudos sobre o *Kosmiker Kreis*. Sobre o amor supra-sexual presente em Bachofen, ver NORTON, Op. cit., p.301.

dedicou um poema a Alfred Schuler. Um poema dedicado a Klages apareceu ainda na primeira edição.

Dentre os membros do *Kosmiker*, excetuando-se obviamente Wolfskehl, Ludwig Klages, que possuía doutorado em química, foi o mais próximo a George. Nas *Blätter* de 1894 foram publicados alguns textos fragmentados de Klages. No entanto sua principal contribuição foi a publicação em 1902 de seu livro sobre Stefan George cujo título era o próprio nome do poeta. Em sua interpretação da poesia de George, Klages considerou que a partir dela “uma nova era estava sendo inaugurada.”³⁹ Em seu *Stefan George*, Klages criticou o progresso enquanto uma “perniciosa e rasa versão da realidade.” Klages via na poesia de Stefan George a possibilidade de “reviver a fé que havia sido perdida desde os dias do Romantismo.” As críticas de Klages à sociedade moderna faziam também parte do escopo de críticas disseminado pelos georgeanos. No entanto, Klages admirava a poesia de George e não a personalidade do poeta em si. Era a poesia e não o poeta enquanto profeta que deveria assumir seu lugar na realidade.

Próximo a George até 1895, Klages se afastou dele e das *Blätter*, por considerar que a revista tornava-se cada vez mais personalizada por George⁴⁰. Na verdade, Klages sempre manteve uma relação tensa com George pois nunca pode aceitá-lo como mestre em uma relação hierárquica. A principal razão para a dissolução do *Kosmiker Kreis* foi a antissemitismo de Klages e Schuler, que voltou-se sobretudo contra Wolfskehl, que era descendente de judeus⁴¹.

Segundo Bishop as influências do convívio com o *Kosmiker Kreis* não pode ser desconsiderada. A influência de Schuler e sua glorificação dos tempos antigos, bem como de uma possível presentificação do passado foram importantes. De Klages, provinha a

³⁹KLAGES, Ludwig. *Stefan George*. Berlim: George Bondi: 1902, p.7 Apud: NORTON, Op. cit.,p.288. Também a citação posterior em KLAGES, p.8 Apud NORTON p.288.

⁴⁰Um fator que auxiliou que George mantivesse sua proximidade com Klages foi a especialidade deste último em grafologia. George enviou cartas de Albert Verwey, Carl August Klein, Melchior Lechter, Hofmannsthal entre outros para serem analisadas por Klages. Em 1896, Klages, junto com o psiquiatra Gerog Meyer e com o grafologista Hans Hinrich Busse fundou a Sociedade de Grafologia Alemã. BISHOP, Op.cit.,p.168. Em 1905 Klages processou judicialmente George e Gundolf . Nas *Blätter* de 1904 aparecia uma foto com os contribuidores da publicação, inclusive Klages. Além disso, Gundolf usara um trecho de uma poesia de Klages como epígrafe para seu próprio poema. NORTON, Op.cit.p.346.

⁴¹Segundo Breuer, uma outra possível razão que contribuiu para o rompimento de George com os *Kosmiker* foi seu conhecimento com Maximilian Kronberger em fevereiro de 1903. Para o poeta, Maximin (como era designado por George) representava todo o belo e divino e foi considerado como um semi -deus. Sua morte prematura em 1904 com apenas 16 anos gerou uma série crise em George. Houve um aspecto ritualístico em torno da experiência de George com Maximin cujo culto foi incentivado pelo poeta. Para Breuer o relacionamento com Maximin interferiu e atrapalhou o relacionamento de George com o *Kosmiker Kreis*. BREUER, . *Ästhetischer Fundamentalismus: Stefan George und der deutsche Antimodernismus*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft:1995 p.64.

manutenção da crítica à sociedade moderna e ao individualismo. Bishop sublinha sobretudo, a influência ritualística adquirida através da experiência com Schuler, Wolfskehl e Klages. Além disso a convivência com esses pensadores despertou ainda mais o interesse de George pela aura do mistério e do ocultismo que, de alguma forma, emoldurou seu Círculo.

Fora dos *Kosmiker Kreis*, George estava disponível para dedicar-se exclusivamente à realização efetiva de seu Círculo. Com Wolfskehl e Gundolf, o Círculo ganharia novos adeptos e se consolidaria pelos anos subsequentes. Logo depois da virada do século, Kurt Breysig, historiador e professor na Universidade de Berlim, apresentou ao poeta aquele que considerava um de seus melhores estudantes, Berthold Vallentin⁴², o qual, por sua vez, aproximou-se de Friedrich Wolters que junto às contribuições de Wolfskehl e Gundolf, finalizaria as propostas do Círculo de George. No início do século, George possuía seus principais seguidores: Wolfskehl, Gundolf e Wolters. Pelas três décadas seguintes, embora outros intelectuais de respeito fossem associados ao grupo⁴³, seriam eles os três principais nomes deste fenômeno cultural misterioso, conhecido por *George Kreis*.

1.3.2: Friedrich Gundolf: o primeiro *Jünger*

No seu esforço por encontrar novos jovens dispostos a compartilhar os ideais de George, em 1899, Wolfskehl apresentou ao mestre aquele que seria seu primeiro fiel e disciplinado discípulo, Friedrich Gundolf. Anos mais tarde, a biografia de Goethe por Gundolf (1916) venderia mais de 50 mil exemplares e seria a mais bem sucedida publicação vinculada ao Círculo de Stefan George.

Friedrich Gundelfinger (1880-1931; a abreviação do nome para Gundolf foi uma sugestão de George que veio a prevalecer como sobrenome) era filho de um bem sucedido

⁴²Berthold Vallentin, nasceu em 1877 em Berlim também em uma família de judeus. Estudou a partir de 1895 Direito e História na Universidade de Munique, Berlim e Kiel. Conheceu George a partir de Wolters.

⁴³Neste ínterim George conheceu Ernst Morwitz. Posteriormente Morwitz tornou-se advogado e principal conselheiro jurídico de George. Depois de 1933, Morwitz, devido à sua ascendência judaica, refugiou-se nos Estados Unidos, onde continuou a defender o legado de George. A partir de Gundolf, George conheceu Robert Boehringer em 1905. Boehringer manteve sua amizade com George até a morte do poeta e sua principal função foi preservar-lhe a memória.. Foi designado como herdeiro legal de George e responsável pela fundação do *Stefan George Archive* em Stuttgart. Boehringer publicou as cartas e manuscritos do poeta e em 1951 publicou seu estudo *Mein Bild von Stefan George*.

professor de matemática na escola técnica de Darmstadt. Por sua participação na comunidade judaica conheceu o pai de Wolfskehl e a este em 1899, em Munique, onde estudava germanística. Wolfskehl apresentou Gundolf a George. Em 1903, na Universidade de Berlim, Gundolf doutorou-se com seu trabalho *Caesar in der deutschen Literatur* sob orientação de Wilhelm Dilthey e Heinrich Wölfflin. Em 1910, Gundolf mudou-se para Heidelberg, onde conclui sua tese de livre docência, *Shakespeare und der deutsche Geist*, acompanhada de perto pelo historiador Eberhard Gothein e Alfred Weber. Sua obra foi admirada por Rainer Maria Rilke e Dilthey que lera o livro de Gundolf pouco antes de seu falecimento.

Gundolf encarnava todos os requisitos para ingressar no Círculo de Stefan George. Era jovem, bonito e intelectualmente bem sucedido⁴⁴. Durante os anos de 1916 a 1920, Gundolf foi professor de germanística em Heidelberg, e o principal representante do Círculo na cidade. Por anos, até os finais dos anos 1920, Gundolf foi o principal companheiro e confidente de George, posição ocupada posteriormente por Ernst Kantorowicz (1895-1963).

O início do relacionamento com Wolfskehl e George é caracterizado por Gundolf como “uma nova época” em [sua] vida, [...] e talvez a mais bela”⁴⁵. As cartas trocadas entre o poeta e o jovem Gundolf são marcadas por um profundo apelo emocional. George aparece para Gundolf como o mestre de sua vida e guia para sua obra. Ainda em 1899, Gundolf escreve a George:

[...] eu gostaria de saber para cada produção, se eu estou no caminho certo; sou muito jovem e turvo [*dunkel*] para reconhecer sozinho este caminho. Poderia o senhor, tal como sua obra e suas palavras, agora pessoalmente ser meu guia [*Führer*], então, venerável mestre, ninguém mais seria tão grato quanto seu fiel admirador.⁴⁶

⁴⁴George busca reativar o ideal grego de *Kalokagathia*, ou seja, a beleza é compatível com o desenvolvimento espiritual, com a *Bildung*. Assim o *schöne Leib* está ligado, para os georgenos, à força criativa e assim torna-se também parte da formação do Círculo de George e requisito importante de admissão. Um *schöne Leib* vai de encontro com uma *schönen Leben*. GROPE, Op. cit., p.415.

⁴⁵Friedrich Gundolf a Karl e Hanna Wolfskehl, 2/9/1899. KLUNCKER, Karlhans (Hg.) *Karl und Hanna Wolfskehl Briefwechsel mit Friedrich Gundolf 1899-1931*. Bd.1. Amsterdam: Castrum Peregrini, 1977, p.53.

⁴⁶Friedrich Gundolf a Stefan George, 8/8/1899. BOEHRINGER, Robert; LANDMANN, Georg Peter (Hg.) *Stefan George-Friedrich Gundolf: Briefwechsel*. Munique/Düsseldorf: Helmut Küpper, 1962, p.33

A relação de veneração entre Gundolf e George intensificou-se após a virada do século⁴⁷. Em seu ensaio, *Gefolgschaft und Jüngertum*, publicado em 1908/1909 no oitavo número das *Blätter für die Kunst*, afirma que a relação entre o *Jünger* e seu mestre é construída mediante uma relação afetiva irracional, cujo principal elemento é seria a veneração. Gundolf projetou seu próprio relacionamento com George como base para a constituição de uma comunidade centrada no próprio poeta.

A ideia de escrever biografias que tinham como centro os valores e ideais de grandes homens, parece ter surgido com Gundolf. George mesmo não era familiarizado com a escrita biográfica. Foi Gundolf quem apresentou a George a ideia central que guiaria todas as produções biográficas vinculadas aos georgeanos ou seja, de que o espírito dos grandes homens do passado poderia ter uma ação normativa e clarificadora para o presente⁴⁸. Para Karlauf o desejo de unir passado e presente através da figura heroica fascinava Gundolf, com o que George concordou prontamente e utilizou, pois o passado tornou-se inspiração para os ideais e a manutenção de seu Círculo.

Podemos afirmar que Gundolf foi o primeiro verdadeiro discípulo de George. Com o jovem estudante, George reafirmou sua autoridade sobre a vida individual de seus discípulos, interferindo mesmo na esfera acadêmica e pessoal de suas vidas. Ao que parece, a partir de Gundolf, tomar parte das premissas de George, significará, em parte, abrir mão de sua própria identidade e assumir uma identidade vinculada estreitamente à de Stefan George. Nenhum intelectual que fosse próximo a George conseguiria ter sua obra desvinculada do próprio poeta. Gundolf representou o início da missão pedagógica de

⁴⁷A relação de cunho estritamente emocional entre Gundolf e George é perceptível pelas cartas trocadas entre 1900 e 1914. Em carta a Gundolf, datada de 3 de abril de 1900, George enviou a Gundolf os versos de Jean Paul: “Ich sah dich und ich liebte dich. ich sah dich nicht mehr und ich liebte dich. So muss ich dich immer lieben, ich mag nun frohlocken oder weinen tief im herzen.” Em carta de 15 de abril do mesmo ano, Gundolf escreveu a George: “ Dass ich Sie liebe bürgt mir, dass Alles was ich Ihnen danken darf und nie genug danken kann in meinem Leben nicht nur höchste Augenblicke bleiben, Gipfel durch viele Schluchten oder Niederungen getrennt, sondern dass ich immer auf de Höhen schreiten darf und immer mit Ihnen. Denn auch wenn ich Ihnen nichts mehr sein dürfte – was niemals kommern möge, - so werde ich Sie immer lieben und nie verlieren können, denn ich kann nicht von mir trennen, was Sie mir gaben. Mir bleiben ja auch ewig Ihre Werke welche mir Sie ganz waren, ehe ich Sie kannte, ein herrliches und verehrtes Spiegelbild meines höchsten Meisters, da ich Sie selbst kenne und noch viel mehr liebe und verehere, als Ihre Werke.” Op. cit., pp. 48;51

⁴⁸ Michael Winkler chama a atenção para o fato de Gundolf ter sido aluno, durante seu doutorado em Berlim, de Wilhelm Dilthey. Para Winkler existe uma influência significativa de Dilthey no trabalho de Gundolf. Segundo o autor, Dilthey também se preocupou com o lugar do indivíduo em seu ambiente intelectual e histórico. A tese de livre docência de Gundolf, *Shakespeare und der deutsche Geist* (1911), foi uma tentativa já de descrever a história de como as ideias de um indivíduo podem sobreviver atemporalmente. Em 1916 com *Goethe* e 1924 com *Caesar, Geschichte seines Ruhms*, Gundolf colocará novamente esse programa em prática. WINKLER, Michael. “Master and disciples: The George Circle”. In: RIECKMANN, Jens (Ed.) *A Companion to the Works of Stefan George*. New York: Camden House, 2005, p.153.

George, o que se refletia na união de colaboradores e adoradores unidos por uma força irracional e uma inquestionável devoção. O caráter pedagógico, junto ao caráter místico e religioso desenvolvido por Wolfskehl, fazia com que a ideia de um Círculo, guiado por um mestre, estivesse, teoricamente, pronta.

Quando a quinta *Blätter für die Kunst* foi publicada em 1901 ficou evidente a reorientação de George. As principais discussões presentes na revista deixaram de ser somente literárias e passaram a se voltar para as questões nacionais. Para Norton, a partir deste quinto número da revista, o ideal da arte pela arte parece começar a se desmanchar. No texto introdutório dessa *Blätter*, apareceu pela primeira vez, a ideia de uma sociedade espiritual e artística unida “através de um especial sentimento de vida”⁴⁹. A ideia de um caráter nacional [*Die deutsche Geste*] e da separação entre o estilo de vida e pensamento do sul alemão (católico e verdadeiramente alemão) e a Prússia, enquanto um sistema “hostil com toda arte e toda cultura” tomou forma enquanto uma crença que irá perdurar no círculo de George até a eclosão da Primeira Guerra Mundial. Embora ainda não esteja muito clara a maneira pela qual a arte poderia agir no mundo, há a sugestão de que a arte deveria possuir uma ligação maior com a vida.

Os jovens que vemos diante de nós permitem-nos acreditar em um futuro próximo com uma nobre concepção de vida com mais liderança [*Führung*] e uma mais fervorosa necessidade de beleza. Se entretanto grandes revoluções e erupções devem ocorrer, então sabemos que isso deve ocorrer de maneira diferente dos confrontos da política e da economia como pensam as mentes de hoje.⁵⁰

Em 1900, Gundolf ocupou o lugar de Wolfskehl, enquanto representante de George e seus ideais em Berlim, pois Wolfskehl havia se mudado para Munique. Nunca houve, pois, um Círculo único. Haviam representantes de George nas principais cidades acadêmicas da Alemanha. Gundolf em Berlim e posteriormente em Heidelberg, Wolfskehl em Munique, posteriormente Heidelberg e Magdeburg também se tornariam polos importantes para o círculo de George. Heidelberg, depois da virada do século, será considerada a capital espiritual do círculo de Stefan George. Como bem afirmou Edgar

⁴⁹*Blätter für die Kunst V Folge*. In: LANDMANN, Op. cit., p.64.

⁵⁰Idem, p.65.

Salin,⁵¹ “Heidelberg foi nos anos anteriores à Primeira Guerra Mundial a capital secreta da Alemanha Secreta.”⁵²

1.3.3: Friedrich Wolters e o *Jahrbuch für die Geistige Bewegung*: A consolidação da *Meister-Jünger Gemeinschaft*

Friedrich Wolters (1876-1930) foi importante tanto para a fundamentação quanto para a manutenção do Círculo de Stefan George, especialmente a partir de 1910 e depois da Primeira Guerra Mundial. Natural de Urdingen e proveniente de uma família de comerciantes, Wolters estudou História, Línguas e Filosofia na Universidade de Freiburg. Em Berlim e Munique expandiu seus estudos para história econômica e história da arte. Em 1903, Wolters obteve seu doutorado pela Universidade de Berlim, com um trabalho sobre a situação agrária francesa entre 1700 e 1790⁵³. Em 1920, Wolters foi nomeado professor extraordinário da Universidade de Marburg e em 1923 foi nomeado professor ordinário em Kiel. Segundo Groppe, a vida acadêmica de Wolters tomou um novo rumo quando conheceu Stefan George em 1905, por intermédio de seu professor Kurt Breysig.

Com Wolfskehl e os *Kosmiker*, George havia absorvido a áurea do mistério e o aspecto religioso que envolveriam seu Círculo. Com Gundolf, George pode por em prática

⁵¹Edgar Salin nasceu em 1892 em Frankfurt am Main, no seio de uma família judia. Estudou Direito e Economia em Heidelberg, Munique e Berlim. Através de Gundolf, conheceu George, em 1913. Em 1919 foi professor assistente para o seminário de *Volkswirtschaft* na Universidade de Heidelberg, onde em 1924 tornou-se professor extraordinário. Em 1927 ocupou o lugar de Julius Landmann na Universidade de Basel, onde lecionou Economia Nacional. Salin permaneceu em Basel até o início dos anos 1970. O primeiro contato de Salin com a poesia de George foi durante seus anos no Ginásio. Em 1911, quando estudava em Munique, conheceu Karl Wolfskehl. O contato pessoal com George deu-se, em 1913, a partir do conhecimento de Salin com Gundolf, em Heidelberg. Salin manteve contato com George e pertenceu ao Círculo até 1920. Cf. GROPPE, Op.cit.,p.501-511.

⁵²SALIN, Edgar. *Um Stefan George*. Godesberg: Verlag Helmut Küpper, 1948, p.15. Carola Groppe afirma que essa visão de Salin não diz respeito à realidade e sim evidencia um desejo do próprio autor. Para Groppe isso fica evidente quando em 1920, Gundolf recusou uma nomeação para professor na Universidade de Berlim, recusa esta que foi duramente criticada por George, pois o poeta entendia a importância cultural e política de Berlim. Gundolf, que fora nomeado com a ajuda do ministro da cultura prussiano, Carl Heinrich Becker, não encontrou na Universidade de Berlim, um meio profícuo ao seu trabalho. A faculdade de Berlim e sobretudo seu diretor, o germanista Gustav Roethe (1859-1926) opôs-se fortemente à nomeação de Gundolf. Por fim, Gundolf permaneceu na Universidade de Heidelberg. Cf.: GROPPE, Op.cit. p.571. Sobre Gundolf e a sua nomeação para a Universidade de Berlim, ver: idem, pp.550-556.

⁵³O título do trabalho de Wolters era *Studien über Agrarzustände und Agrarprobleme in Frankreich 1700-1790*. Foi publicado em 1905. Em 1908, Wolters publicou *Über die theoretische Begründung des Absolutismus im siebzehnten Jahrhundert*. Em 1909, *Minnelieder und Sprüche. Übertragungen aus den deutschen Minnesängern des 12.-14. Jahrhunderts*. Wolters defendeu sua livre-docência em 1913 com o trabalho *Die Geschichte der Zentralverwaltung des Heeres und der Steuern in Brandenburg-Preussen 1630-1697*. Cf.: GROPPE, Op. cit.,p.213.

seus objetivos pedagógicos. Friedrich Wolters será importante para que George ambicione agir no mundo real. Wolters será o primeiro a utilizar o termo “mestre” no sentido hierárquico dentro do Círculo. De modo geral, Wolters reforçará o papel de George enquanto guia e mestre, bem como a estrutura hierárquica do Círculo.

O papel de George frente àqueles que o admiravam, passou por uma transformação fundamental. O poeta deixa, gradualmente, de representar somente uma nova forma de escrever poesia para fixar-se, cada vez mais, como mestre e guia de seus discípulos, que ambicionava por fim, ser guia também da sociedade. Friedrich Gundolf em seu ensaio *Gefolgschaft und Jüngertum*, define o que deve ser e como deveria comportar-se o indivíduo que, como discípulo, decide seguir, voluntariamente, a autoridade inquestionável de um mestre. Seguir um mestre significava, ao mesmo tempo, renunciar à sua própria identidade para servir a uma causa maior.

Aquele que vê no *Führer* somente o representante de uma causa não pode compreendê-lo: somente vê nele uma pessoa e portanto não pode servi-lo. Aquele que dentre os mortais anseia pelo eterno e que cumpre a palavra por ele trazida . aquele que no seu ilimitado conteúdo [...] e para quem esse mestre é insubstituível este deve ser denominado discípulo [*Jünger*]. Ele está unido ao mestre . assim, o conteúdo de sua alma não encontrará outro símbolo. A verdadeira devoção [*Gefolgschaft*] surge porque o mestre existe pelo que ele é. [...] Quem sem vaidade e coação serve pode também servir sem estar cego: ele segue sim porque ele viu e acredita porque sabe e sabe porque ao mestre ama. [...] Os discípulos não devem imitar; devem orgulhar-se da unicidade de seu mestre. Eles não devem *fazer* sua imagem . mas devem *ser* sua obra . não reproduzir seus traços e gestos petrificados mas sim ser seu sangue e sua respiração . sua luz e seu calor . acolher sua música e seu movimento em seu ser e continuar nesse mundo ainda paralisado ou vazio. [...] deve-se com alegria desfazer-se do seu Eu e alegrar-se em ser combustível para a mais alta chama.⁵⁴

Neste mesmo número das *Blätter für die Kunst*, Wolters publicou seu ensaio, *Herrschaft und Dienst*⁵⁵ [Dominação e Serviço]. Segundo Norton, o ensaio de Wolters é fundamental para cristalizar a doutrina que será compartilhada pelos georgeanos. De acordo com o autor, a partir de *Herrschaft und Dienst*, o estetismo é deixado de lado. A ânsia por agir no mundo torna-se evidente e imediata. O ensaio de Wolters marca a

⁵⁴GUNDOLF, Friedrich. “Gefolgschaft und Jüngertum”.*Blätter für die Kunst Folge X 1908*. In: LANDMANN, Op.cit., p.79-80. Traduzo com a ortografia e os espaços utilizados por Gundolf. Por isso algumas palavras que iniciam as frases estão em minúscula.

⁵⁵WOLTERS, Friedrich. “Herrschaft und Dienst”. Idem, pp.82-86.

preocupação dos georgeanos com a constituição do futuro a partir das premissas ditadas pelo mestre. De maneira geral, podemos afirmar que, a partir de Wolters, está pronta a doutrina do Círculo de George. Durante os anos seguintes, o Círculo se tornará um movimento cada vez mais forte e presente na cena intelectual alemã.

Dividido em duas partes muito pequenas, o texto de Wolters analisa a união de um grupo unido intelectual ou espiritualmente como “famílias de espírito” [*Geist*] que eram, evidentemente, formadas através de um processo diferente da família natural. Uma família unida pelo espírito, por ideais e objetivos comuns, como seria o Círculo de George, mantinha-se unida por afinidade intelectual. Adiante, Wolters delineia o que seria fundamental na doutrina do Círculo: Existiria um reino espiritual [*Geistige Reich*] invisível aos olhos, mas que governava o mundo real e que era impossível de ser compreendido pelas massas. O que Wolters denominou como *Herrschaft* eram essas forças que governavam o mundo físico e que se tornavam evidentes na figura de um indivíduo excepcional, o líder. As ideias de Wolters contribuíram ainda mais para que os membros do Círculo de George se compreendessem enquanto portadores de uma nova mensagem que se expressava a partir de um líder, o poeta. A união a partir de uma afinidade intelectual foi fundamental para manter os ideais do Círculo de George. Separados das massas e mantendo um caráter aristocrático, os georgeanos acreditavam ocupar um lugar especial a partir do qual seria possível encontrar uma nova visão de mundo e um novo modo de viver.

A mudança de George e seu grupo para uma atitude de intervenção direta no espaço público, fica patente com a criação do *Jahrbuch für die geistige Bewegung* [Anuário para o movimento espiritual] cujos editores eram os dois principais nomes do grupo até então, Friedrich Gundolf e Friedrich Wolters. Desde antes de sua publicação, a intenção de George era que o *Jahrbuch* tivesse um caráter mais combativo, no qual teriam espaço jovens intelectuais que discutiriam os problemas de seu tempo. Combativo, o *Jahrbuch* tinha como alvo a sociedade moderna de massas, o individualismo e o progresso. Direcionado para jovens acadêmicos, a publicação tinha por objetivo também, discutir as tensões que circundavam a ciência de sua época. De maneira ampla, o *Jahrbuch* seria o meio pelo qual os georgeanos tencionavam publicar suas objeções, bem como suas sugestões, direcionadas ao mundo acadêmico e às funções assumidas pela ciência de sua época. Com as *Blätter*, o *Jahrbuch* compartilhava a função de ser uma publicação mediante a qual era possível tornar conhecida a doutrina do Círculo de George.

Para Robert Norton, a criação do *Jahrbuch* relaciona-se com a mudança de comportamento do poeta que tivera início na virada do século. O *Jahrbuch* reforçava a intenção de George, sobretudo após 1910. De acordo com Norton, o poeta ambicionava “fazer política, fundar um estado, no qual o novo homem pudesse residir.” Entretanto, essa política ainda encontrava-se no reino espiritual, um “estado espiritual”, o qual George e seus seguidores acreditavam guiar. No entanto Norton adverte que essa “política espiritual” não deve ser considerada menor.⁵⁶ Em uma análise centrada nos debates culturais do período, Rainer Kolk destaca que o *Jahrbuch* dirigia-se a intelectuais sensibilizados opostos ao ideal de progresso e ao estado democrático, os quais acreditavam que os princípios artísticos poderiam indicar um caminho para a superação do historicismo.⁵⁷

O primeiro número do *Jahrbuch* foi publicado em fevereiro de 1910⁵⁸ e trazia em sua capa, como toda as publicações posteriores vinculadas ao Círculo, o nome das *Blätter für die Kunst*, o que deixava evidente que era uma publicação ligada a George. Este primeiro número continha as contribuições, entre outros, de Gundolf, Wolfskehl, Wolters e Vallentin. Wolfskehl dedicou-se a escrever um artigo sobre as *Blätter für die Kunst* e Gundolf um artigo somente sobre George.

O artigo de Wolters, *Richtlinien* [Diretrizes] cristalizou-se como uma espécie de manual que anunciava as premissas gerais dos georgeanos. Segundo Wolters, havia uma diferença entre duas forças que guiavam a realidade, a força criadora [*Schaffende Kraft*] e a força organizadora [*Ord nende Kraft*]. A primeira era fundamental e ligava-se, primordialmente, à vida, ao espírito. Portanto, estava unida ao homem de ação. Essa força manifestava-se através do herói e era capaz de trazer um novo sentido para a vida e uma nova formação⁵⁹ [*Bildung*]. A *Schaffende Kraft* era atemporal e independente das circunstâncias. Sua mensagem poderia ser compreendida independente do tempo.

Por outro lado, a força organizadora era associada à lógica e por conseguinte ao conhecimento científico. Segundo Wolters, ao contrário da força criadora, a *Ord nende Kraft* não possuía uma ligação com o espírito, ela constituía “o meio da pesquisa e do

⁵⁶NORTON, Robert. “Das Geheime Deutschland und die Wissenschaft”. In: BÖSCHENSTEIN, B.; EGYPTIEN, J.; SCHEFOLD, B.; VITZTHUM, W. Op.cit., p.59.

⁵⁷KOLK, Rainer. “Kritik der Oberfläche: Zur Position des George-Kreises in kulturellen Debatten 1890-1930”. Idem, p.40.

⁵⁸O *Jahrbuch für die geistige Bewegung* teve três números. O primeiro em fevereiro de 1910. O segundo em abril de 1911 e o terceiro em 1912.

⁵⁹WOLTERS, Friedrich. “Richtlinien”. In: GUNDOLF, Friedrich; WOLTERS, Friedrich (Hrg.) *Jahrbuch für die geistige Bewegung*. Verlag der Blätter für die Kunst/ Otto von Holtz, Berlin:1910, p.129-130.

método”⁶⁰. Separada da vida, essa força era limitada ao seu próprio presente e não era capaz de deixar aos homens valores atemporais que pudessem guiar suas vidas. De acordo com Wolters era essa a força responsável pela glorificação da técnica que destruía a sociedade moderna.

Wolters propunha ser preciso recuperar a supremacia da força criativa que guiava os homens. Não que a força lógica, técnica e organizacional fosse dispensável, no entanto, a primeira deveria se sobrepor à segunda pois somente ela era capaz de dar aos homens uma nova vida através de uma mensagem espiritual e atemporal. Era essa também a função do artista e, claro, do poeta, ou seja, transmitir essa mensagem que era evidente nos heróis. Será o ideal que guiará também os escritos biográficos do Círculo de Stefan George.

Junto a isso, Wolters proclama a importância do indivíduo que para ele havia se perdido na sociedade moderna. O homem moderno [*Der entthronte Mensch* (o homem destronado)] era filho do nada, perdido e desolado⁶¹. Seu papel ativo, a partir da força criadora, deveria ser restabelecido. Wolters afirma que a proeminência da técnica e da ciência havia lançado o homem ao caos. O presente tornava-se assim, o fim último da evolução da humanidade. A transformação poderia surgir somente a partir da força criativa e da formação de uma nova visão de mundo apegada ao espírito⁶² [*Geist*].

Wolters insiste na necessidade de restabelecer a força criadora, através da mensagem atemporal do herói, para que o homem moderno possa se desprender da “escuridão racional” em que vive. Oposto ao pensamento lógico e racional, Wolters termina seu artigo enfatizando que “o tempo da lógica está acabado e a luta com o anjo da vida recomeçou”⁶³. Somente através da crença e da compreensão da mensagem atemporal do herói pode ter fim a era do progresso e da técnica.

Muito significativo neste primeiro número do *Jahrbuch für die Geistige Bewegung* foi a publicação do ensaio de Karl Wolfskehl, *Die Blätter für die Kunst und die Neueste Literatur*. Para Wolfskehl, o poeta, ou seja, George era um visionário, capaz de iluminar um caminho para o futuro⁶⁴. Nesse sentido, a vivência no espírito da comunidade [*Gemeinschaft*] sustentada pela grandeza de um guia, seria o caminho para solucionar os malefícios da sociedade moderna [*führerlose Zeit*] cuja característica principal seria a falta

⁶⁰ Idem, p.130.

⁶¹ Idem, p.136.

⁶² Idem, p.143-144.

⁶³ Idem, p.145.

⁶⁴ WOLFSKEHL, Karl. “Die Blätter für die Kunst und die neueste Literatur”. In: GUNDOLF, Friedrich; WOLTERS, Friedrich (Hrg.) Op.cit.,p.5

de líderes que resguardassem os valores eternos da passado para o presente e para o futuro. Tal como Gundolf, o autor enfatizava que ao integrar um grupo era necessário abdicar de uma parte de sua identidade e do ideal de liberdade individual advindo da Revolução Francesa⁶⁵.

O artigo de Wolfskehl expõe pela primeira vez a expressão *Geheimes Deutschland* atrelada ao Círculo de Stefan George. A “Alemanha Secreta”, tal como apresentada por Wolfskehl, fazia referência a uma força viva, a força motora do tempo [*wahren triebkräfte der zeit*] capaz de ser expressa através dos grandes homens [*Bilder*]. Ernst Kantorowicz, em sua conferência intitulada *Das Geheime Deutschland* afirma que, para Wolfskehl, o conceito de Alemanha Secreta é utilizado também para designar o próprio Círculo em torno de George⁶⁶. No entanto, apenas aqueles que tomavam parte do grupo em torno de George eram capazes de compreender e salvaguardar os valores dessa “Alemanha Secreta”⁶⁷. Para Wolfskehl seria a partir dessa comunidade de heróis que o Círculo em torno de George poderia modificar o caráter nacional [*deutsches Wesen*].

De acordo com Robert Norton, o ensaio de Wolfskehl é fundamental para selar o aspecto comunitário do Círculo, que mantinha-se unido mediante a figura excepcional de George⁶⁸, o qual também compunha a “Alemanha Secreta”. O ideal de uma Alemanha Secreta salvaguardada pelo próprio Círculo ratificou a própria identidade de seus membros enquanto participantes de uma elite cultural capaz de renovar a alma alemã.

O ano de 1910 parece ser um ano de cristalização da doutrina do Círculo de Stefan George. Durante os anos seguintes as premissas do Círculo não parecem ter sofrido nenhuma mudança significativa. As biografias que lograram êxito especialmente depois da

⁶⁵Idem, p.7;9

⁶⁶KANTOROWICZ, Ernst. “Das Geheime Deutschland”. In: BENSON, Robert; FRIED, Johannes (Hg.). *Ernst Kantorowicz*. Stuttgart: Franz Steiner, 1997, p.78. Em 1933, na Universidade de Frankfurt am Main, Ernst Kantorowicz apresentou sua conferência no intuito de esclarecer que a *Geheime Deutschland* proclamada pelos georgeanos não fosse confundida com a ascensão nazista. Em Kantorowicz o conceito designa um reino espiritual cujos valores modelam o caráter nacional. Para Kantorowicz, a Alemanha Secreta possui um caráter atemporal [*ewige Deutschland*]. Para Kantorowicz, o trabalho do historiador estava ligado ao reconhecimento e compreensão desta Alemanha Secreta. Neste sentido, na conferência de Kantorowicz (que estava relacionada diretamente com o fracasso da República de Weimar e a iminência da ascensão nazista) o historiador, ao revelar a Alemanha Secreta, desenvolve um papel político. “Keiner kann als Deutsche rein Historiker sein, der von dem “geheimen Deutschland” nichts weiss”. Idem, p.92.

⁶⁷Idem, p.15. Para Grünewald a *Geheime Deutschland* poderia ser compreendida a partir de três significados: I – como um grupo de pessoas que encarnavam seus valores, ou seja, os heróis; II- como uma visão de uma Alemanha cuja unidade atrelava-se à visão de mundo de George; III – como um conceito que designava o próprio Círculo de Stefan George. Cf.: GRÜNEWALD, Eckhardt. *Ernst Kantorowicz und Stefan George: Beiträge zur Biographie des Historikers bis zum Jahre 1938 und zu seinem Jugendwerk “Kaiser Friedrich der Zweite”*. Wiesbaden: Franz Steiner Verlag, p.76.

⁶⁸NORTON, Robert. Op.cit.,p.433-435.

publicação do *Goethe*, de Gundolf, seguiram essas ideias principais⁶⁹. Em torno de 1910, segundo Robert Norton, se considerarmos os adeptos dos ideais georgeanos que não eram oficialmente membros do Círculo, havia cerca de trinta pessoas ao redor de George. Os principais era Wolfskehl, Gundolf, Wolters e Berthold Vallentin. No meio acadêmico, George já travava alguns diálogos com Georg Simmel⁷⁰ e Max Weber. Ernst Robert Curtius, filólogo e filósofo, especialista em literatura francesa, admirava os georgeanos e fora apresentado a George por Gundolf. Entusiasmado com a publicação do *Jahrbuch*, Curtius escreveu a Gundolf sobre a importância da nova publicação.

Com o aparecimento do *Jahrbuch* [...] uma nova fase começa na transformação do espírito alemão que George tem inspirado. [...] Centenas [...] que têm vivido sem um líder e sem um objetivo irão agora aprender qual caminho guiará ao futuro e irão receber uma orientação cujo efeito não pode ainda ser calculado. [...] Por esta razão o aparecimento do *Jahrbuch* é de uma ampla importância pedagógica e política.⁷¹

Com o advento da Primeira Guerra o Círculo de Stefan George passará também por um período de latência com uma pausa na publicação das *Blätter für die Kunst*. Num primeiro momento alguns georgeanos como Gundolf e Wolters compreenderão a guerra como uma possibilidade de redenção e recomeço para a cultura alemã a partir das premissas georgeanas. O Círculo ressurgirá mais forte durante a República de Weimar e as produções biográficas constituirão o principal veículo para a divulgação do círculo e de seus ideais. Quando publicou seu *George*, em 1920, Gundolf definiu o que constituía o Círculo de Stefan George:

O Círculo não é nem uma liga secreta com estátuas e reuniões, nem um séquito com ritos fantásticos e artigos de fé, nem um grupo de literatos [*Literatenklügel*] (o trabalho na >>Blättern für die Kunst<< não é em si um sinal de pertença), mas sim é um pequeno número de indivíduos com um comportamento e uma mentalidade determinados, unidos através da

⁶⁹Como veremos adiante, *Gestalt* será o conceito chave para o modelo interpretativo do Círculo de Stefan George. Será este o conceito que norteará as produções biográficas do Círculo.

⁷⁰De acordo com Wolfgang Schneider, Simmel mudou sua segunda edição de *Probleme der Geschichtsphilosophie*, publicada em 1905, após seu encontro com George. Enviou o livro ao poeta com a dedicatória: “Stefan George, dem Dichter und Freund.” SCHNEIDER, Wolfgang Christian. “Geschichtswissenschaft im Banne Georges”. In: BÖSCHENSTEIN, Bernhard; EGYPTIEN, Jürgen; SCHEFOLD, Bertram; VITZTHUM, Wolfgang Graf.(Hr.) *Wissenschaftler im George-Kreis*. Berlin, Nova York, 2005, p.344.

⁷¹HELBING,Lothar; BOCK, Claus (Hrg.) *Friedrich Gundolf. Briefwechsel mit Herbert Steiner und Ernst Robert Curtius*. Amsterdam: Castrum Peregrini, 1963, pp.151-152. Apud: NORTON, Op.cit.,p.445

veneração voluntária a um grande homem, e que esforça-se para servir às ideias que ele incorpora [*verkörpert*] (não dita) simplesmente, objetiva e seriamente em seu dia-a-dia ou através de obras públicas [*öffentliche Leistung*].⁷²

Durante a República de Weimar, não foi a poesia que despertou o fascínio dos admiradores de George e seus discípulos, mas sim a personalidade austera e o caráter misterioso de seu Círculo, bem como seu código de um modo de estar no mundo, oposto ao modelo industrial capitalista. Essa foi a razão, pela qual, segundo Midgley, durante os anos de 1918-1922, houve um grande interesse nas obras vinculadas ao Círculo de Stefan George.⁷³ Durante a República de Weimar a fama de George e seu Círculo alcançou seu apogeu. A partir das biografias, os ideais de seu Círculo, vinculados a uma nova visão de mundo, se propagaram para uma parcela da sociedade alemã que não se restringia ao meio intelectual.

Excursus: Friedrich Wolters e o *Niederschönhausener Kreis*.

Embora pouco explorado pelos biógrafos de George que procuraram construir uma biografia intelectual do poeta, o *Niederschönhausener Kreis* teve uma importância significativa para a consolidação do Círculo de Stefan George. Os principais membros do *Niederschönhausener Kreis* eram Friedrich Wolters, Kurt Hildebrandt⁷⁴ e Berthold Vallentin. Alocados em uma comunidade rural no entorno de Berlim, o grupo formado pelo historiador Kurt Breysig – desde 1896 professor na Universidade de Berlim - os membros desse grupo formavam uma comunidade que procurava desenvolver uma nova forma de vida associada a uma nova visão de mundo.

Breysig foi crucial para que Wolters conhecesse a obra de George. Breysig admirava a poesia de George e a introduziu no conjunto de leituras de seu grupo. George

⁷²GUNDOLF, Friedrich. *George*. Berlim: Georg Bondi, 1920: p.31.

⁷³ MIDGLEY, David. “The Absentee Prophet: Public Perceptions of George’s Poetry in the Weimar Period”. In:LANE, Melissa S.;RUHEL, Martin A. *A Poet’s Reich: Politics and Culture in the George Circle*. New York: Camden House,2011, p.118.

⁷⁴ Kurt Hildebrandt nasceu em 1881, em Florença. Estudou medicina e filosofia nas universidades de Göttingen, Genf, Munique e Berlim. Em 1932 foi nomeado professor de filosofia para a universidade de Berlim. Em 1934 tornou-se professor em Kiel, onde torna-se professor emérito e trabalhou até 1963.

era mesmo venerado pelo grupo de Breysig. A veneração do poeta e sua obra colaborou para que o *Niederschönhausener Kreis* desenvolvesse sua própria identidade, a partir da crença de pertencer a uma nova elite cultural [*Bildungselite*]. Com base na poesia de George, esse grupo começou a orientar tanto sua vida quanto suas produções e discussões acadêmicas.

As ideias de Wolters, desenvolvidas ainda no *Niederschönhausener Kreis* foram significativas para a posterior ideia de ciência defendida pelo Círculo de George. Para os intelectuais ligados ao grupo de Breysig, era necessário encontrar uma união entre ciência e poesia, capaz de garantir a formação de uma nova visão de mundo para uma nova juventude. Wolters e seus companheiros começaram a procurar na poesia de George, uma aplicabilidade para a ciência.

Carola Groppe afirma que a convivência de George com o *Niederschönhausener Kreis* a partir de 1906, foi fundamental para que a ideia de uma comunidade centrada na figura mítica de George se desenvolvesse. De modo geral, a veneração a George praticada pelos membros do *Niederschönhausener Kreis* colocou a obra e os ideais de George como ponto de partida para a construção e fundamentação de uma nova visão de mundo aliada à formação e manutenção de uma nova identidade. A autora destaca que a proximidade com o *Niederschönhausener Kreis* possibilitou a George aproximar-se de jovens que estavam iniciando seus estudos, bem como de jovens professores. Foi o encontro com tal grupo que apresentou a George a possibilidade de defender e pôr em prática o projeto de uma ciência com um olhar artístico o qual possibilitava uma união com a vida, no sentido de restabelecer a ligação entre visão de mundo, valores e ciência.⁷⁵

Para Groppe, o grupo em torno de Breysig procurava por um novo significado da arte na sociedade em conjunção com as *Geisteswissenschaften*. A autora parte do pressuposto que a partir do contato com o *Niederschönhausener Kreis*, o *Dichterkreis* em torno de George começou a se dissolver para transformar-se em um grupo organizado, centrado na figura de George e unidos mediante uma identificação identitária comum, ou seja, acreditavam pertencer a uma nova e diferente elite cultural.

⁷⁵GROPPE, Carola. Op.cit.,p.221.

1.4: A Primeira Guerra e a República de Weimar

Antes do irromper da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) a Alemanha era símbolo do vitalismo cultural e da industrialização entre as potências europeias. O país cujo processo de unificação ocorrera em 1871, havia se tornado uma potência militar e industrial. Durante as três primeiras décadas anteriores à Guerra, a Alemanha era, sem dúvida, um país em ascensão, e ganhava destaque no cenário europeu⁷⁶. Era essa confiança na técnica e na ciência que reinava na Alemanha, antes da eclosão da Primeira Grande Guerra.

As notícias sobre o início da guerra foram recebidas com grande entusiasmo pela grande maioria dos alemães. Segundo Eksteins, a guerra foi considerada, num primeiro momento, como a possibilidade de satisfazer os anseios de unidade e identidade que haviam se iniciado com a política de Bismarck. Neste sentido, a guerra foi considerada como a possibilidade de união nacional, acima das tradições e fraturas regionais⁷⁷. A grande maioria dos intelectuais compartilhou desse entusiasmo diante da eclosão da guerra. De alguma forma viram na guerra uma possibilidade de renascimento alemão em oposição à forma burguesa de vida inglesa e aos valores universais franceses. Assim, segundo Ringer ocorreu, ao lado da guerra física, também uma “guerra cultural”⁷⁸.

Não foi somente após a Primeira Guerra que uma desconfiança em relação à industrialização e ao progresso inquietou os intelectuais alemães. Desde o final do século XIX, mediante o processo de industrialização e as consequentes tensões sociais e culturais por ele geradas, muitos intelectuais mostraram uma resistência à era moderna. Assim,

⁷⁶A partir do final do século XVIII, segundo Stern, houve um renascimento cultural alemão. “Em meados do século XIX, na economia, e após 1871 a unificação, na política, a Alemanha transformou-se num país de empreendedores e inovadores, de cientistas naturais de renome mundial ainda imersos na cultura humanista germânica. Em si, os nomes de Einstein, Ehrlich, Plank e Haber [...] sugerem a grandeza desse período, que vicejou na cultura alemã em geral, quando escritores e artistas alemães tiveram a intuição da irrequieta modernidade. Essa época poderia ser chamada de uma segunda *Geniezeit* da Alemanha, uma época repleta de perigos.” STERN, Fritz. *O mundo alemão de Stein*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p11.

⁷⁷EKSTEINS, Modris. *A Sagração da Primavera: A grande guerra e o nascimento da era moderna*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991, p.95

⁷⁸RINGER, Fritz. *A queda dos mandarins alemães: A comunidade acadêmica alemã, 1890-1933*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000, p.175-80. No que tange ao combate contra os valores ingleses, Ringer chama destaca o papel patriótico do sociólogo Werner Sombart e da oposição feita por ele entre o comerciante inglês e o herói alemão. Há também elementos da *Kulturkampf* iniciada na era bismarckiana que influenciou o meio intelectual e que contribuiu para a oposição aos franceses. Destaca-se da *Kulturkampf* iniciada com Bismarck a oposição ao catolicismo e o apoio ao protestantismo como princípio unificador. Elementos culturais advindos desse movimentos foram importantes para o reforço da ideia de unidade, mesmo se pensarmos em uma unidade mediante conflito.

grande parte dos intelectuais estava convencida de que experimentava uma crise profunda na cultura, dos valores, em suma, no espírito alemão.

Na verdade a doença cultural do *fin de siècle* foi um fenômeno internacional, ou pelo menos europeu. Os intelectuais da França e de outros países afligiam-se com o problema da decadência e seus temores talvez não tenham sido totalmente diferentes dos de seus colegas alemães. Mas a ansiedade geral era certamente mais intensa na Alemanha.⁷⁹

Em seu início, a guerra foi compreendida como um momento de defesa dos valores nacionais e da esperança de união do povo alemão pelo sacrifício⁸⁰. No entanto, ao expandir-se, o conflito mostrou-se um enorme morticínio que colocou fim ao vitalismo industrial e tecnológico alemão. A Primeira Guerra ao abolir as concepções tradicionais da atividade militar até então estabelecidas, inaugurou um novo modelo de combate. A guerra deixava de ser localizada para transformar-se em uma guerra de defesa, entrincheirada e de anexação de territórios, mesmo que isso significasse o sacrifício de muitas vidas. O uso de novas armas, como o lança-chamas e o gás, possibilitavam uma nova experiência, ou seja, a possibilidade de matar muitos combatentes de uma só vez. Não somente os profissionais de guerra eram incluídos nas batalhas e nos sacrifícios impostos, mas também a população civil. Inaugurou-se aquilo que denominaríamos como a “guerra total”.

O ano de 1916 presenciou o advento e a aceitação, por ambos os lados, de uma nova guerra, a guerra deliberada de desgaste, que traria milhões de homens, não sob o pretexto da iminência da vitória desde que se pudesse remover um importante obstáculo, mas devido à decisão tomada de que só enfraquecendo o inimigo pelo cansaço se poderia ganhar esta guerra. Por todo lado a indústria foi mobilizada, reorganizou-se a força de trabalho, aplicou-se ou planejou-se o racionamento de alimentos, os impostos foram reajustados. Tornou-se “total”.⁸¹

A primeira experiência democrática alemã, resultado da revolução de 1918 que havia conduzido à abdicação do imperador Guilherme II, nasceria em meio ao caos do pós-guerra. A República de Weimar (1918-1933) surgia e trazia para sua realidade a expressão da derrota alemã através do Tratado de Versalhes, um “rancoroso tratado de paz”, que

⁷⁹RINGER, op.cit., p. 243.

⁸⁰STERN, op.cit., p.13.

⁸¹EKSTEINS, op.cit., p.187.

havia sido imposto aos alemães. De modo geral, Versalhes complicou ainda mais a situação financeira da Alemanha, pois impôs uma carga considerável de reparações de guerra e lançou “sobre a Alemanha uma culpa pela guerra que ela se recusava moralmente a aceitar.”⁸² Frente à nova realidade, os atores sociais também se remanejaram. A classe média e a ainda hesitante classe trabalhadora passaram a participar do jogo político e essa mudança das relações de poder gerou também uma crise da identidade social e uma crescente busca pela mesma. Aliada a isso, a crise econômica e a quebra de uma crença inocente no progresso e na ciência trouxeram um profundo sentimento de desorientação, que manifestou-se no plano individual e coletivo, e assim

[u]ma profunda sensação de crise espiritual foi a marca daquela década [de 1920]; afetou trabalhadores rurais, latifundiários, industriais, operários, balconistas e intelectuais urbanos. Atingiu tanto jovens como os velhos, tanto as mulheres como os homens. Os desastres econômicos e a insegurança social simplesmente acentuaram e intensificaram o que era antes de tudo uma crise de valores provocada pela guerra e particularmente pelas consequências da guerra, que a paz claramente deixou de satisfazer aquelas expectativas enunciadas pelos líderes durante o conflito⁸³.

A experiência traumática da guerra e a necessidade subsequente de assimilá-la e compreender seu lugar no desenvolvimento da sociedade alemã, não deixariam de ressoar no meio intelectual. Além disso, os intelectuais viram-se, de certa maneira, obrigados a refletir sobre o papel desempenhado por eles na sociedade. Durante os anos do império alemão, os intelectuais gozavam de uma situação privilegiada, formavam uma elite cultural e possuíam um importante *status* social. A *Bildung*⁸⁴ era o fator de distinção social dessa classe média alta com formação universitária que se orgulhava de sua condição sociocultural. Quando a nova realidade política foi instaurada em 1918, os intelectuais dividiram-se, de maneira geral, em duas posições. Por um lado, havia uma minoria que apoiava o novo regime democrático parlamentar. Isso não significava que fossem democratas de coração, mas porque acreditavam que fosse uma posição consciente, prática

⁸²EKSTEINS, op.cit.,p.323.

⁸³EKSTEINS, op. cit., p.327.

⁸⁴Segundo Ringer, as palavras *Bildung* (formação) e *Kultur* expressavam o ideal de educação da elite acadêmica e apareceram pela primeira vez na Alemanha durante o final do século XVIII. De acordo com o filósofo Karl Jaspers, a palavra *Bildung* significaria “mais do que conhecimento” e relacionava-se “com toda a existência empírica do indivíduo.” Significa portanto, um ideal de autodesenvolvimento integral, cujo ponto de partida está no indivíduo. JASPERS, Karl. *Die Idee der Universität*. Berlim, 1923, pp.18-9. Apud: RINGER, Fritz. *A queda dos mandarins alemães: A comunidade acadêmica alemã, 1890-1933*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000, p.95

e realista⁸⁵ (posição que Friedrich Meinecke denominou como *Vernunftrepublikaner* – republicanos pela razão). E do outro lado havia uma maioria que não aceitava de bom gosto a democracia e esperavam o retorno da monarquia. Não enxergavam nenhuma possibilidade de uma reconciliação nacional frente a um regime democrático.

A experiência da guerra atingiu a elite acadêmica culta não somente em seus princípios epistemológicos, nas questões acerca da racionalidade ou da objetividade, que se manifestaram especialmente nas ciências do espírito. Sua própria condição econômica foi afetada, devido à crise econômica do início dos anos de 1920, embora seu *status* social tenha permanecido resguardado. Em suma, diante da nova realidade, das mudanças sociais decorrentes do processo de industrialização e urbanização e da entrada de novos atores na dinâmica social e política, a elite acadêmica viu a preservação de seu lugar social e cultural ameaçada. Independente da posição que tomavam frente ao advento da nova experiência política, prevaleceu e aprofundou-se uma desconfiança generalizada frente à era das massas e das máquinas e prevaleceu a crença de que o mundo moderno estava, progressivamente, separando-se do mundo espiritual. De maneira geral ganhava corpo a ideia de que se vivia um processo de decadência, no qual a alienação decorrente da massificação da sociedade dissolvia todos os valores espirituais, interiores.

1.4.1: O Círculo de Stefan George e a Primeira Guerra Mundial

No início da Primeira Guerra Mundial, os georgenos compartilharam do entusiasmo geral presente na sociedade alemã diante do conflito. Os principais nomes do Círculo à época, como Gundolf, Wolfskehl, Wolters, Edgar Salin e Berthold Vallentin se alistaram voluntariamente para a guerra.⁸⁶

O entusiasmo dos georgenos provinha da crença em relação a um ressurgimento do povo [*Volk*] a partir da união espiritual. Gundolf, diante da eminência do conflito,

⁸⁵Em uma convenção em 1926, em Weimar, 64 professores universitários alemães assinaram um apelo direcionado aos seus pares, a fim de que apoiassem o estabelecimento e a manutenção da nova ordem política, democrática e republicana. Entre os que assinaram podem-se destacar os nomes de Ferdinand Tönnies, Alfred Weber, Friedrich Meinecke, Mommsen, etc. Cf.: RINGER, op. cit., p.191.

⁸⁶Um certo pessimismo em relação à guerra somente apareceu nos membros que pertenciam à periferia do Círculo como Robert Curtius e Ernst Bertram que embora tenha composto sua biografia de Nietzsche a a partir dos fundamentos do círculo, a ele nunca pertenceu efetivamente.

afirmou a George que pela primeira vez os europeus e as massas podiam unir-se a partir do ser [*Sein*], do espírito.⁸⁷ Para Wolters “não era o estado prussiano que guiava a guerra, mas sim o povo alemão”⁸⁸. A guerra significava, portanto, a união do *Geist* mediante o sacrifício.

Com o desenrolar do conflito, o grande número de vítimas e a evidente destruição, o entusiasmo frente à guerra atenuou-se progressivamente. Logo no início de 1915, enquanto estava no front, Wolters escreveu a George, sobre a ruína consequente da guerra:

A guerra é mais assassina do que pensam os homens em nosso país [*Heimat*]: Eu nada digo sobre a necessária morte dos homens, mas como o país parece estar é terrível. *Dörfer* e pequenas cidades que estão no meu caminho estão completamente destruídas, nenhuma casa está mais de pé: nenhuma criatura viva está nelas. [...] A batalha é desprovida de beleza e será mais ainda quando as linhas de proteção forem quebradas. O que se ouve sobre os oficiais austríacos, é inacreditável.⁸⁹

Todavia, Stefan George não expressou apoio total à guerra. Classificava o entusiasmo dos jovens diante do início do conflito como “ingênuo e sentimental”⁹⁰. Stefan Breuer afirma que diante da guerra, o poeta encontrou-se em um grande paradoxo. Por um lado, a guerra era “uma batalha das massas e das máquinas, uma autodestruição daquele mundo o qual odiava do fundo do coração”. Entretanto, a guerra poderia levar à morte de milhares de jovens, dentre os quais, os seus. Assim, George temia pela sua “Alemanha Secreta, seu reino espiritual.”⁹¹

Carola Groppe afirma que após o término do conflito o Círculo constituía uma sociedade imaginada a qual havia firmado sua identidade antes de 1914. Para a autora, essa identidade estabelecida a partir da crítica à sociedade presente tanto nas *Blätter für die Kunst* quanto no *Jahrbuch für die geistige Bewegung* foi fundamental para a manutenção e

⁸⁷“Zum erstenmal seit ich denken kann, seh ich europäische Menschheit und Massen nicht mehr um Gewinn oder Verlust, Geschäft und Geschwätz, sondern Sein oder Nichtsein erregt, zum erstenmal wohl mit Recht.” Friedrich Gundolf a Stefan George, 25 de julho de 1914. In: BOEHRINGER, Robert; LANDMANN, Georg Peter (Hg.) *Stefan George-Friedrich Gundolf: Briefwechsel*. Munique/Düsseldorf: Helmut Küpper, 1962, p.253. Em 14 de agosto de 1914, Gundolf escreveu novamente à George: “Mehr als je fühl ich dass Deutschland das >>heilige Herz der Völker<< und wieder schöner als man je hoffen durfte, wenigstens jetzt, ein Volk ist... das einzig wahrhaftige, echte, männliche, sachliche – als VOLK, das jetzt existiert. Du müsstet diese Tage HIER erlebt haben!” Op.cit.,p.256-257.

⁸⁸Friedrich Wolters à Stefan George, 17 de agosto de 1914. In: VON PHILIP, Michael. *Stefan George-Friedrich Wolters: Briefwechsel 1904-1930*. Amsterdam: Castrum Peregrini: 1998, p.104.

⁸⁹Friedrich Wolters à Stefan George, 13 de fevereiro de 1915. In: Op. cit.: p.109.

⁹⁰BREUER, Stefan. *Ästhetischer Fundamentalismus: Stefan George und der deutsche Antimodernismus*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft:1995 p.74

⁹¹Op.cit.,p.75.

a auto compreensão do grupo em torno de George. Igualmente importante para a fundamentação dessa visão comum de mundo, foram as biografias publicadas a partir do modelo interpretativo vinculado aos georgeanos⁹².

Ao que tudo indica, George parece ter visto no pós-guerra a possibilidade de um renascimento cultural alemão, a partir da educação de uma nova juventude. Friedrich Gundolf, escreve a George, em 1919:

O apreço ao conhecimento que tinha a grande geração de eruditos [...] o homem de espírito [*Geistmensch*] de hoje não mais o possui. [...] Aqui coloca-se uma nova questão [*Weltfrage*], que nunca foi colocada desde o cristianismo, e a guerra fê-la urgente: o que deve acontecer com o espírito [*Geist*]? ... antes para a alma o cristianismo respondeu com o reino dos céus. Mas nós não temos mais um reino dos céus, e no >>Estado<< [o Círculo de Stefan George] os meros espíritos [*Geist*] não auxiliam...E temos hoje mais algum espírito?⁹³

Após a guerra, Gundolf pareceu perder suas grandes expectativas em relação à possibilidade de uma renovação espiritual a partir do próprio Círculo, fato este que causou um distanciamento entre George e seu fiel seguidor, Gundolf⁹⁴. À carta de Gundolf, o poeta respondeu tranquilamente que “nunca houvera para o espírito tão brilhante e rica época como a de hoje.”⁹⁵

Neste sentido, Groppe indica que a principal questão após o final da guerra consistia em saber se ainda era possível uma nova cultura a partir da juventude⁹⁶. A crença

⁹²GROPPE, Carola. Op. cit.,p.349. No período da Primeira Guerra Mundial foram publicadas duas biografias aclamadas, vinculadas ao Círculo: Em 1916, *Goethe* de Gundolf e em 1918, *Nietzsche* de Ernst Bertram.

⁹³Friedrich Gundolf a Stefan George, 18 de janeiro de 1919. Gundolf continua: “So leb ich jetzt von Ehrfurcht und Liebe, aber das sind Gesinnungen, keine Leistungen, und um nach aussen mir das Gewicht zuzutrauen, das ich zum würdigen Leben brauche, müsst ich neues leisten.” Cf.: LANDMANN, Georg Peter (Hg.) *Stefan George-Friedrich Gundolf: Briefwechsel*. Munique/Düsseldorf: Helmut Küpper, 1962, p. 326.

⁹⁴ Neste mesmo ano, dois acontecimentos colaboram para o distanciamento entre George e Gundolf: Este recusou o cargo de professor da Universidade de Berlim e a publicação apoiada por Gundolf – porém sem o consentimento de George - de *Wissenschaft als Beruf* de Erich von Kahler pela Editora Georg Bondi. Em 1926, já com uma relação debilitada com George, Gundolf se casou com Elli Salomon, o que levou ao rompimento definitivo com George.

⁹⁵Stefan George a Friedrich Gundolf, 21 de janeiro de 1919. Idem,p.327.

⁹⁶A juventude é considerada uma força capaz de reativar a união entre a *Bildung* e a forma de vida [*Lebensführung*]. A juventude poderia ser renovada a partir da presentificação da antiguidade: “[...] so liegt das eigentlich Geheimnis von Georges Glauben in der Vergottung eines deutschen Jünglings dieser Zeit. Sie ist der Ursprung seines Dichtens, der Grund seines Wesens, die Kraft seiner Welt. Deutsche Jugend, im >>Deutschen Jüngling<< von Sigfried bis Parsival [...] immer wieder verkörpert, ist eine Weltkraft, von der Jugend aller anderen Völker unterschieden, eine geistig sinnliche Urform des Menschtum derengleichen seit dem griechischen Jüngling, seit dem Tod Alexanders auf Erden nimmer erschienen ist. Nur der Grieche und der Deutsche haben das Menschtum als Jünglinge erfüllt, auf der Stufe des vollendeten Blühens, des erwachenden Geistes und des schönen Leibes. Nur bei diesen beiden Völkern ist Jugend nicht bloß Naturzustand, sondern Geist=Lage. [...] bei den Griechen und den Deutschen war Jugend selbst geistig

da renovação pela juventude não era restrita ao Círculo de George, como já afirmado. A juventude [*Jugendsein*], de acordo com Kolk, era entendida não somente em seu marco cronológico, mas como um estilo de vida, transformando-se mesmo em mito.⁹⁷

Durante a década de 1920, o Círculo passou por uma reestruturação e novos membros foram admitidos. O grupo em torno de Stefan George havia chegado em sua terceira geração⁹⁸, com intelectuais como Max Kommerell e Ernst Kantorowicz. Com o fim da guerra, podemos afirmar que o Círculo de Stefan George expandiu-se consideravelmente para subcírculos mediante a reestruturação hierárquica dos membros que haviam se filiado a George antes da guerra, ou seja, a segunda geração⁹⁹. A existência de subcírculos sempre foi uma característica do Círculo de Stefan George. Como destacou Ute Oelmann falar sobre o George e seu Círculo significa referir-se a uma “comunidade virtual” ligada por uma complexa rede de conexões¹⁰⁰. Contudo, essa característica do Círculo tendeu a intensificar-se após a guerra.

A reestruturação da hierarquia do Círculo evidencia também o caráter pedagógico do mesmo. Logo, aqueles que como Wolters, Gundolf e Ernst Morwitz haviam aprendido e tomado para si as premissas e ideais do Círculo tanto para suas vidas, como para seus trabalhos, tornaram-se, depois da guerra, também mestres e parceiros de George, que ainda permanecia como o principal mestre. Essa reestruturação foi crucial para que o Círculo alcançasse um número cada vez maior de jovens universitários o que contribuiu para que a ideia de ciência e história vinculados aos georgeanos fossem debatidos no meio acadêmico. Além disso, existiam ainda vários grupos e mesmo indivíduos isolados que compartilhavam e utilizavam para seus trabalhos o conjunto de ideias do Círculo de George.

Entre 1920 e 1923, Wolters foi professor de História Moderna e Medieval na Universidade de Marburg, onde esforçou-se por difundir os ideais do Círculo entre os

voll=kommen.” GUNDOLF, Friedrich. *George*. Berlim: George Bondi: 1920, p.205. Como afirma Paul Ricoeur, nesse período, a juventude “não é uma idade da vida, mas uma metáfora da força plástica da vida”. RICOEUR, Paul. *A Memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora Unicamp, 2007, p.308.

⁹⁷KOLK, Rainer. Op. cit.,p.43-44.

⁹⁸Cf.: pp. 7-8 deste trabalho.

⁹⁹De acordo com Jens Rieckmann dois números do *Jahrbuch* foram planejados. Um para 1914 e outro para 1920. Para o autor, a não efetivação deste projeto evidencia que, após a guerra, o Círculo não conseguiu manter sua estrutura monolítica. In: RIECKMANN, Jens. Op.cit.,p.12. Para Groppe a não publicação dos *Jahrbuch* destaca o fato de que a identidade do Círculo já estava consolidada. Com a terceira geração, o modelo interpretativo de George, bem como os valores vinculados ao Círculo, já estavam mais estabelecidos e eram mais aceitos, dispensando assim o tom combativo das publicações anteriores.

¹⁰⁰OELMANN, Ute. “The George Circle: From *Künstlergesellschaft* to *Lebensgemeinschaft*” In: LANE, Melissa S.; RUEHL, Martin. Op. cit., p.31.

alunos. Sua presença entre os estudantes de Marburg, causou uma verdadeira euforia em relação a George e seu Círculo. Wolters desenvolveu em Marburg um subcírculo, o *Marburger Kreis*¹⁰¹, integrado ao Círculo de George e característico da nova estrutura hierárquica do mesmo. Em 1923, Wolters é nomeado para a Universidade de Kiel, onde também foi professor de História Moderna e Medieval. Em Kiel, Wolters prosseguiu seus planos de difundir o Círculo de George e construiu um novo subcírculo.¹⁰² Ao contrário de Gundolf, Wolters com seu Círculo em Kiel e posteriormente, em Marburg expandiu o Círculo e a figura de George para novos jovens. Em 1930, Wolters glorificou o Círculo de George em sua monumental biografia, *Stefan George und die Blätter für die Kunst: Deutsche Geistesgeschichte seit 1890*. Professor em Heidelberg, a partir de 1916, Gundolf desempenhou a mesma função em Heidelberg, porém com ambições menores. Embora não tenha formado um Círculo, Gundolf, entre os anos de 1916-1920, foi fundamental para expandir os ideais de George em Heidelberg. George permaneceu como o alvo comum de veneração, mas sua mensagem ganhou novos contornos a partir dessa nova reestruturação do Círculo.

Ao lado dos georgeanos de Heidelberg em torno de Gundolf e Salin com sua forte orientação estética e ao lado de autônomos, velhas pessoas como Morwitz, Vallentin e Boehringer, estabeleceu-se [...] nos anos vinte, uma direção para o círculo a partir de Wolters, o qual glorificava um espírito nacional [*geistiges Deutschtum*] com ambições políticas não

¹⁰¹Os principais nomes ligados ao Círculo de Wolters eram: Max Kommerell, Johann Anton e seu irmão Walter, Ewald Vollhard, Walter Elze, Rudolf Fahrner. George e outros intelectuais ligados a ele, participavam frequentemente das leituras do *Marburger Kreis*. Como de hábito, seguiram carreira acadêmica. Kommerell tornou-se professor de Literatura na Universidade de Frankfurt am Main. Fahrner foi nomeado em 1928, professor de história medieval e moderna na Universidade de Berlim. Ewald Vollhard trabalhou durante a década de 1930 como especialista em África no Instituto Frobenius em Frankfurt am Main. Cf.: GROPE, Op.cit., p.273-274.

¹⁰² Wolters relatou a George sua situação em Kiel. “Meister, Der ‘akademos’ hat hier unter der verderbten bürgerschaft der professoren und studenten die grössten verheerungen angerichtet . sie fühlen ihr ‘heiligstes’ bedroht [...] Ich bin eine ‘**gefahr für die jugend**’ geworden und die fakultät beginne mir ihr wohlwollen zu entziehen obwohl natürlich – so feige sind sie – na meiner persönlichen integrität niemand zweifle – aber die gefahr für die jungen menschen! Usw! Der Meister kennt já den vers.” Friedrich Wolters a Stefan George, 16 de abril de 1922. Quando muda-se para Kiel, Wolters escreveu a George que revivia lá os conflitos de Marburg: “Hier in Kiel wiederholt sich das Marburger spiel mit der bevölkerung auf eine verändert Weise. Da sie mich in diesen wochen häufiger mit freunden hier gehen sahen, so reden alle bürger von einer neuen *George-Gruppe* in Kiel – die bibliothek besass keinen gedichtband als ich hierher kam und niemand wusste um den ‘staat’ [...] Wir seien eine **ganz gefährliche gesellschaft**, furchtbar reich, alles sei immer anders gemeint als es äusserlich schiene, diese leute dünkten sich eine elite und sähen alle anderen als plebs an – wo bleibt da das christentum! So tönen die stimmen verschiedentlich an unser ohr und geben uns stoff zum lachen.” Wolters a George, 29 de julho de 1925. VON PHILLIP, Michael. *Stefan George-Friedrich Wolters: Briefwechsel 1904-1930*. Amsterdam: Castrum Peregrini, 1998, pp.170; 203 (grifos meus). Quando escreveu “Mensch und Gattung” para o terceiro *Jahrbuch für die geistige Bewegung*, Wolters usou, ironicamente, o termo “*gefährliche mensch*” para designar aqueles que compartilhavam dos ideais do Círculo de George. Embora não haja referências explícitas, tudo indica que foi uma referência à Marburg e Kiel.

muito claras, e os velhos integrantes do círculo cada vez mais foram deixados para trás. Mantiveram-se grupos e indivíduos concorrentes, e a partir dos membros do círculo intelectuais e filiações independentes que através da veneração a George e a aceitação deste, tomaram diferentes direções.¹⁰³

George tornou a publicar poesias somente em 1928, com *Das Neue Reich* [O novo Reino]. Após a guerra, George parece ter-se ausentado da vida pública e se concentrado em acompanhar as atividades acadêmicas de seus adeptos. Isso pode indicar uma valorização do papel da ciência na formação de uma nova visão de mundo por parte de George. Após 1918, a maioria dos integrantes do Círculo eram intelectuais, em sua maioria professores universitários. Embora alguns ainda continuassem a escrever poesias, essa não era a principal preocupação dos georgeanos após a guerra. Nesse sentido, Oelmann acredita que o Círculo, nesse momento, deixou de ser uma *Künstlergemeinschaft* para transformar-se sobretudo, em uma *Lebensgemeinschaft*, ou seja, “uma comunidade de homens que permanecia unida por amizade e amor, unida na crença de *Herrschaft und Dienst* e pelo seu desejo de transformar a vida.”¹⁰⁴

Após a Primeira Guerra, somente dois números da *Blätter für die Kunst* foram publicados. O décimo primeiro número foi publicado em 1917 e o último em 1919 sem nenhum conteúdo muito expressivo. Para Groppe, ao decorrer da década de 1920, o sucesso de George e de seu Círculo se dará não em razão das *Blätter*, mas sim por estarem ligados à discussão sobre as *Geisteswissenschaft*, uma vez que muitos georgeanos eram docentes em universidades alemãs¹⁰⁵. Para Groppe, a influência do Círculo de George nas universidades foi significativa e foi expressão de novas exigências feitas à ciência a partir de jovens intelectuais do pós-guerra.

George e seus Círculo, de maneira ampla, buscaram reativar a unidade da Antiguidade a qual para os georgeanos significava a unidade entre *Bildung* e visão de mundo. O que era patente aos georgeanos era a unidade entre ciência e visão de mundo [Weltanschauung] e isso se daria a partir de uma nova *Bildung*. Esse foi um princípio que

¹⁰³GROPPE, Op.cit.,p.273-274.

¹⁰⁴OELMANN, Op.cit.,p.33.

¹⁰⁵GROPPE, Carola. Op.cit.,p.624-625. Também em LEPENIES, Wolf. “Alemanha”. In: ____: *As três culturas*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996, p.265. Entretanto, Lepenies, contrário à Groppe, observa a ascensão dos georgeanos nas universidades como sintomático da perda de carisma de George e de seu poder centralizador.

guiou tanto sua formação e sua identidade enquanto grupo como suas obras biográficas, que tinham por base o conceito de *Gestalt*.

Capítulo 2: O Círculo de Stefan George e o conhecimento histórico

*É possível que apesar de invenções e de progressos, apesar da cultura, da religião e da filosofia tenhamos ficado na superfície da vida? É possível que tenhamos recoberto inclusive essa superfície, que, em todo caso, já teria sido alguma coisa, com um tecido inacreditavelmente aborrecido, de tal maneira que ela tenha aparência dos móveis dos salões durante as férias de verão?
Sim, é possível.*

Rainer Maria Rilke¹⁰⁶

2.1: A crise do historicismo

A partir do final do século XIX, instaurou-se uma crise no campo do conhecimento histórico, a qual se acentuou nas primeiras décadas do século XX, sobretudo após a Primeira Guerra Mundial. O paradigma que havia se tornado dominante ao longo do século XIX, o historicismo, sofreu diversas críticas em diferentes vertentes. Segundo Rüsen e Jaeger, o historicismo pode ser entendido como uma forma específica do pensamento histórico que possui sua respectiva concepção de história (*Geschichtswissenschaft*). O historicismo reconhecia a especificidade dos tempos passados em relação ao presente e ao mesmo tempo a interdependência entre ambos. Segundo os mesmos autores, o historicismo, ao estabelecer a distinção entre o passado e o presente, também afirmava o diálogo entre o passado, o tempo presente e, naturalmente, com o futuro.¹⁰⁷

¹⁰⁶ RILKE, Rainer Maria. *Os cadernos de Malte Laurids Brigge*. Porto Alegre: L&PM, 2009, p.21.

¹⁰⁷ JAEGER, Friedrich; RÜSEN, Jörn. *Geschichte des Historismus. Eine Einführung*. München: Beck, 1992, pp.1-2.

Outro aspecto central para entender o historicismo é a cientificidade¹⁰⁸ enquanto princípio do pensamento histórico moderno. Logo, o historicismo corresponde também à produção de um conhecimento histórico controlado pelo método, cujo resultado seria científico. O desenvolvimento do historicismo é também o surgimento da história enquanto ciência. O historicismo contribuiu de maneira significativa para que a história se firmasse enquanto disciplina e neste ponto, foi fundamental o desenvolvimento de sua concepção de método enquanto um sistema de regras para a pesquisa histórica.¹⁰⁹

Quando em 1874 o filósofo Friedrich Nietzsche publicou (1844-1900) sua *Segunda Consideração Intempestiva: Da utilidade e desvantagem da história para a vida*,¹¹⁰ já se encontravam presentes as principais críticas que seriam feitas ao conhecimento histórico em seu modelo historicista e que ganhariam força nas primeiras décadas do século XX. Para Nietzsche, o conhecimento histórico ao primar pelo excesso de objetividade havia se desligado da vida, perdendo assim sua função de orientação para a vida dos homens. Ao tentar compreender cada singularidade histórica em seus próprios termos o historicismo, segundo Nietzsche, tornava-se indiferente em relação às tensões e problemas do presente.

Assim, na virada do século XIX para o XX a principal crítica dirigida à ciência histórica era que esta havia se fechado exclusivamente no estudo do passado, deixando de lado as tensões e os problemas do presente. Estes não mais poderiam ser compreendidos à luz do passado, e assim colocava-se em dúvida a função de orientação do conhecimento histórico. Portanto, um dos problemas das *Geisteswissenschaften*, segundo Ernst Troeltsch, era o “resgate totalmente relativista de quaisquer culturas do passado, acompanhada da fatigante e opressiva impressão de conhecimento de tudo-sobre-todos e sua improdutividade cética para o presente”¹¹¹. Na verdade, a experiência traumática da

¹⁰⁸Idem, ibidem, p.8

¹⁰⁹Idem, ibidem, p.59-60. O método histórico seria constituído por três etapas, a heurística, a crítica e por fim a interpretação que reconhece a diferença temporal entre o tempo do historiador e o tempo que diz respeito às fontes.Cf. p.60-61.

¹¹⁰Segundo Estevão Martins, ao tratar história-narrativa e história-vida no mesmo plano, Nietzsche comete um duplo equívoco. “O primeiro, de natureza conceitual, é o de tratar no mesmo plano história-vida e a história-narrativa. A história-vida pertence ao cotidiano de todos, a qualquer momento e em qualquer lugar. A história-narrativa é a correlação entre memória e fala, entre compreensão e explicação. Para essa, requerem-se critérios metódicos. Para aquela, viva a vida!” MARTINS, Estevão Chaves de Rezende. “Historicismo: o útil e o desagradável”. In: ARAUJO, Valdeci; MATA, Sérgio da; MOLO, Helena; VARELLA, Flávia Florentino (org.) *A Dinâmica do Historicismo: Revisitando a historiografia moderna*. Belo Horizonte: Argumentum, 2008, p.16.

¹¹¹TROELTSCH, Ernst. “Das Neuzehnte Jahrhundert” (1913). In: *Aufsätze zur Geistesgeschichte und Religionssoziologie* (Gesammelte SchriftenBd.4), Tübingen 1925,p.626. Apud: SCHOLTZ, Gunther. “O problema do historicismo e as ciências do espírito no século XX”. In: *História da Historiografia*. Ouro Preto: n.6, mar 2011, p.45.

Primeira Guerra, como bem afirmou Manoel Salgado, “só fez agudizar este sentimento de descrença em relação à História e às promessas implícitas numa cultura de heróis prometeicos formuladas no século XIX.”¹¹² Em recente entrevista à revista *História da Historiografia*, Jörn Rüsen destacou a importância da eclosão da Primeira Guerra para o debate acerca do historicismo. A experiência da guerra destruiu as estruturas pré-estabelecidas e atingiu sobretudo a noção de desenvolvimento historicista. Para Rüsen há uma crise na ideia de *Geist*, “uma simples mas poderosa ideia” a qual acreditava que as mudanças históricas ocorriam pelo poder das ideias, por forças que se moviam na realidade histórica. De modo geral instala-se a crise na ideia de um *Geist* idealista, constituinte da identidade alemã.¹¹³

Evidente que, junto à crítica sobre a relevância e a função da história para o presente, também os princípios de fundamentação metodológica da escrita da história foram questionados. A influência do positivismo, do materialismo e o sucesso das ciências naturais trouxeram novas questões para as ciências humanas. Sintomático disso foram as reflexões de Dilthey sobre a lógica da pesquisa histórica, as discussões dos neokantianos, sobretudo as de Heinrich Rickert e Max Weber, sobre a importância dos valores culturais para a análise histórica.

Se pensarmos, como afirma Rüsen¹¹⁴, que o conhecimento histórico é fundamental para a orientação do sujeito em sua realidade e que a representação daquilo que se é, tanto individual como socialmente, depende da relação estabelecida entre passado, presente e futuro, concluímos que a produção do conhecimento histórico é parte fundamental do processo de constituição identitária individual e coletiva. O pressuposto de toda ação humana é a busca de sentido. É pela atribuição de sentido que podemos nos situar na realidade. Logo a narrativa histórica é fundamental pois ao interpretar e narrar o passado torna-o vivo e fundamental para a orientação do presente e para a conformação do futuro.

A historiografia pode ser caracterizada como o processo da constituição narrativa de sentido, na qual o saber histórico é inserido (mediante narrativa) nos processos comunicativos da vida humana prática. É nesses

¹¹²GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. “A cultura histórica oitocentista: a constituição de uma memória disciplinar.” In: PESAVENTO, Sandra Jatahy (Org.). *História Cultural: experiências de pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003, p.11

¹¹³RÜSEN, Jörn. “Theory of History as Aufklärung”. In: MATA, Sérgio da; ARAUJO, Valdeci Lopes de. Entrevista. In: *História da Historiografia*. Ouro Preto, n.11, abril 2013, pp.350-351.

¹¹⁴RÜSEN, Jörn. *Razão Histórica*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2001.

processos que o agir humano e a autocompreensão dos sujeitos se orientam pelas representações das mudanças temporais significativas.¹¹⁵

Portanto, dar sentido às experiências do passado é fundamental. Assim, de acordo com Berger e Luckmann,¹¹⁶ esse sentido é codificado em “universos simbólicos” que estão em confluência com a situação ocupada pelos indivíduos dentro da sociedade e dos grupos que os mesmos compõem. Esse “universo simbólico” é também construído a partir de diversos campos da sociedade, sejam eles o científico, o religioso ou o intelectual, podendo mesmo respeitar uma lógica interna, em concordância com o pluralismo moderno. É em meio a este pluralismo moderno que o indivíduo busca para si uma significância para suas ações, embora tal busca nunca possa realizar-se de maneira individualizada, tendo em mente que esse indivíduo encontra-se inserido dentro de uma teia de relações, que são, no mundo moderno, plurais.

Para Thomas Nipperdey o que ocorreu na crise do historicismo a partir de 1890 foi uma crise na função prática do conhecimento histórico. A história havia perdido portanto, sua função de orientação [*Lebensbedeutung der Geschichtswissenschaft*]. Para o autor, o processo de cientificização do conhecimento histórico, fizera crescer o abismo entre a ciência e sua função prática na interpretação da vida e sobretudo, sua função identitária¹¹⁷. Assim, todos os esforços de diversos intelectuais em superar a chamada “crise do historicismo” constituíram uma tentativa de reestabelecer a unidade entre conhecimento histórico e a vida prática no sentido de encontrar uma união entre ciência e vida. Nipperdey considera o Círculo de Stefan George como parte de um grupo que considerava dispensável um conhecimento que não fosse capaz de constituir valores e orientar os indivíduos tanto no plano singular quanto coletivo. Para o autor, George e seu Círculo eram sintomáticos de uma crise generalizada a qual afirmava que a ciência naquele momento era incapaz de alcançar a profundidade da vida. Assim, a “poesia, mitologia, o olhar amplo e a intuição, a vivência [*Erlebnis*], constituíam o verdadeiro acesso para a realidade, para a verdade e para a vida.”¹¹⁸

¹¹⁵RÜSEN, Jörn. *História viva*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2007, p.43.

¹¹⁶BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. *Modernidade, pluralismo e crise de sentido: a orientação do homem moderno*. Petrópolis: Rio de Janeiro: Vozes, 2004

¹¹⁷NIPPERDEY, Thomas. Op.cit., p.633-637.

¹¹⁸Idem, ibidem, p. 678.

Na Alemanha, a repentina democracia, conjugada ao pessimismo em relação ao progresso ocidental, trouxe uma desconfiança em relação aos valores tradicionais, instalando na sociedade uma forte crise de sentido e de orientação frente à realidade caótica de crise social e econômica do pós-guerra. Quando grandes modificações ocorrem na experiência, tanto individual quanto coletiva, normalmente passa-se a procurar novos caminhos pelos quais essas experiências possam ser assimiladas.¹¹⁹ Diante de mudanças sociopolíticas e culturais bruscas, é indispensável que a experiência temporal, em sua forma histórica seja interpretada, pois

[a]inda que desconhecido como experiência, o passado pode ser explicado pela História, capaz por este procedimento de gerar imagens e sentidos para a ação no presente. [...] Neste sentido, a ação no presente e o planejamento do futuro ficam definitivamente marcados pelo peso do passado. [...] nossa identidade, coletiva e individual, assume explícita ou implicitamente uma profunda relação com a História. É nela que buscamos ancorar o barco de nossas vidas em busca de respostas que não podem tolerar as dúvidas e incertezas da tragédia humana.”¹²⁰

Durante os anos da República de Weimar a necessidade de definir uma identidade alemã era uma necessidade patente. De acordo com Rüsen e Jaeger, os historiadores tentaram, nesse momento, reconstruir uma identidade para os alemães a qual carregava como característica central a ênfase nas especificidades alemãs diante de outros países europeus¹²¹. É natural que em momentos de crise em meio às transformações econômicas e às rupturas políticas surjam novos debates acerca da identidade nacional e do sentido e papel desempenhado pelos intelectuais na sociedade.

O que parece se manifestar na sociedade alemã, de maneira geral, é uma “uma ânsia desesperada por raízes e pela comunidade”.¹²² De acordo com Oexle¹²³ é sintomático

¹¹⁹KOSELLECK, Reinhardt. “Las esclusas del recuerdo y los estratos de la experiencia. El influjo de las dos Guerras Mundiales sobre la conciencia social”. In.: *Los Estratos del Tiempo: Estudos sobre la Historia*. Barcelona: Paidós, 2001, p.135.

¹²⁰GUIMARÃES, op.cit., pp.19-20.

¹²¹RÜSEN; JAEGER, op.cit.,p.94-95.

¹²²GAY, Peter. *A cultura de Weimar*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978, p.113

¹²³OEXLE, Otto Gerhard. “Das Mittelalter als Waffe“. In: *Geschichtswissenschaft im Zeichen der Historismus*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1996,pp.171-182. Para o autor esse “colapso do progresso“, liga-se diretamente à crise econômica ocorrida após a unificação alemã que, segundo Oexle, abalou a confiança no desenvolvimento de uma nova sociedade. “A cultura do pessimismo [Kulturpessimismus] resultou em uma nova mitologia.“ Op. cit.,p.172. Uma obra emblemática seria a de Ferdinand Tönnies, *Gemeinschaft und Gesellschaft* (Comunidade e Sociedade) de 1897. A guerra foi uma experiência importante para que a ideia de *Gemeinschaft* se tornasse popular.

disso uma guinada rumo a valores medievais, à mitologização do passado, em oposição ao processo de modernização e massificação da sociedade. Além disso, buscou-se inspiração nos valores do romantismo alemão, ou seja, da ligação profunda do homem com a natureza, que não lhe é estranha. Era preciso retornar aos valores comunitários para reencontrar e reestabelecer os valores culturais e identitários comuns que pudessem reconstruir a identidade esfacelada dos alemães. Diante das imagens de dissolução, de desintegração social e individualismo de Weimar, o ideal de comunidade deveria prevalecer, a fim de que se restituísse a identidade nacional alemã, tendo em mente uma reconciliação entre presente e passado fosse realizável.

O filósofo e sociólogo alemão Helmut Plessner, em seu artigo, publicado originalmente em 1924, salientou o ideal de comunidade presente durante os anos de Weimar. Para Plessner, “o ídolo [daquela] época era a comunidade”¹²⁴, que enquanto forma de socialização seria capaz de superar os processos desagregadores da modernidade. O processo de distanciamento entre os indivíduos provocado pela modernização da sociedade teria gerado uma ansiedade por formas orgânicas de sociabilidade. Contudo, ao contrário de George, para Plessner a renovação seria possível somente quando livre do ideal da comunidade que inibia o poder individual. Se a juventude era mesmo capaz de gerir transformações socioculturais, isso não seria desencadeado a partir de uma guinada rumo à ideia de comunidade.¹²⁵

A preocupação em definir e, em certa medida, restaurar, a identidade alemã evidencia uma preocupação em garantir uma continuidade histórica com o passado diante de um presente fraturado. Nesse sentido, é possível observar neste período uma preocupação acentuada em conduzir, ou apontar o melhor caminho, para o destino alemão, que significava também uma resolução para a saída do caos. Prevaleceu em Weimar uma sensação constante de crise, que se manifestou em diversos planos e gerou um constante mal-estar frente às tensões sociais, culturais e ao novo regime político. Assim, a República de Weimar pode ser definida como um período intenso de crise.

Durante todo o período de Weimar, afirmou-se muitas vezes nos círculos acadêmicos que havia uma crise em andamento. Ninguém sentia necessidade de definir a exata natureza dessa crise, de indagar de onde vinha ou o que envolvia. “Às vezes, a situação atual é representada como

¹²⁴ PLESSNER, Helmut. “Between the Morality of the Master and the Morality of the Community”. In: *The Limits of Community: A critique of social radicalism*. Nova York: Humanity Books, 1999, p.65.

¹²⁵ Idem, p.74-75.

uma crise apenas do [...] sistema político, às vezes como uma crise da política e da concepção do Estado, ou como uma crise da ordem social. Outras vezes é considerada uma crise mais profunda e abrangente, uma crise de toda a cultura intelectual e espiritual, uma crise da consciência religiosa [...] do Ocidente.” De qualquer forma, a crise existia, ainda que apenas devido ao fato de que praticamente todo alemão culto acreditava em sua realidade. Obviamente, tinha estreitas relações com questões culturais gerais; mas também dizia respeito às questões políticas e sociais.¹²⁶

Foi permeado por todas essas indagações e por toda essa sensação de crise que o Círculo em torno do poeta Stefan George se formou e logrou êxito durante os anos da República de Weimar. Acreditamos que o Círculo enquanto uma prática cultural significou uma tentativa de restituir ao poeta e ao intelectual o papel de mentores da sociedade, o que evidencia a tentativa de responder qual seria o papel do intelectual diante das tensões da realidade. Ao mesmo tempo, George e seus discípulos encarnaram o modelo de formação ideal avesso à modernidade. A formação, a *Bildung*, era algo interior e do indivíduo que jamais seria alcançada pela formação especializada e profissionalizante que parecia tomar forma nos novos rumos do ensino superior alemão.

Quanto à crise que havia se instalado na ciência histórica, os georgeanos também tentaram buscar um caminho para aquilo que denominamos como a crise do historicismo. O que é indispensável ter em consideração é que o entendimento das ideias e diretrizes formuladas pelos georgeanos estão indissociáveis do contexto social, cultural e político que vivenciaram. De maneira geral, embora divergências tenham ocorrido no interior do próprio Círculo, George e seus adeptos compartilharam e deram voz ao pessimismo de sua época. Tal como outros muitos intelectuais, afirmaram que a sociedade de massas, o progresso e a técnica traziam à tona uma era de decadência na qual os valores comunitários se desmoronavam. O grupo significou também um modelo a partir do qual a sociedade alemã poderia restituir-se, reencontrar os valores que definiam a identidade alemã que não havia se destruído frente ao caos e às mudanças da realidade.

2.2: O Círculo de Stefan George e o conhecimento histórico: A escrita da história como *Wertsetzung*

¹²⁶RINGER, op.cit.,p.230.

Max Weber, amigo pessoal de Friedrich Gundolf, classificou o Círculo de Stefan George como uma seita cujo centro e líder carismático era Stefan George. Em seu *Economia e Sociedade*, Weber chegou a citar o nome de George como um líder, que reunia seu grupo a partir de seu próprio carisma¹²⁷. Weber admirava a poesia de George, mas discordava da concepção de ciência que os membros do Círculo defendiam e procuravam desenvolver em seus trabalhos. Marianne Weber, afirma que Weber considerava que George havia abandonado seu “claustro estético” para “renovar e governar o mundo do qual e a princípio fugiu como um asceta com características estéticas, seguindo o padrão de tantos outros ascetas.”¹²⁸

A conferência de Weber *A Ciência como Vocação*, publicada em 1919, não é somente uma exposição das ideias do intelectual alemão sobre sua concepção de ciência. O texto de Max Weber nos remete ao debate acadêmico acerca das *Geisteswissenschaften* durante os anos da década de 1920. Groppe acredita que Weber em sua conferência expôs um conflito geracional: por um lado, uma geração de intelectuais que, como Weber e Georg Simmel, procuraram na própria ciência, em seus princípios racionais, uma solução para a crise das ciências humanas. De outro, uma geração mais jovem, representada pelos próprios georgeanos para os quais uma solução só seria possível se a ciência estivesse estritamente ligada com uma visão de mundo e fosse útil para a formação de novos homens que pudessem assim, orientar-se para o futuro.

Para Weber, o trabalho científico deveria manter-se separado do engajamento político, da defesa de valores e ideias que pertenciam somente ao âmbito privado dos indivíduos. Não que o intelectual não pudesse declará-las, mas deveria mantê-las distante de sua análise científica e também de suas atividades universitárias, “porque o profeta e o

¹²⁷WEBER, Max. *Economia e Sociedade* (Volume 1). Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000, p.161. A teoria de Weber sobre o carisma é bastante aplicável ao Círculo de George. O poeta mantinha com seus jovens uma relação de cunho emocional, irracional. Os membros do Círculo veneravam George com um herói, acima das questões mundanas. Do poeta provinha o poder transformador, capaz de dar ao futuro um contorno diferente. Se considerarmos ainda a homogeneidade social do Círculo de Stefan George, sugerida por Groppe, os requisitos da formação de uma seita em torno de um líder carismático ficam ainda mais claras. “Denominamos “carisma” uma qualidade pessoal considerada extracotidiana [...] e em virtude da qual se atribuem a uma pessoa poderes ou qualidades sobrenaturais, sobre-humanos ou, pelo menos, extracotidianos específicos ou então se a toma como enviada por Deus, como exemplar e, portanto, como “líder”.”Op.cit.,p.158-159.

¹²⁸WEBER, Marianne. *Weber: Uma Biografia*. Casa Jorge, 2003, p.532. Marianne cita uma carta de seu marido à Paul von Klenau: “Acho que em determinados pontos Stephan George e seus discípulos servem, em última análise, a “outros deuses” que não o meu, por mais que eu possa estimar a arte e as intenções deles.” Idem, p.533.

demagogo não pertencem à cátedra acadêmica.”¹²⁹ Ao julgar os processos sociais e históricos e lhes impor seus próprios valores, a compreensão dos fatos seria inevitavelmente abalada.

Ainda no mesmo texto, Weber observou, como característica dos jovens intelectuais e estudantes das primeiras décadas do século 20, uma tendência para a libertação do racionalismo e do intelectualismo, a qual deixava evidente uma ânsia por alguma espécie de experiência religiosa, que por fim, expressava a necessidade de orientação para a vida:

A libertação em relação ao racionalismo e intelectualismo da ciência é a pressuposição fundamental da vida em união com o divino. Essa afirmação, ou outra de sentido semelhante, é uma das palavras de ordem fundamentais entre a juventude alemã, cujos sentimentos estão voltados para a religião ou que anseiam pelas experiências religiosas. A única coisa estranha é o método hoje seguido: as esferas do irracional, as únicas esferas que o intelectualismo ainda não atingiu, foram hoje elevadas à consciência e colocadas sob suas lentes. Pois, na prática, é a isso que leva a forma intelectualista moderna do irracionalismo romântico.¹³⁰

A conferência de Max Weber deu início a uma ampla discussão. Richard Pohle considera a participação de Gundolf significativa nesse debate. Não é desnecessário lembrar que Gundolf auxiliou, mesmo a contragosto de George, a publicação de *Der Beruf der Wissenschaft* [A profissão do cientista] de Erich von Kahler, em 1920, uma explícita oposição à conferência de Weber.¹³¹

Quando pensamos na estrutura do Círculo de George, seus escritos e seu tipo de socialização caracteristicamente ritualística, é inevitável não concordarmos com Max Weber, quanto este considerou o grupo em torno do poeta como uma comunidade religiosa em torno de um líder carismático. Nipperdey sugere que a busca por algum tipo de

¹²⁹WEBER, Max. “A Ciência como Vocação”. In: *Max Weber: Ensaio de Sociologia*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1982, p.154-183.p.173.

¹³⁰Op, cit.,p.169.

¹³¹POHLE, Richard. *Max Weber und die Krise der Wissenschaft. Eine Debatte in Weimar*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2009, p.37. A aproximação entre George e Weber deu-se através de Gundolf. Entretanto, Kahler nunca publicou algo vinculado oficialmente ao Círculo de George. Segundo Pohle, o manuscrito de *Der Beruf der Wissenschaftler* circulou entre os membros do círculo antes de sua publicação. A reação de George é incerta. De acordo com o livro de memórias de Salin, George teria negado a ligação entre o texto de Kahler e o seu círculo. Idem, p.41-42. De maneira geral, as críticas que Kahler dirigiu a Weber estão em consonância com as opiniões dos georgeanos acerca da ciência. Para uma boa análise da crítica de Kahler, ver: POHLE, Op. cit.,pp.41-52.

experiência religiosa, não circunscrita a instituições religiosas tradicionais, intensificou-se a partir da virada do século. Esse tipo de religiosidade [*äußerkirchliche Religiosität*] difundiu-se tanto a partir de indivíduos quanto a partir de grupos que embora não estivessem ligados a uma religião oficial, possuíam elementos religiosos em sua organização.¹³² A partir desses grupos, segundo o autor, teve início uma religião do espírito [*Geistreligion*] que se opunha ao intelectualismo da ciência, bem como ao historicismo.¹³³

Conjugada com essa *Geistreligion*, o autor considera ainda a secularização da religião a partir da arte. A arte, desde os finais do século 19, assumiu, sobretudo para a burguesia culta, o papel da religião, uma vez que se tornou a instância que, ao ligar-se à vida, era capaz de fornecer orientação aos indivíduos. Nesse sentido, o artista é mitologizado, torna-se *Lebensführer*, caminho para uma nova sociedade, fonte para uma nova forma de vida.¹³⁴

Podemos compreender o Círculo de Stefan George como parte do desenvolvimento da *Geistreligion* sugerida por Nipperdey. Frente às mudanças sociais e culturais decorrentes do processo de modernização da sociedade, o grupo tornou-se uma opção a ser seguida, representou uma forma de vida. Os valores veiculados pelos georgeanos foram estendidos também para a ciência e claro, para a escrita da história. Como Weber sugeriu, a libertação das formas racionalistas do conhecimento possibilitaria a união com o divino, com aquilo que não poderia ser compreendido metodicamente. No entanto, para os georgeanos, é justamente aquilo que não pode ser compreendido racionalmente é que deve fazer parte do trabalho do cientista e claro, também do historiador.

A concepção de ciência ligada ao Círculo de Stefan George estaria em contraposição às formulações de Weber. A ciência, principalmente as *Geisteswissenschaften*, seria válida na medida em que fosse capaz de fundamentar uma visão de mundo mediante a difusão de novos valores. Ao contrário de Weber, *Wissenschaft* e *Weltanschauung* devem permanecer unidas. A atividade científica deveria estar de acordo com as concepções pessoais dos intelectuais¹³⁵. Nesse caso, a escrita da história vai

¹³²NIPPERDEY, Thomas. Op.cit.,p.521.

¹³³“[...] Erneuerungsbestrebung einer “religiösen Kultur”, einer schöpferischen Umwandlung des Christentums in eine undogmatische Geistreligion, gegen den Intellektualismus und Historismus der Wissenschaften und gegen den Liberalismus, der alle existentiellen Erfahrungen und Krisen mit Beliebigkeiten und Durschnittlichkeiten des gesunden Menschenverstandes zudeckt.” Op. cit.,p.522.

¹³⁴Op. cit.,p.518-520.

¹³⁵Carola Groppe enfatiza a importância das diferentes gerações de intelectuais para se compreender a discussão sobre a ciência na Alemanha do início do século XX. A partir de Karl Mannheim (*Ungleichzeitig der Gleichzeitig*) Groppe afirma que os debates acerca da ciência eram perpassados também por um

de encontro com os valores do Círculo de George. Analisar os processos históricos, bem como os indivíduos, está atrelado aos próprios pressupostos do Círculo de George. Pertencer ao Círculo determinava também, mesmo que de forma fraturada, uma forma de desempenhar o trabalho científico.

Norton considerou as posições de George e seu Círculo relativas à ciência a partir de uma visão antimodernista compartilhada por outros intelectuais do período. Nesse sentido, a ciência era considerada uma força destruidora. Através da instrumentalização da razão, a ciência desencantava a natureza e a subjugava. Eram convictos de que o mundo moderno desvalorizava e destruía o que realmente era válido à vida através da racionalização de todas as suas áreas. Para Norton, tal posição era compartilhada por antimodernistas que se opunham, de maneira geral, ao liberalismo econômico, ao progresso e questionavam frequentemente o conceito do mesmo.¹³⁶ De acordo com o autor, as biografias vinculadas ao Círculo tinham por objetivo oferecer um caminho alternativo mediante uma visão irracional e intuitiva.¹³⁷

Carola Groppe enfatiza que analisar o conceito de ciência dos georgeanos implica pensar na reconstrução da *Bildung* proposta pelo Círculo. A autora considera os intelectuais ligados a George também como empenhados em reformar a *Bildung* e por isso, seus trabalhos devem estar vinculados a esse propósito. Os escritos de intelectuais como Gundolf, visavam ao homem em sua totalidade, objetivavam educá-lo. Os georgeanos, enquanto instrutores da juventude, ambicionavam educar a partir de exemplos, a partir da ideia do “homem total.” O ideal pedagógico é uma característica do Círculo de George, tanto interna quanto externamente. No grupo em si, George desempenhava o papel de mestre a fim de educar seus jovens. No exterior, os artigos e livros que provinham do grupo de George possuíam de igual modo um ideal pedagógico, no sentido de educar para fundamentar a identidade e garantir a mudança do horizonte de expectativa mediante tal identidade. O sentido da formação do homem total para a humanidade remonta aos ideais

problema geracional, uma vez que em um mesmo período de tempo diferentes gerações convivem entre si. Assim, a segunda geração de intelectuais, nascidos entre 1870-1880, cresceram em uma sociedade moderna e industrial. Desta geração, intelectuais como Weber e Simmel procuraram uma solução para a crise da ciência somente dentro dos limites da própria ciência. Groppe considera os georgenos como representantes da terceira geração de intelectuais, os quais defendiam que a crise seria superada a partir de uma ciência criadora de valores [*wertsetzende Wissenschaft*] mediante a união de uma ciência racional com um conhecimento intuitivo-poético, que colocavam sem questão a autonomia da ciência. GROPPE, Op.cit., p.212.

¹³⁶NORTON, Robert. “Das Geheime Deutschland und die Wissenschaft”. In: BÖSCHENSTEIN, B.; EGYPTIEN, J.; SCHEFOLD, B.; VITZTHUM, W. (Hg.) Op.cit.,p.59-60.

¹³⁷Idem,p. 64. Para Norton existe uma influência grande e direta entre o francês Henri Bergson e o Círculo de Stefan George, sobretudo no que tangia à necessidade de uma visão intuitiva e irracional frente ao racionalismo moderno.

de Wilhelm von Humboldt. A *Bildung* torna-se também “tarefa da história como para a história”. Não por acaso, Groppe considera Gundolf antes de tudo, um *Bildungshistoriker*.

Lograr a formação perfeita para construir o todo, multiabrangente e harmônico, é o ideal da humanidade. A relação harmoniosa da unidade pessoal do homem é definida como da ação educativa e da autoformação. A educação/formação é assim considerada como um processo infinito de desenvolvimento das próprias possibilidades do homem que se enraíza na capacidade humana de aperfeiçoar-se e desdobra gradativamente ao longo do tempo.¹³⁸

O crescente processo de racionalização era a característica da modernidade, de acordo com Weber. Não havia mais forças mágicas capazes de explicá-lo. O mundo havia se desencantado. Não para George. Diante do “desencantamento do mundo”, George resignou-se. Para o poeta, o mundo desencantado era o problema dos homens. O poeta foi claro quando escreveu que “só a magia” era capaz de manter “a vida acesa”.¹³⁹ Seria a ciência, aos moldes georgeanos, o caminho para o reencantamento do mundo?

2.2.1: Friedrich Wolters e Friedrich Gundolf: o conceito de *Gestalt*

No terceiro *Jahrbuch für die geistige Bewegung*, publicado em 1912, Friedrich Gundolf publicou seu emblemático ensaio intitulado *Vorbilder*. O próprio título do texto de Gundolf nos remete, imediatamente, às noções de exemplaridade vinculadas ao grande homem, ao grande personagem da história.

Gundolf inicia seu ensaio afirmando que um movimento, neste caso, o Círculo de George, poderia tomar forma no presente, com o intuito de reconciliar-se com o passado. Nesse sentido, um grupo formado poderia opor-se ao passado “através de sua especial

¹³⁸MARTINS, Estevão. “Brasil, Alemanha: historiografias e identidades”. Datiloscrito original cedido pelo autor (2013) p.22.

¹³⁹GEORGE, Stefan. “O Homem e o Druida”. In: VALADARES, Eduardo Campos. *Stefan George: Crepúsculo*. São Paulo: Iluminuras, 2000, p.151. Assim o Druida diz ao Homem: “Tu és apenas homem..onde termina a tua sabedoria / Se inicia a nossa. apenas começa a vislumbrar / O preço pago pelo avanço. [...] As terras que respiram a atmosfera úmida das noites primitivas / Jamais se decompõem . estão de tal modo constituídas / Que se desfazem quando um elo escapa da corrente. / Até este instante teu domínio estava intacto. / Afastes agora! Viste o Druida.” Idem, ibidem.

seleção da história.”¹⁴⁰ Para Gundolf, o passado vive, é uma força incorporada no Círculo de George e portanto manifesta-se a partir de seu efeito [*Wirkung*].

A partir de tal afirmação, Gundolf detecta o problema do homem do início do século 20. Os homens haviam se distanciado desse passado vivo [*lebendig*] que para Gundolf significava manter-se separado do espírito [*Geist*]. Os homens estavam separados do espírito do passado, cujos valores poderia tornar-se força. De acordo com Gundolf, a solução para os homens era reconciliar-se com o passado, a fim de obter orientação para o presente e para o futuro.

Essa distinção existia igualmente no campo científico. A ciência, no caso de Gundolf, as *Geisteswissenschaften*, havia se distanciado do *Geist*, restando assim, a fria e objetiva pesquisa. De maneira geral, Gundolf afirma a visão geral dos georgeanos, ou seja, a necessidade de uma ciência que fosse capaz de trazer para o presente orientação, que unida à vida fornecesse aos homens força [*Kraft*] para os desafios do presente, deveria ser portanto, uma ciência viva.

Ao adentrar a discussão sobre a atividade científica, Gundolf institui uma diferença entre a pesquisa [*Forschung*] e uma nova maneira de desenvolver a ciência, denominada pelo autor como *Geistesart*.¹⁴¹ O problema da pesquisa em seu estado atual era o relativismo, e nesse ponto, Gundolf parece concordar com os críticos do historicismo, como Troeltsch. O único objetivo do cientista era encontrar a verdade. Em sua proposta de uma nova *Geistart*, a partir de novos valores destinados ao cientista, Gundolf sugere que somente seria válido o conhecimento que fosse produtivo, e que estivesse ligado à vida. Sua eficácia seria medida qualitativamente e o conhecimento se daria mediante vivência [*Erlebnis*].

Tudo é pesquisável, tudo pode tornar-se objeto, frente à pesquisa tudo tem o mesmo valor, o dever a ser cumprido pelo espírito do pesquisador é a verdade e essa o objetivo de sua vida. A outra *Geistart*, [...] se dirige apenas ao que se faz produtivo, desperta forças, ascende o sentimento de vida. [...] Seus julgamentos são qualitativos e provém da vivência, relaciona-se ao específico do respectivo efeito vivenciado.¹⁴²

¹⁴⁰GUNDOLF, Friedrich. “Vorbilder”. In: LANDMANN, Peter (Hg.). Op.cit., p.173.

¹⁴¹Embora Gundolf não cite Wolters, a meu ver, a distinção de Gundolf parece basear-se na proposta de Wolters que em seu *Richtlinien* distinguiu dois tipos de força, a *Ordnende Kraft* e a *Schaffende Kraft*. Se a pesquisa em sua época encontrava-se dominada pela *Ordnende Kraft* era preciso que fosse realizada a partir da *Schaffende Kraft*. Era importante que existisse entre os homens do passado e do presente a partir da formação de “famílias de espírito”. Cf.: p. 20 deste trabalho.

¹⁴²GUNDOLF, Friedrich. Op.cit.,p.173.

O problema maior advindo do relativismo na ciência era que esta não era mais capaz construir valores. A ciência havia caído em uma “relativa falta de valores”.¹⁴³ Ao contrário de Weber, o objetivo da ciência em estabelecer valores era fundamental.

Dilthey, ao fundamentar o objeto das ciências humanas, afirmou que o trabalho científico deveria voltar-se para o interior da vida, para a vivência. As ciências humanas teriam por base fundamental a tríade vida, expressão e compreensão. Os estados humanos seriam “vivenciados” e compreendidos mediante manifestações vitais, como por exemplo uma obra literária.¹⁴⁴ O compreender assenta-se portanto, em uma conexão espiritual que possui por pressuposto básico uma “troca constante com o próprio vivenciar e com o compreender de outros”.¹⁴⁵ A vivência é possível ao historiador mediante uma “conexão vital” que inclui a dinâmica temporal, liga-se ao passado e à possível gestão de um futuro.¹⁴⁶

O indivíduo, essencialmente histórico, é importante pela posição que ocupa diante de sistemas culturais e comunidades, tendo por finalidade a própria humanidade. Por isso, segundo Dilthey, “o historiador precisa compreender toda a vida dos indivíduos”.¹⁴⁷ Essa compreensão é possível a partir da objetivação da vida. Para Gundolf, o importante era a análise das obras e não a biografia do indivíduo em si. O indivíduo criava valores que poderiam ser compreendidos mediante a vivência. Deste indivíduo partia uma conexão de efeitos a partir do passado, que se estendia ao presente e ao futuro. Para Dilthey e Gundolf, a objetivação do espírito de um indivíduo excepcional caracteriza o pensar e sentir de uma época. No entanto, Gundolf, ao que tudo indica, esforça-se por atemporalizar a mensagem do homem individual. Como afirmou Dilthey, nesse espírito objetivo “o passado é um presente constantemente duradouro para nós.”¹⁴⁸

Carola Groppe salienta a importância de Dilthey para o pensamento de Gundolf, o qual fora aluno de Dilthey durante seu doutorado. O conceito de *Erlebnis* [vivência] é fundamental em Gundolf. Para a autora, a *Habilitation* de Gundolf pode mesmo ser considerada uma obra aos moldes diltheyanos, livre da interpretação georgeana.¹⁴⁹ Para Schneider, Dilthey é importante também para George com o qual, segundo o autor,

¹⁴³ Op.cit.,p.173.

¹⁴⁴ DILTHEY, Wilhelm. *A construção do mundo histórico nas ciências humanas*. São Paulo: Editora Unesp, 2010, pp.24;28.

¹⁴⁵ Op.cit.,p.72.

¹⁴⁶ Op.cit.,p.101.

¹⁴⁷ Op.cit.,p.95.

¹⁴⁸ Op.cit.,p.189.

¹⁴⁹ GROPPE, Op.cit.,p.508.

manteve contato pessoal. Dilthey teria sido responsável por despertar em George um novo olhar para a palavra. Schneider afirma a importância do pensamento diltheyano por possibilitar a união entre o grande homem [*Gestalt*] e a compreensão e a vida.¹⁵⁰

Para a ciência na forma da pesquisa, o grande homem, segundo Gundolf, tornava-se apenas um objeto. Era analisado isolado de sua força criativa e de sua capacidade de renovação. Sua análise não criava um vínculo com o presente e por tal, era dispensável. O essencial para Gundolf era a compreensão do grande homem, do herói. Trazer à vida os heróis era a função de todo movimento ligado à vida, ou seja, ao Círculo o qual pertencia.

O grande homem, enquanto modelo [*Vorbild*], deveria ser compreendido não pelas suas ações concretizadas no passado. O grande homem era válido pela sua infinita capacidade de renovação. Não é imprescindível para o intelectual,

[...] conservar o que os modelos [*Volbilder*] foram e fizeram, ele toma o modelo não como ele próprio se percebeu ou como foi percebido: um culto de relíquias não é nosso dever, nenhuma reconstrução do passado [...]. Os grandes são grandes através de sua inesgotável novidade [*Neuheit*] [...] porque eles são para mil anos, não porque eles existiram há mil anos.¹⁵¹

O inesgotável valor dos grandes homens é o que Gundolf denomina por *Gestalt*. É a ela que se deve buscar quando o trabalho científico é desenvolvido. Não é a verdade [*Wahrheit*] que se deve ter por objetivo último da ciência, mas a realidade [*Wirklichkeit*], a vida. Gundolf defende que “o que não se atrela ao grande homem [...] não é necessário.”¹⁵² O conhecimento tem por finalidade contribuir para a conduta da vida, para a manutenção de uma *Weltanschauung* inseparável também do próprio intelectual.

Os mesmos propósitos foram estendidos à história. O historiador desempenharia um papel fundamental para reavivar as forças do passado. É tarefa do historiador compreender e expor “as forças humanas de cada tempo”. Gundolf é enfático ao afirmar o papel orientador da história para o homem, pois aqueles que não possuem um passado vivo [*lebendige Vergangenheit*] “não possuem nem presente nem futuro. Quem é do hoje é

¹⁵⁰SCHNEIDER, Op.cit.,p.346.

¹⁵¹GUNDOLF, Op.cit.,p.173-174.

¹⁵²GUNDOLF, Op.cit.,p.176.

sempre do ontem.”¹⁵³ A história é válida na medida em que eterniza, pois de acordo com Gundolf, “todo o histórico, passado nos é valido apenas lá, onde nutre e mostra a vida [...]”¹⁵⁴

Gundolf preocupa-se sobretudo com a formação [*Bildung*] e não por acaso afirma, na introdução de seu *Caesar. Geschichte seines Ruhms* (1924) que o historiador era o protetor da *Bildung*. A história não se repetia e era impossível, a partir dela, prever o futuro. No entanto o conhecimento do passado poderia orientar. Não era, segundo Gundolf, na política que o conhecimento deveria ser frutífero. Era para a *Bildung*, para a dignidade humana que o conhecimento das figuras eternas da história seria imprescindível.

Não para o objetivo da política, mas antes para o objetivo da *Bildung*, ou em outras palavras, em prol da dignidade e respeito humanos, é necessário manter as eternas figuras da história (*ewige Gestalten*) despertas, protegidas das reivindicações de dias enfadonhos e gananciosos. O historiador, o guardião da *Bildung* (esse é seu principal dever) não é um bom político, não pode fazer decisões produtivas em alterar o destino (*im werdenden Schicksal*) de hora em hora. Ele é capaz, entretanto, de ajudar a avivar o ar no qual ações perspicazes cresceram, e ele pode mobilizar mentes para heróis que virão. Nesse sentido ele chama as forças da história e suas personificações, as nações e os líderes.¹⁵⁵

Para Gundolf o historiador é um mediador. A tarefa do historiador é criar uma ponte entre as grandes manifestações do passado, ressaltando os valores necessários para manter estável a vida no presente e orientar para o futuro. Essa é a função prática da história para a vida. O trabalho do historiador está indissociável da análise do grande homem¹⁵⁶, cujos valores, poderíamos afirmar, seriam ahistóricos. Portanto, o historiador eterniza a *Gestalt* do herói mediante a mitologização de sua figura emblemática.

¹⁵³Op.cit.,p.174.

¹⁵⁴Op.cit.,p.179.

¹⁵⁵GUNDOLF, Friedrich. *Caesar. Geschichte seines Ruhms*. Berlim, 1924. APUD: OEXLE, Otto Gerhard. “German Malaise of Modernity: Ernst H. Kantorowicz and his “Kaiser Friedrich der Zweite”.”In: BENSON, Robert L.; FRIED, Johannes. *Ernst Kantorowicz*: Stuttgart: Franz Steiner Verlag, p. 33.

¹⁵⁶Gundolf atrela ao grande homem a noção de “homem total” [*Gesamtmesnchliche*] enquanto símbolo de uma “cultura total” [*Gesamtkultur*]. O *Gesamtmensch* representa a síntese entre corpo e alma, representa o todo de uma época e não possui a ideia moderna de individualismo. Como não existem mais na modernidade o *Gesamtmensch* como algo natural, é necessário que o grande homem, o líder, apareça de tempos em tempos. Evidente que tal constatação estende-se à George. “Jetzt muss er immer von zeit zu zeit kommenn, um erstarre oder gehölte überlieferung mit neuen urgehalt zu sprengen oder zu füllen, oder um ein chãos zu gestalten: in beiden fällen hat er natur und kultur zu vereinen durch sein werk oder durch sein wesen, kurz das gesamtmenschum in sich zu erneuern.” GUNDOLF, Friedrich. “Volbider” LANDMANN, Peter (Hg.). Op.cit., p.178.

Gundolf habilitou-se pela Universidade de Heidelberg em 1911. Seu trabalho, *Shakespeare und der deutsche Geist*, foi publicado pela editora Georg Bondi em 1911. Em outubro de 1910, após a publicação do primeiro *Jahrbuch für die geistige Bewegung*, Gundolf escreveu a George que sua habilitação tinha sido “rigorosamente composta pelo compendio do Movimento Espiritual, como seus livros [de George] eram sua Bíblia”.¹⁵⁷ Gundolf afirmava que com seu livro havia “prestado um grande serviço [*Dienst*] ao “Estado” [ao Círculo]”.¹⁵⁸ Seu livro deveria ser publicado como “*Blättersache*” que, juntamente com *Herrschaft und Dienst* de Wolters, seria o “principal pronunciamento teórico da natureza do “Império” [do Círculo].”¹⁵⁹ Gundolf deixa claro que todo trabalho científico, produzido e defendido dentro das universidades, encarrega-se de uma dupla função: a produção de um trabalho científico, aceito academicamente e a difusão do modelo interpretativo georgeano e de suas premissas básicas.

Rainer Kolk sublinha a importância do livro de Gundolf, ao lado de *Hamann und die Aufklärung* do germanista e historiador da literatura Rudolf Unger (1876-1942), para o debate sobre o estudo da literatura durante a década de 1920, o qual dialoga com as discussões mais amplas sobre a ciência e sua função social. Segundo Kolk, a obra de Gundolf representou uma alternativa ao pensamento materialista, ao sublinhar o momento criativo e a compreensão da corrente filosófica, religiosa ou artística como elemento nacional do *Gesamtgeist* de uma época. Não bastava o método científico para investigar a literatura alemã como elemento imprescindível da identidade cultural nacional.¹⁶⁰

Também no terceiro *Jahrbuch für die geistige Bewegung*, Friedrich Wolters publicou “*Mensch und Gattung*”. Na mesma linha de Gundolf, embora com algumas divergências, Wolters procura propor um modelo interpretativo para a ciência a partir do Círculo de Stefan George. Wolters faz a mesma constatação de Gundolf ao afirmar que a conhecimento estava desprovido de uma relação com aquilo que se mantinha vivo. No

¹⁵⁷Friedrich Gundolf a Stefan George, 12 de outubro de 1910. In: BOEHRINGER, Robert; LANDMANN, Georg Peter. *Stefan George-Friedrich Gundolf: Briefwechsel*. Munique/Düsseldorf: Helmut Küpper, 1962, p.206.

¹⁵⁸Idem, p.206-207.

¹⁵⁹Friedrich Gundolf a Stefan George, outubro de 1910 (sem data específica). Idem, p.207. Gundolf escreve a Ernst Bertram, em 14 de outubro de 1910, sobre a impressionante realização de seu trabalho: “[...] ich mit meiner Habilitationsschrift fertig wurde. Sie heisst: Shakespeare und der deutsche Geist (Grundzüge seiner Wirkung bis ins romantische Zeitalter) und ist ein quantitativ wie qualitativ gewichtiges Werk geworden (490 Folioseiten in 2 Monaten) vor dessen Fülle und Weite ich staune, als hätte ichs nie machen können, und das ich jetzt als unverhofftes Geschenk eines Dämons, der mich besessen hat, betrachte.” Op.cit., p.208.

¹⁶⁰KOLK, Rainer. “Kritik der Oberfläche: Zur Position des George-Kreises in kulturellen Debatten 1890-1930”. In: BÖSCHENSTEIN, B.; EGYPTIEN, J.; SCHEFOLD, B.; VITZTHUM, W. Op.cit., p.39.

entanto, Gundolf denominou de *Forschung* o que Wolters denomina de *Wissen*,¹⁶¹ ou seja, a atividade científica realizada mediante processos metódicos, considerada pelos georgeanos como a produção de um conhecimento vazio e, sem sentido mesmo.

De acordo com Wolters, o homem preso em seu “infinito presente” não possuía força para renovar o presente a partir do passado e portanto, era desorientado frente ao futuro. Essa desorientação apresentava-se no trabalho científico. Em tempos como o que vivia, onde os homens não estabeleciam uma relação com o passado, a ciência era feita a partir de estruturas conceituais que tomavam o lugar da “força criativa”. A solução de tal situação era o restabelecimento dos homens com as forças vivas [*lebendige Kraft*] do passado que poderia se desenvolver a partir do grande homem. Neste ponto, o pensamento de Wolters assemelha-se ao de Gundolf. A inesgotável importância do grande homem manifesta-se pela *Gestalt*.

Wolters enfatiza sobremaneira o papel do indivíduo na história e na sociedade na medida em que o contrapõe ao indivíduo moderno que Wolters considera como apenas um representante da humanidade [*Gattung*]. A ideia moderna de humanidade é para Wolters uma falácia, uma vez que o coletivo incapaz é de transformar-se em *Gestalt*¹⁶². Somente o grande homem em sua unicidade e excepcionalidade pode transformar-se em *Gestalt*. Essa era uma das razões pelas quais a existência de grandes homens em seu tempo era muito rara.

O relativismo presente na ciência de sua época, principalmente na história, era reflexo da ideia de igualdade da humanidade em seu sentido moderno. Pois “todos são iguais diante da humanidade” que sufoca a ação do grande homem com seu “progresso coletivo” e com sua “igualdade universal”.¹⁶³ Assim como o indivíduo moderno, a ciência encontrava-se vazia, não pertencia a nenhum campo de batalha, não estabelecia ou defendia uma visão de mundo para os homens.

Também para Wolters é necessário restabelecer um diálogo com o grande homem ao invés de prezar pelo pensamento lógico. A verdade liga-se para Wolters à *Gestalt*, ao

¹⁶¹WOLTERS, Friedrich. “Mensch und Gattung”. In: GUNDOLF, Friedrich; WOLTERS, Friedrich (Hgs.) *Jahrbuch für die geistige Bewegung*. Berlin: Verlag der Blätter für die Kunst, 1910, p.139.

¹⁶²Op.cit.,p.140. “[...] das Individuum ist Vertreter der Gattung, aber die Gattung ist an sich ohne Sinn und Inhalt, darum hat sie vom Menschen die Menschlichkeit entlehnt und sich und ihrem freien Vertreter zum einzigen Zweck gesetzt; aber weil sie nur Schemen sind und also nicht schaffen sondern nur zehren können, haben sie das Mark der Menschlichkeit ausgesogen und was übrig blieb ist “die moderne Humanität”.” Op. cit.,p.141. Sigo a grafia de Wolters, característica dos artigos dos georgeanos, por isso muitos substantivos são iniciados em minúscula.

¹⁶³Op.cit.,p.143.

grande homem que expressa uma verdade eterna [*ewige Wahrheit*]¹⁶⁴. Portanto, a compreensão dos valores do grande homem, sua *Gestalt*, é o objetivo principal da atividade científica, do historiador e dos homens em geral.

A verdade eterna aparece apenas como *Gestalt*. [...] por isso o maior dos homens é a mais profunda verdade, o herói e o soberano sozinho é verdade! Ele sozinho pode ser verdade, seu *Eros* divino irradia seu logos [...] Nos heróis, no soberano, procura-se a verdade, no homem heroico procura-se o verdadeiro amigo e guia da nossa juventude. [...] O grande homem nos guia melhor que a grande humanidade. Em amor e luta devemos alcançar com ele, o que ele mesmo em amor e luta com grande poder conseguiu, ele nos ensina a venerar e proteger, onde ele mesmo venera e protege [...]¹⁶⁵

Se comparado ao ensaio de Gundolf, o texto de Wolters possui um caráter mais ativo¹⁶⁶. Seu tom é mais agressivo. É explícita a vontade de Wolters de interferir na realidade. Para Wolters, nesse sentido, a ciência, e claro a história, é parte fundamental para a mudança política e social a partir da educação [*Bildung*] de uma nova juventude mediante a *Gestalt* dos grandes homens¹⁶⁷.

O objetivo educacional é explícito no texto de Wolters e vincula-se ao papel do intelectual frente à sociedade. Os homens devem reconciliar-se com as forças expressas no passado que expressas na *Gestalt* sobrevivem para o presente e para o futuro. Ao compreendê-las, o historiador presta um bem à humanidade. O intelectual expõe “as leis eternas da humanidade.”¹⁶⁸

¹⁶⁴Op.,cit.p.151.

¹⁶⁵Op.,cit.,p.152.

¹⁶⁶Wolters acreditava poder recrutar jovens para sua causa. Por muitas vezes foi considerado pelos próprios georgeanos como um forte nacionalista. Entre 1923-1926, Wolters escreveu *Vier Reden über das Vaterland*, marcado por um tom militar e por um ódio em relação à França. Em carta à Ernst Morwitz, Kantorowicz critica a postura nacionalista de Wolters: “Nämlich es heisst dass Wolters alle möglichen nationalistischen u. völkisch Aufrufe mitunterzeichnet habe, vorwiegend wohl akademischer Art. [...] Die private Anschauung in politicis bleibt já jedem unbenommen – aber aktiv kann man nicht zwei Staaten dienen u. vor allem: es werden damit die gewiss über allen Parteien stehenden Dinge *von offizieller Seit* in den Dreck einer Partei gezogen, um mit dieser zu fraternisieren. Bitte, lieber Ernst Morwitz, können Sie das verstehen u. ist das angängig? und kann das nicht inhiert werden?” Ernst Kantorowicz a Ernst Morwitz, verão de 1925 (Data do arquivo): Briefkonvolut Ernst Kantorowicz an Stefan George, Stefan George Archiv. Citado por: GROPPE, Op. cit., p.262. Groppe atrela o pensamento de Wolters ao de Carl Schmitt, quando este em sua *Verfassungslehre* (1928) compreende o conceito de nação também com um *Bildungsbegriff*. Um povo sem *Bildung* seria também um povo sem história. Op.cit.,p.267.

¹⁶⁷Gundolf denomina em seu texto o círculo de George como “movimento” [*Bewegung*] ao passo que Wolters chama ao Círculo de “estado” [*Staat*]. Evidente em Wolters que o Círculo de George era um estado em que o estado oficial deveria se exemplar.

¹⁶⁸WOLTERS, Op.cit.,p.143

A preocupação com uma nova educação [*Bildung*] é fundamental em Wolters e tal deve ser também o objetivo da ciência. A ciência estabelece valores a partir do diálogo com o passado e por isso, orienta o futuro. De maneira geral, Wolters enfatiza sua preocupação com o espírito nacional [*das Wesen des Volkes*], que se interliga ao grande homem e a tudo que a ele se relaciona. No discurso de Wolters, o grande homem, enquanto criador e portador da *schaffende Kraft*, traz em si o caráter da nação e a forma. A ideia de uma forma comunitária de vida na qual a “chama eterna” do grande herói permanecesse viva é o ideal de Wolters. E segundo o mesmo, o ideal que mantém o Círculo de George.¹⁶⁹

Embora existam diferenças entre os ensaios de Gundolf e Wolters, eles servem à mesma causa. De maneira ampla, os georgeanos acreditavam que eram necessário e imprescindível fundamentar uma nova forma de desempenhar a atividade científica. No que concerne à história podemos afirmar que para George e seu Círculo o mais importante era que a história superasse a crise de sua função prática para a vida. Embora propusessem um novo modelo interpretativo, ou seja, a história a partir da investigação do grande homem a fim de restabelecer seus valores para o presente, objetivavam também fornecer uma solução para a crise do historicismo, mesmo que tal discussão nunca tenha se desenvolvido de forma explícita.

Ao mesmo tempo, o trabalho do historiador inclui tornar presente novos valores e fundamentá-los, ou seja, a história como *Wertsetzung*. Essa convicção dos georgeanos não significa que seus trabalhos fossem desprovidos de uma pesquisa que envolvesse os requisitos básicos do trabalho do historiador, como a crítica das fontes, a pesquisa em arquivos. Porém era o modelo interpretativo que direcionava a leitura de tais fontes que caracterizava o trabalho de um intelectual ligado ao Círculo de Stefan George.

Fazer história no parâmetro do Círculo de George significava, mesmo que paradoxalmente, procurar pelo eterno, pelo imutável, ou seja pela *Gestalt* dos grandes homens, uma forma essencial [*Urseinform*], um conjunto de valores que se encontra corporificado em tais heróis, mas ao mesmo tempo deles se separa. O olhar do historiador deveria voltar-se para o atemporal. O artefato narrativo, ferramenta central do historiador

¹⁶⁹“hier [das Wesen des Volkes] steht an stelle des gesetzes die ganze sinnlich-sichtbare einheit seines geistigen lebenswillens, seine Gestalt [do grande homem]. Dass diese einheit sich zeige, dass eben ein volk sei, setzt bestimmte schaffende männer voraus, die sie bilden und tragen, die als bewegende kräfte sind. Denn jede organische gemeinschaft ist eine einheit bewegender und ruhender, im tiefen sinne tätiger und leidender kräfte, die sich nach dem grossen haushalt der natur wie ewige flamme und ewige nahrung verhalten: die zweite ist tot ohne die erst, die erste verraucht ohne die zweite. Das wesen der flamme ist schöpfung, das wesen der nahrung ist opfer: die besondere glut beider ist das wesen der gemeinschaft, sichtbar in der flamme.” Op.cit.,p.147.

para exposição de sua pesquisa, é o meio pelo qual se fundamenta e se dissemina também uma determinada visão de mundo. Ao contrário de Max Weber, para os intelectuais do Círculo de George, a história e a ciência de maneira geral, compactuava com a *Weltanschauung* do intelectual. E mais significativo: A ciência deveria formar uma nova juventude mediante o estabelecimento de uma ponte entre o presente e o passado. O conhecimento histórico é, para os georgeanos, assumidamente, prática e imprescindível ao homem.

Carola Groppe afirma que o conceito de história vinculado ao Círculo de George parece contraditório. A história, vista como um processo de decadência desde a antiguidade, como processo de distanciamento entre ciência e *Weltanschauung*, retira do processo histórico um “reino espiritual” que é dele independente. A ciência deve ser viva, no sentido que parte da *schaffende Kraft* de Wolters e liga-se assim à *Bildung* dos homens. A visão intuitiva era fundamental para que a ciência histórica trouxesse à superfície os valores mediante análise e compreensão dos indivíduos significativos.

2.2.2: Ernst Bertram: *Die Legende*

Amigo íntimo de Thomas Mann Ernst Bertram (1884-1957), teve um relacionamento com Stefan George de que não se tem muitas informações. Acredita-se que Bertram tenha se aproximado de George devido à admiração de seu amigo Ernst Glöckner pelo poeta. Em 1908, Bertram escreveu um ensaio sobre George que muito agradara ao poeta. Nas *Blätter* de 1910, George publicou um poema de Bertram, embora sem ter divulgado seu nome.¹⁷⁰

A biografia de Bertram, *Nietzsche: Versuch einer Mythologie* [Nietzsche: tentativa de mitologia], apareceu ao público em 1918 e tornou-se um sucesso de vendas. Entre a data de sua publicação e 1929 o livro teve não menos que sete edições. A obra foi publicada com o símbolo das *Blätter für die Kunst*, o que indicava que tinha sido composta de acordo com o modelo interpretativo compartilhado pelo Círculo de George. No entanto, ao que tudo indica, Bertram nunca pertenceu ao Círculo íntimo do poeta. O livro seguia as

¹⁷⁰NORTON, Robert. *Secret Germany: Stefan George and his circle*. Cornell University Press, 2002, p.504. Segundo Norton, a admiração de Bertram por Thomas Mann era detestável para George. Op.cit.,p.507.

regras do Círculo: não possuía bibliografia ou notas de rodapé¹⁷¹. Entretanto, o livro foi considerado academicamente suficiente, permitindo a Bertram ocupar seu primeiro cargo como professor na Universidade de Bonn. O que nos importa neste espaço, não é explorar a obra de Bertram sobre Nietzsche, mas sua introdução, intitulada *Legende* [lenda], na qual o autor explora a concepção de história e os conceitos que fundamentam sua biografia.

Bertram conceitua o que compreende por história, logo no primeiro parágrafo. Em contraposição com o paradigma historiográfico predominante no século XIX, o historicismo, Bertram acredita que a história não é a reprodução de uma realidade passada. Na verdade, o trabalho do historiador consiste em transpor para outra dimensão essa realidade, para o estabelecimento de valores. Nesse sentido, prevalece, como em Gundolf e Wolters, o domínio da visão intuitiva do passado, e por tal, como afirma Bertram, nenhum método histórico seria capaz de auxiliar o historiador. Um estudo realizado mediante um método científico é incapaz, portanto, de nos conduzir à realidade da vida.

Todo o passado é apenas uma parábola. Nenhum método histórico ajuda-nos – como o ingênuo realismo do século 19 geralmente acreditou – a olhar a verdadeira realidade, “como ela realmente foi.” História, que é sobretudo a ciência da alma [*Seelenwissenschaft*] e a exploração da alma [*Seelenkundung*], nunca é sinônimo de reconstrução de algo que existiu [*Gewesenen*], ou da mais possível aproximação de uma realidade passada. Ela é a desconstrução [*Entwirklichung*] dessa realidade do passado, sua transposição para uma categoria muito diferente do ser; é um estabelecimento de valores, não uma produção de realidade [*Wirklichkeitsherstellung*]. A criação, que faz o historiador (ou a que ele serve: por mais que conduza ao mais sóbrio e objetivo conhecimento, o historiador continua sendo guiado por algo, e sua criação o será também): essa criação é absolutamente uma realidade em um novo e mesmo alto nível e ao mesmo tempo um novo decurso do turvo passado em um elemento mais cristalino e de acordo com leis mais transparentes.¹⁷²

Bertram enfatiza o papel da história na fundamentação de valores que possuem um papel prático na vida dos homens, na medida em que os orienta e possibilita o diálogo entre passado, presente e futuro. A melhor forma de a história desempenhar sua função

¹⁷¹Robert Norton em sua introdução à recente tradução de Bertram para o inglês afirma que a falta de notas não significa falta de qualidade e rigor na pesquisa. Bertram considera a recusa ao uso de notas uma característica da época. As notas eram mal vistas, pedantes e “muito burguesas”. Um exemplo seria a obra de Spengler, *O Declínio do Ocidente*, também sem notas. Cf. NORTON, Robert. “Translator’s Introduction”. In: BERTRAM, Ernst. *Nietzsche: Attempt at a Mythologie*. Urbana; Chicago: University of Illinois Press, 2009, pp.xx-xxi.

¹⁷²BERTRAM, Ernst. *Nietzsche Versuch einer Mythologie*. Berlin:George Bondi, 1921, p.1.

seria na história dos indivíduos e de como eles permanecem visíveis para os homens do presente. No entanto, Bertram afirma que o indivíduo não pode ser compreendido pelo olhar histórico o qual “remove o passado do presente”. Bertram salienta a importância de interpretar o passado, pois uma verdade absoluta é inexistente. O que resta do passado “como sempre nos esforçamos em iluminar, pesquisar, reexperienciar, nunca é a vida, mas sua lenda.”¹⁷³ Ou seja, o que resta do passado são narrativas que devem ser continuamente reinterpretadas. O olhar histórico em sua ânsia por reconstruir o passado, abdica a compreensão de tais narrativas.

Essas narrativas do passado [*die Legende*] em sua forma secular, constituem para o autor a forma mais vital da tradição histórica, capaz de unir o presente com o passado, ao unir “o santo e o povo, o herói e o camponês, o profeta e a posteridade.”¹⁷⁴ O herói vive enquanto mito, é inalcançável através do conhecimento metódico. A história assume, ao interpretar o passado, a responsabilidade de criar narrativas com sentido mítico.

O grande homem de Bertram, que o autor designa por “a lenda de uma vida”, traz consigo o caráter prático que o une ao presente. Segundo Bertram, “a lenda de um homem é a sua imagem viva e útil em cada novo presente.”¹⁷⁵ Embora o grande homem precise ser reinterpretado e trazido novamente à memória continuamente, ele possui uma existência que é independente de tais interpretações, e justamente por isso pode ser considerado uma lenda. Nesse caso, o grande homem de Bertram é o herói de Wolters e Gundolf, pois seu caráter e existência são atemporais, embora se relacione temporalmente com cada novo presente, como nos diz Bertram. A mensagem do grande homem é temporalizada no presente do pesquisador e inserida na dinâmica temporal.

É na poesia, no sentido da poética de Aristóteles¹⁷⁶, que Bertram busca o sentido do seu trabalho. Poderíamos sugerir que Bertram anseia por um olhar poético para a ciência, pois a poesia possui a capacidade de construir mitos. Não por acaso, Bernhard Böschstein

¹⁷³Op.cit.,p.1.

¹⁷⁴Op.cit.,p.1.

¹⁷⁵Op.cit.,p.2.

¹⁷⁶Aristóteles considerava a poesia mais filosófica que a história pois era capaz de alcançar verdades gerais. “Não é em metrificar ou não que diferem o historiador e o poeta; a obra de Heródoto podia ser metrificada; não seria menos uma história com o metro do que sem ele; a diferença está em que um narra acontecimentos e o outro, fatos quais podiam acontecer. Por isso, a Poesia encerra mais filosofia e elevação do que a História; aquela anuncia verdades gerais; esta relata fatos particulares. Enunciar verdades gerais é dizer que espécie de coisas um indivíduo de natureza tal vem a dizer ou fazer verossímil ou necessariamente; a isso visa a Poesia, ainda quando nomeia personagens.” Cf.: ARISTÓTELES, HORÁCIO, LONGINO. *A poética clássica*. São Paulo: Cultrix: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1981, p.28.

considera que Bertram desempenhou o trabalho de um poeta ao compor seu livro. Nietzsche teria sido analisado não como um filósofo, mas como um poeta.¹⁷⁷

O aspecto inovador da introdução de Bertram é sua consciência sobre a reconstrução de uma imagem do passado a partir do presente. O grande homem também possui uma natureza imutável e existe independente de nossa interpretação. No entanto, a forma como ele aparece para um determinado tempo é única. Contudo, isso não nos conduz a um relativismo sem sentido, mas nos traz à consciência a multiplicidade de formas pelas quais um grande homem sobrevive diante do ininterrupto processo histórico. Porém, todas as diferentes formas ou narrativas sobre o grande homem contém sua mensagem atemporal, e nesse ponto “está a libertação definitiva do ceticismo histórico, de todo relativismo: cada visão da lenda [do grande homem], como a de todo vivente, é eternidade.”¹⁷⁸ Aqui, a posição de Bertram encontra-se plenamente com o Círculo de Stefan George, com sua “Alemanha Secreta”.

A partir da ponte construída entre presente e passado, entre a interpretação cravada no presente e a mensagem atemporal do grande homem, encontra-se o trabalho do historiador.

História é criação ativa de uma imagem [*Bildschaffung*], não um relato, uma ilustração ou prova do passado. Lenda é na verdade, o que a própria palavra em seu sentido puro significa: não algo que está escrito, mas algo, que sempre é lido de uma nova forma, que surge sempre através de outra leitura renovada.¹⁷⁹

De acordo com Bertram, tudo que sabemos sobre a essência de um homem do passado, que habita a memória dos que vivem, é mito. A força transformadora que emana do grande homem, compreendido como mito, é inesgotável. Seu mito, ou seja, a aparição continuada de sua imagem renovada, é imortal.¹⁸⁰ Compreender a imagem do herói em sua completude é mesmo impossível. Compreendemos fragmentos que contribuem para a mitologização de sua figura emblemática.

¹⁷⁷BÖSCHENSTEIN, Bernhard. “Ernst Bertram.” In: BÖSCHENSTEIN, B.; EGYPTIEN, J.; SCHEFOLD, B.; VITZTHUM, W. Op.cit.,p.187.

¹⁷⁸BERTRAM, Op.cit.,p.5.

¹⁷⁹Op.cit.,p.6.

¹⁸⁰Op.cit.,p.6-7.

Carola Groppe reflete sobre o papel da ideia de mito entre os georgeanos. Para George e seu Círculo, a linguagem, enquanto portadora do mito, é assegurada pelos georgeanos e capaz de desenvolver um efeito sobre sua realidade. O mito é o ponto a partir do qual passado e presente se unem. Ao historiador cabe não somente analisar informações concretas sobre o passado, mas torná-las úteis para o presente a fim de que desempenhem seu papel orientador, mediante uma narrativa mítica.

Embora ocorram mudanças conceituais em Bertram, a importância da análise do homem significativo para a orientação do presente e fundamentação da identidade é fundamental, tal como em Wolters e Gundolf e como será em Kantorowicz. A partir de sua análise de Nietzsche, Bertram tece críticas à modernidade enquanto um tempo de misturas de tradições que tem por consequência a “falta de liderança” e o ceticismo.¹⁸¹ Na interpretação de Bertram, o filósofo alemão desenvolveu suas obras a partir da conexão entre passado e futuro. Nietzsche era uma ponte entre aquilo que foi e aquilo que viria a ser.¹⁸²

2.2.3: Ernst Kantorowicz no *Historikertag* de 1930

A conferência de Ernst Kantorowicz, *Grenzen, Möglichkeiten und Aufgabe der Darstellung mittelalterlicher Geschichte* [Limites, Possibilidades e Deveres da Exposição da História medieval], no 17º *Historikertag*, ocorrido entre 22 e 26 de abril de 1930, em Halle, é considerada um pronunciamento oficial do Círculo de Stefan George. Seu pronunciamento pode ser entendido como uma resposta sobre a validade científica das obras produzidas pelos intelectuais do Círculo de Stefan George. Possivelmente, sua conferência foi discutida dentro do Círculo e verificada mesmo pelo próprio George. Kantorowicz expõe a visão do Círculo de Stefan George e enfatiza a relevância nacional e social do trabalho do historiador.¹⁸³

¹⁸¹Op.cit.,p.21.

¹⁸²Op.cit.,p.35

¹⁸³GRÜNEWALD, Eckhart. *Ernst Kantorowicz und Stefan George: Beiträge zur Biographie des Historikers bis zum Jahre 1938 und seinem Jugendwerk “Kaiser Friedrich der Zweite”*. Wiesbaden: Franz Steiner Verlag, 1982, p.91.

A participação de Kantorowicz no *Historikertag* (sua conferência no dia 24 de abril) ocorreu sobretudo, devido ao sucesso de sua biografia *Kaiser Friedrich der Zweite* [Imperador Frederico II], publicada em 1927. Nesta conferência, Kantorowicz discutiu sobre a escrita da história, seus respectivos métodos e deveres. De maneira geral, é possível afirmar que Kantorowicz buscou teorizar o que Wolters e Gundolf já haviam discutido sobre a escrita da história e a ciência em sentido amplo. Por tal razão, o texto de Kantorowicz é o mais utilizado quando se objetiva investigar a historiografia vinculada ao Círculo de George. Entretanto é importante ressaltar que a o escrito de Kantorowicz deve ser lido e analisado tendo em mente, principalmente, os textos de Wolters e Gundolf que conjugam o conceito de *Gestalt* à escrita da história, ao trabalho do historiador.

Kantorowicz no início de sua conferência reitera as afirmações de Gundolf e Wolters quanto à situação da ciência durante as primeiras décadas do século XX. De acordo com Kantorowicz, a pesquisa histórica moderna [*Geschichtsforschung*] era marcada pelo positivismo e pela objetividade e por isso encontrava-se distante das necessidades da vida. Kantorowicz desenvolve o argumento de sua conferência a partir de uma constatação básica: existia uma diferença entre a *Geschichtsforschung* e a *Geschichtsschreibung*. O mal entendido era considerá-las iguais sob o conceito geral de *Geschichtswissenschaft*. Para Kantorowicz existia também um problema conceitual.¹⁸⁴

Era fundamental distinguir os dois conceitos, o que de maneira geral, não era muito diferente das propostas de Gundolf e Wolters. A *Geschichtsforschung* era guiada pela ideia de prova, pela pesquisa, pela análise guiada por princípios metódicos racionais. A *Geschichtsschreibung* tinha por função fornecer personagens. A *Geschichtsforschung* apresentava resultados [*Darstellung*], a *Geschichtsschreibung* narrava [*erzählt*]. “Enfim: [era] necessário fazer a separação entre a reunião de fatos guiados por prova, apresentação da pesquisa e finalmente a escrita da história, que não prova e pesquisa, mas sim fornece imagens [*Bilder*] e narra.”¹⁸⁵

Kantorowicz não nega a validade da pesquisa. O que de modo geral também não o fazem os georgeanos. O que é questionado tanto por Gundolf, Wolters e Kantorowicz – e que pode ser estendida ao Círculo de Stefan George - é a função prática da história para a vida. A *Geschichtsschreibung* somente é possível a partir da pesquisa. No entanto, para os georgeanos, a escrita da história possui uma ligação indispensável com a vida, a nação e a

¹⁸⁴KANTOROWICZ, Ernst. “Grenzen, Möglichkeiten und Aufgaben der Darstellung mittelalterliche Geschichte” 1930, ed. Eckhart Grünewald, *Deutsches Archiv für Erforschung des Mittelalters I*, 1994. p.105.

¹⁸⁵Op.cit.,p.105.

manutenção e formação de uma identidade nacional para o presente e para o futuro. Isso seria possível somente com a união com o passado.

A pesquisa ligava-se a um caráter internacional, uma vez que suas regras poderiam ser universalmente válidas. Contudo, a escrita da história ia de encontro com o ideal de nação. Esse é um ponto chave. O historiador deveria, desenvolver seu trabalho a partir dos parâmetros e regras que definiam uma pesquisa metodicamente orientada. Poderia analisar e criticar fontes, analisá-las. Entretanto diante da tarefa de narrar o historiador deveria preocupar-se com a nação e como poderia a ela ser útil. A *Geschichtsschreibung* fazia parte por isso da literatura nacional. Kantorowicz em sua conferência afirmou que o problema era que isso não se tornava realidade. Ou seja, no seu tempo a *Geschichtsforschung* não se tornava mais *Geschichtsschreibung*, não possuía mais um caráter nacional, não narrava, somente apresentava seus resultados.

De acordo com Kantorowicz, ao ambicionarem somente a *Geschichtsforschung*, os historiadores preocupavam-se em reunir os fatos cronologicamente o que os tornava meros “registradores”. A ciência positivista estava demasiadamente preocupada com as causas. Isso era presente tanto na análise de processos sociais como na análise dos indivíduos.¹⁸⁶ Ao enfatizar o caráter causal da análise, retirava-se do indivíduo – ou seja, do grande homem – sua capacidade criativa. Nesse ponto, Kantorowicz novamente concorda com Gundolf e Wolters para os quais a ciência moderna havia feito do grande homem somente mais um objeto, analisando-o isolado de sua força criativa e de sua capacidade de renovação.

A escrita da história nos moldes de Kantorowicz seria importante para combater o modelo explicativo mecanizado e materialista da história.

O atual historiógrafo [*Geschichtsschreiber*], desde que seja honesto, não poderia mais escrever uma história narrativa [*erzählende Geschichte*], mas apenas história de problemas e das ideias [*Problem- und Ideengeschichte*]. E nesse ponto é também correto, na Alemanha o estilo histórico, que era sempre narrativo, como tal paralisou-se, e desde muito tempo, desde quando o classicismo e o romantismo deixaram de ser um terreno fértil. [...] seu grande serviço [da escrita da história] está em uma posição fundamental contra o modelo explicativo mecanicista e materialista da história, [...] cada exigência feita por Humboldt ao historiador deve ser validada: isto é, o esforço em apresentar uma ideia, *Dasein* na realidade.¹⁸⁷

¹⁸⁶Op.cit.,pp.109-111.

¹⁸⁷Op.cit.,p.111.

O historiador deve ter por objetivo compreender o *Geist* que está incorporado no grande homem. Nenhum historiador poderia perder esse objetivo. O historiador deve retirar do correr do rio da história o grande homem, compreendê-lo em seu valor atemporal.¹⁸⁸ Como nos ensaios de Gundolf e Wolters, a história encontra-se entrelaçada ao grande homem e sua respectiva importância para a orientação dos homens do presente em relação ao passado e ao futuro.

A produção de um discurso historiográfico verdadeiro encontrava-se, também para Kantorowicz, ligada ao grande homem e à compreensão de sua *Gestalt*, tal como para Friedrich Gundolf. A noção de verdade não se relacionava com a imputação causal e a descrição de fatos, como acontecia na ciência positivista, para Kantorowicz. Ao desenvolver seus estudos, era indispensável ao historiador, olhar para “além da vida”.¹⁸⁹ Kantorowicz cita a bem conhecida frase de Leopold von Ranke (1795-1886), principal representante do historicismo alemão, para concluir que ao historiador não cabia “somente apresentar, como algo foi, mas também seu correlato: como algo foi visto.” [*wie etwas gesehen wurde*]¹⁹⁰

A dinâmica temporal da pesquisa e escrita da história é fundamental para o historiador. A pesquisa histórica moderna separava o passado do presente, o que a tornava sem sentido e mesmo desnecessária. Para Kantorowicz uma “verdadeira concepção de história” não realiza essa separação e portanto não se distancia do presente. A história deve conectar o passado e o presente e conjuntamente analisar o que está supratemporal [*überzeitlich*] e nesse sentido presentificar a “totalidade do passado”.¹⁹¹ O que Kantorowicz propunha de modo explícito era uma apreensão mítica do passado. Para o historiador, o conteúdo mítico do passado não representava uma ameaça à verdade histórica. Pelo contrário. O conteúdo mítico era “parte dessa verdade” que não residia somente nos fatos concretos. Devia ser encontrada também “na colorida plenitude da realidade da vida”.¹⁹²

¹⁸⁸“Aber keinem wahren Geschichtsschreiber bleibt es erspart, will er die Geister über den fließenden Wasser der Weltgeschichte im Bild festhalten, sich den Raum hierfür, indem er an einer Stelle seinem Damm errichtet und die Wasser staut, d. h. er wird auf seine ureingste Weise und seiner Überzeugung gemäß jene berühmte “Austreibung der Zeit aus der Geschichte” vollziehen müssen”. Op.cit.,p.112.

¹⁸⁹Op.cit.,p.115.

¹⁹⁰Op.cit.,p.116-117.

¹⁹¹Op.cit.,p.117-118.

¹⁹²Op.cit.,p.119.

É possível afirmar que na concepção de Kantorowicz e do Círculo de Stefan George o grande homem configura uma chave interpretativa. Somente a partir dele “uma verdadeira escrita da história é possível”. Kantorowicz não nega o caráter político da historiografia. Na verdade, ele a enfatiza. O grande homem traz em si o caráter nacional que pode ser compreendido pelo historiador. A *Geschichtsschreibung* é uma arte, parte da literatura nacional que se encontra estritamente unida ao caráter da nação. Por sua natureza artística, “a escrita da história pertence [...] absolutamente à literatura nacional, é do ponto de vista dos alemães aqui concebida e compreendida” e encontra-se ligada aos guias espirituais da nação.¹⁹³

É um erro cometido pela *Geschichtsforschung* a separação entre verdade e nação. A escrita da história deve ter em mente o caráter e fundamentação da identidade nacional. Para Kantorowicz “a verdade apenas pode estar na nação.”¹⁹⁴ Notável é o desejo de Kantorowicz de igualar o papel do historiador com o criador de mitos que perduram para a contemporaneidade. O grande homem porta uma mensagem plástica, adaptável ao presente. Não se deve esquecer que Kantorowicz escreveu sua conferência em 1930. Diante do eminente colapso da República de Weimar, das crises econômicas e políticas, o grande homem poderia de alguma forma proporcionar a crença irracional da união identitária alemã frente ao caos. O texto de Kantorowicz não deixa de relacionar-se com o seu próprio presente, como o próprio historiador propõe. O grande homem aliado à *Geschichtsschreibung* significa também a possibilidade de um futuro diferente, da mudança do horizonte de expectativa.

Kantorowicz encerra seu discurso e enfatiza novamente a importância da história para a manutenção do espírito nacional. Kantorowicz denomina o Círculo de Stefan George como “Escola”, um reconhecimento do caráter pedagógico do próprio Círculo.

Aqui gostaria de lembrar as palavras, as quais em situação análoga depois da infeliz paz de Lunéville, Schiller escreveu: ‘Onde o reino político vacila, forma-se o espiritual fortalecido e completo’ – e então finaliza com o reconhecimento da crença: ‘Todo povo tem seu dia na História, pois o dia dos alemães é a colheita de todo o tempo.’ [...] posso finalmente dar também uma resposta para a pergunta colocada sobre o valor científico das obras históricas da escola de George [*George-Schule*]. Simplesmente nisso, que seu valor está fundado na crença de servir ao dia dos alemães, ao gênio da nação. Essa crença no entanto não é da ciência, mas sobrevive o dogma da Poesia, o qual toda obra desta

¹⁹³Op.cit.,p.122.

¹⁹⁴Op.cit.,p.124.

escola domina e preza e que nunca foi reconhecido pela distinta ciência analítica. Então não, como se costuma acreditar, um dogma estético ou fenomenológico não é válido aqui, mas é somente o dogma de um futuro digno da nação e sua honra, que são trazidos por essas obras. [...] apenas através dessa crença na verdadeira Alemanha torna-se cada obra talvez arte. Então na verdade: apenas aqui pode a *George-Schule* servir para comparar o objetivo da ciência [*Wissenschaft*] e com o habitual empenho também servir à ciência [...] acabar com a lacuna entre verdade e nação e a ela esclarecer [...] sua palavra de ordem colocada na bandeira do movimento pode ser: *Sanctus amor patriae dat animum*.¹⁹⁵

A conferência de Kantorowicz é o esforço de encerrar o debate com o historiador e professor na Universidade de Berlim, Albert Brackmann¹⁹⁶ (1871-1952) sobre o livro *Kaiser Friederich der Zweite*. Em 16 de maio de 1929, Brackmann pronunciou-se contra a interpretação de Kantorowicz sobre Frederico II em uma conferência, *Kaiser Friedrich II in "mythischer Schau"*, na Academia Prussiana das Ciências. O artigo de Brackmann foi publicado na *Historische Zeitschrift* no verão de 1929. Um mês antes de sua conferência no *Historikertag*, Kantorowicz publicou na mesma revista, sua resposta a Brackmann, em um artigo intitulado "*Mythenschau*"

De acordo com Brackmann, era impossível compor um trabalho com rigor científico quando se estava vinculado ao círculo de Stefan George. Brackmann encarava o trabalho do historiador como a ser guiado por métodos racionais e científicos, não podendo servir a nenhum ideal político ou social, o que estava em concordância com as posições de Max Weber. Para o historiador não se poderia escrever história "nem como um discípulo

¹⁹⁵Op.cit.,p.124-125. Schiller era uma leitura obrigatória para a formação de um jovem no Círculo de George. O escopo de críticas de Schiller à modernidade e suas considerações sobre o indivíduo são coerentes com os georgeanos. Schiller critica a individualidade moderna, a degeneração do homem total grego. A educação estética de Schiller visava o desenvolvimento da sensibilidade que conduziria a um melhor conhecimento. Segundo Schiller, ao artista cabe buscar a essência dos tempos nobres e trazê-los para o presente. O homem em sua essência, é o que permanece diante das mudanças. "O homem, pois, representado em sua perfeição, seria a unidade duradoura que permanece eternamente a mesma nas marés da modificação". Continua Schiller: "Ora, o domínio da faculdade analítica rouba necessariamente a força e o fogo à fantasia, assim como a esfera mais limitada de objetos diminui-lhe a riqueza. Por isso o pensador abstrato tem, frequentemente, um coração *frio*, pois desmembra as impressões que só como um todo comovem a alma; o homem de negócios tem frequentemente um coração *estreito*, pois sua imaginação, enclausurada no círculo monótono de sua ocupação é incapaz de elevar-se à compreensão de um tipo alheio de representação" Cf.: SCHILLER, Friedrich. *A Educação Estética do Homem*. São Paulo: Editora Iluminuras, 1995, pp.43;54. Sobre o individualismo moderno e a totalidade do homem grego ver Carta VI, p.40-43. Sobre as leituras de formação do círculo de George ver: "Zur Bibliothek eines jungen Menschen". In: GROPE, Op.cit., pp.482-497. Nesta lista, as leituras são organizadas por nacionalidade e área de conhecimento. Consta dos historiadores nomes como Heródoto, Tucídides, Plutarco, Burckhardt, Droysen (sua biografia de Alexandre, o Grande) Mommsen (História de Roma) Coulanges, Ranke (História dos Papas), Guizot, Humboldt, Niebuhr, Treitschke, Gothein, etc.

¹⁹⁶Albert Brackmann estudou história nas universidades de Tübingen, Leipzig e Göttingen. A partir de 1913 foi professor nas universidades de Königsberg, em 1920 em Marburg e em 1922 em Berlim. Segundo Joseph Mali, durante o regime nazista, Brackmann tornou-se um poderoso historiador do regime. Durante esse período foi diretor do importante 'Nord- und Ostdeutsche Forschungsgemeinschaft'. Cf.: MALI, Joseph. "Ernst Kantorowicz: History as *Mythenschau*". In: *History of Political Thought*. Vol. XVIII, n. 4, 197, p.595.

de George nem como um católico ou como Protestante ou marxista, mas somente como alguém à procura da verdade.”¹⁹⁷

Brackmann representava, segundo Schneider, uma geração de intelectuais que não compartilhava de uma visão de ciência aos moldes do Círculo de Stefan George, baseados numa visão intuitiva do passado. Para Wolfgang Schneider seriam dois os principais motivos para uma resistência dos acadêmicos com relação à ciência defendida pelos georgeanos. Primeiro, a crítica à burguesia, levada a cabo pelo próprio George, que significava também uma reordenação da atividade científica e seu aparato metódico. Segundo, a recusa ao positivismo – uma postura inerente ao Círculo de Stefan George – a qual desembocava em uma mistura entre subjetivismo e objetividade, influenciada principalmente pelo pensamento de Dilthey. Segundo Schneider esse amálgama entre subjetividade e objetividade teria como consequência imediata a quebra da neutralidade científica. O pesquisador deveria realizar seu trabalho tendo em mente a utilidade de seu objeto, bem como de sua narrativa.¹⁹⁸

Para Schneider, o protesto de Brackmann diz respeito não somente à obra de Kantorowicz, mas às obras do Círculo em geral. Ao afirmar que Kantorowicz tinha se esforçado para compreender a figura de Frederico II a partir de uma visão mítica [*Wesensschau*], Brackmann fazia uma referência explícita ao *Nietzsche* de Ernst Bertram, publicado em 1920. Segundo Brackmann, a obra de Kantorowicz expunha a “imaginação criativa” que começava “a influenciar nossa ciência histórica [...] mais do que o sentido da realidade.”¹⁹⁹ Segundo Schneider, Brackmann não observou que compreender as ideias e a autorepresentação do indivíduo em uma determinada época, era e é válido para o conhecimento histórico.

Kantorowicz, em sua réplica a Brackmann, interpretou a querela como uma “discussão sobre opiniões reinterpretada em uma discussão de métodos”.²⁰⁰ Kantorowicz responde à afirmação de Brackmann de que era impossível a um georgeano escrever

¹⁹⁷BRACKMANN, Albert. “Kaiser Friedrich II in ‘mythischer Schau.’” In: *Historische Zeitschrift* 140 (1929) pp.534-549. Apud: NORTON, Robert. *Secret Germany: Stefan George and his circle*. New York: Cornell University Press, 2002, p.668

¹⁹⁸SCHNEIDER, Wolfgang Christian. “Geschichtswissenschaft im Banne Georges”. In: BÖSCHENSTEIN, Bernhard; EGYPTIEN, Jürgen; SCHEFOLD, Bertram; VITZTHUM, Wolfgang Graf. *Wissenschaftler im George Kreis: Die Welt des Dichters und der Beruf der Wissenschaft*. Berlim, Nova York: Walter de Gruyter, 2005, p.334-335. De acordo com Schneider seriam exemplos dessa resistência dos acadêmicos a recusa de três recusas de *Habilitationen*: a de Wolfram von den Steinen, na Universidade de Leipzig. Max Kommerell foi recusado nas universidades de Würzburg e Tübingen e Walter Elze na Universidade de Dresden. Todas as recusas deram-se em 1925.

¹⁹⁹Op.cit.,p.338-339.

²⁰⁰KANTOROWICZ, Ernst. “Mythenschau” In: *Historische Zeitschrift*. Bd.141, 1930, p.457.

história. Segundo Kantorowicz, esse era um problema insolúvel, uma vez que era impossível ao historiador o qual, enquanto humano, carregava a característica antropológica de trazer consigo preferências e paixões.²⁰¹

Em seu artigo, Kantorowicz antecipa o que reafirmará em Halle, a diferença conceitual entre *Geschichtsschreibung* e *Geschichtsforschung*. Para Kantorowicz era problemático para Brackmann que a escrita da história tratasse também do presente. A escrita da história “persegue os momentos formadores e criativos, enfim a ‘imaginação criativa’”, a qual está fundada também no momento atual, no presente. Essa era a proposta de Kantorowicz que se estendia de maneira geral aos georgeanos, ou seja, a escrita da história enquanto formadora de valores os quais fundamentaria a identidade alemã.

Para o medievalista francês Alain Boureau, autor de uma biografia de Kantorowicz – denominada pelo autor como um ensaio – o debate com Brackmann representa as discussões acerca de interpretação e erudição, análise e síntese, presentes na historiografia ocidental desde o século XIX. De acordo com Boureau, o pronunciamento de Kantorowicz e as discussões geradas pela publicação de *Frederico II*, foram importantes para a vida de Kantorowicz, pois significou o despertar de uma reflexão sobre a historiografia nos moldes georgeanos. A resposta de Kantorowicz aos debates desenvolveu-se, para Boureau, em três frentes.²⁰²

A primeira delas, a qual pode ser considerada a mais importante, foi o desenvolvimento de um ponto de vista teórico que fundamentou seus trabalhos posteriores, como por exemplo, *Os Dois Corpos do Rei*, publicado em 1957. Kantorowicz defendeu que os mitos não constituíam um elemento dispensável na análise da realidade. Pelo contrário, constituíam um objeto histórico o qual muito podia contribuir para a análise da realidade. Uma segunda forma de resposta de Kantorowicz foi a publicação, em 1931, do livro de notas referentes ao seu *Frederico II*, o que deixou claro a exaustiva pesquisa de fontes para a realização da biografia. Kantorowicz não mais publicou um trabalho sem

²⁰¹Op.cit.,p.458.

²⁰²BOUREAU, Alain. *Kantorowicz: Stories of a Historian*. Baltimore;London: The Johns Hopkins University Press, 2001, p. 73. Boureau destaca um outro debate, semelhante ao debate entre Brackmann e Kantorowicz, entre Lucien Febvre e Henri Jassemin. Jassemin era um arquivista e em 1933 doutorou-se na Sorbonne com uma tese sobre a *Chambre des Comptes* de Paris durante o século XV. Em 1934, Febvre publicou uma dura crítica do trabalho de Jassemin, acusando-o de uma “erudição miope” que considerava todas as instituições indiscriminadamente, sem compará-las e sem construir uma problemática. Em resposta ao fundador dos *Annales*, Jassemin diferenciou o “erudito” do “divulgador” [*popularize*]. O primeiro compunha um trabalho detalhado, necessariamente obscuro. Ao segundo cabia construir sínteses a fim de chamar a atenção dos estudantes. Para Boureau, este debate marcou as reflexões de Lucien Febvre que procurou acentuar o caráter erudito de suas pesquisas. Sua ânsia por livrar-se do anacronismo levou-o a uma “exagerada forma de historicismo” e à construção de seu conceito de “utilidade mental.” Op.cit.,p.73-74.

notas de referência. Por fim, a terceira resposta de Kantorowicz foi também um reconhecimento pelo seu trabalho. Embora tenha sido nomeado em agosto de 1930 como professor honorário, dispensado de passar pela livre docência nunca lhe foi exigida como pré-requisito para a cátedra. *Frederico II* abriu as portas para a carreira acadêmica que Kantorowicz permaneceu até a sua morte, em 1963.²⁰³

Se analisados conjuntamente, os textos de Wolters, Gundolf, Bertram e Kantorowicz expõem e explicam o modelo interpretativo defendido pelos georgeanos. Dois pontos são imprescindíveis para compreensão da história pelo Círculo de George. Primeiro a história está vinculada à compreensão do grande homem, do herói em suas manifestações e mesmo em sua auto compreensão. Neste caso poderíamos, mesmo que com cautela, afirmar que a história assenta-se na multiplicidade das análises acerca dos homens significativos (do ponto de vista do próprio Círculo) do passado. O conhecimento do passado somente existe pela compreensão da existência dos grandes homens que nele habitaram. No entanto, existe nos indivíduos excepcionais um conteúdo atemporal que deve ser apreendido pelo historiador que se atrela ao segundo ponto da compreensão de história do Círculo de George: a formação de valores.

A história desempenha para os georgeanos uma função evidentemente orientadora para os homens do presente, ao criar uma ponte entre o passado, o presente e a gestação de um futuro diferente. O passado é inspiração. Mas a orientação provém dos valores criados e expandidos pelo grande homem, e por isso a importância de sua compreensão. O herói, ou a lenda, como sugeriu Bertram, traz consigo a possibilidade da mudança a partir de sua mensagem ahistórica, embora o indivíduo exista cravado em um espaço tempo, dentro dos limites de possibilidades de sua existência. Paradoxalmente, a análise histórica desenvolvida com base no modelo interpretativo georgeano inclui aquilo que é atemporal, que independe das mudanças sócio-históricas. A narrativa historiográfica, ao expor a mensagem vinculada ao indivíduo do passado, pode ativar as forças do presente para uma possível reconstrução do horizonte de expectativa.

Não existe, todavia, a proposta de uma história *magistra vitae*, no sentido ciceroniano. O futuro é uma possibilidade em aberto, incerto, mas que pode ser orientado a partir do diálogo com os valores trazidos e incorporados pelos homens do passado. A

²⁰³Op.cit.,p.73-76.

história engloba mais que a biografia do indivíduo e preza por uma visão de conjunto. É, portanto, um singular coletivo à maneira moderna de pensar a história.²⁰⁴

O passado é mitologizado e objetiva fundamentar o caráter nacional. A preocupação com a nação transparece nos escritos do Círculo de Stefan George. Palavras como *Volk*, *Deutschtum*, *Deutschgeist*, são corriqueiras em seus textos. Contudo, não constituem uma exceção. As mudanças trazidas pela modernização da sociedade, pelo processo de industrialização e principalmente, a Primeira Guerra, deu espaço para projetos que tinham por objetivo delinear o caráter e a identidade nacional alemães. George e seu Círculo constituíram uma possibilidade, uma opção para o restabelecimento de uma identidade alemã que superasse as fraturas consequentes das mudanças econômicas e sociais.

Kaiser Friedrich der Zweite de Ernst Kantorowicz foi publicado em 1927, com um intervalo significativo de tempo entre as publicações de Wolters e Gundolf, principais teóricos do Círculo de Stefan George, principalmente no que dizia respeito à atividade científica. A análise da biografia de Kantorowicz segue portanto duas direções. Por um lado, analisar como sua interpretação da figura de Frederico II segue as premissas do Círculo de George como expostas sobretudo em Wolters e Gundolf. Aqui, é importante ainda tecer uma ponte entre a obra de Kantorowicz e suas próprias afirmações sobre a pesquisa e a escrita da história. Por outro, compreender como a obra serve a um ideal identitário, e desempenha uma papel prático para o presente, ou seja, como a escrita historiográfica, ou seja, a organização racional do passado, sua temporalização, desempenha sua função orientadora no presente.

²⁰⁴KOSELLECK, Reinhardt. “A configuração do conceito moderno de história”. In: ENGELS, Odilo GÜNTHER, Horst; KOSELLECK, Reinhardt, MEIER, Christian; *O Conceito de História*. Editora Autêntica: 2013, pp.119-184.

Capítulo 3: Ernst Kantorowicz: *Kaiser Friedrich der Zweite*.

3.1: Ernst Kantorowicz e o Círculo de Stefan George:

Ao decorrer de sua vida, o historiador Ernst Kantorowicz presenciou os grandes acontecimentos do século XX: A eclosão de duas guerras mundiais, a ascensão nazista na Alemanha que afetou diretamente sua vida, levando-o ao exílio nos Estados Unidos, e o desenrolar da Guerra Fria. Kantorowicz fez parte portanto, de um grupo de intelectuais que experimentou o esfacelamento das identidades e a perda de sentido diante dos dois cataclismos causados pela duas guerras mundiais.

Ernst Hartwig Kantorowicz, “Eka” para os amigos mais próximos, nasceu em 3 de maio de 1895 na cidade de Posen, àquela época província do Império alemão. Kantorowicz nasceu no seio de um próspera família burguesa dedicada ao comércio de vinhos. Sua família, de origem judia, era bem assimilada, algo típico entre a burguesia europeia, e comum no lugar de onde provinha, onde a grande maioria da população tinha o alemão como língua materna.²⁰⁵ Embora pertencesse a uma família judia, ao longo de sua vida, foram raros os momentos nos quais Kantorowicz assumiu-se como judeu. Também pouco expressou interesse pelo judaísmo e sua história. Para Eckhart Grünewald, a identidade judia de Kantorowicz pode ser considerada como o elemento trágico de sua biografia, pois em Posen, Kantorowicz experienciou a situação de um judeu-alemão que precisava conviver com o ódio dos poloneses e o crescente antissemitismo alemão.²⁰⁶ Anos depois, sofreu com a intolerância e o antissemitismo alemão.

Posen, região localizada no sudoeste da atual Polônia, era um território de transição entre a Alemanha e a Polônia. Durante o medievo, Posnan formou a maior parte da Polônia e foi o berço da nação polonesa. A região de Posen passou por vários processos de desmembramento e reunificações, ao longo dos séculos. Com a segunda divisão da monarquia polonesa no final do século 18, Posen passou a ser território da Prússia. A

²⁰⁵É de Eckhart Grünewald a obra fundamental para a biografia de Ernst Kantorowicz, até o momento. O autor destaca como evidência da assimilação da família de Kantorowicz o fato de seu avô, Hartwig Kantorowicz, ter-se naturalizado em 1834. No começo do século 20 alguns membros da família participaram da política em Posen. Para o autor, ao longo do século 19, constituíram-se, em Posen, dois grupos formados a partir do judaísmo: um ortodoxo e outro liberal. A família de Kantorowicz pertencia ao segundo grupo. GRÜNEWALD, Eckhardt. *Ernst Kantorowicz und Stefan George: Beiträge zur Biographie des Historikers zum Jahre 1938 und zu seinem Jugendwerk “Kaiser Friedrich der Zweite”*. Wiesbaden: Franz Steiner Verlag, 1982, pp.4-6.

²⁰⁶Op.cit.,p.10-11.

região passou por um processo forçado de germanização, embora metade de sua população fosse de origem polonesa. Com a queda de Napoleão, Posen pertenceu à Prússia até 1918. A partir do século 19 ganha espaço um renascimento cultural polonês frente aos decretos prussianos que enfatizavam os imperativos culturais alemães.

A comunidade judaica era expressiva em Posen. Pertencia aos judeus grande parte do comércio e dos negócios de Posen. Quando em 1918 um movimento de cunho nacionalista buscou separar o território de Posen da Prússia, a comunidade judaica em sua maioria, apoiou a Prússia. Durante 1807 e 1813 quando a região foi governada pelo exército de Napoleão, as perseguições aos judeus cresceram significativamente e o tratado de emancipação dos judeus foi cancelado. Quando a região voltou para as mãos da Prússia, a situação dos judeus regularizou-se novamente. A aliança entre a Prússia e os judeus de Posen foi importante para o processo de germanização. A família de Kantorowicz pertencia à minoria da comunidade judaica, naturalizada como cidadãos prussianos, e assimilada à cultura alemã.²⁰⁷ As questões sobre as unidades nacionais e suas fundações a partir de imperativos culturais cercou Kantorowicz desde muito jovem. A problemática da identidade cultural era presente em sua vida desde muito cedo e por duas razões: A primeira, porque era judeu, a segunda pela região em que nasceu, divida entre a Prússia e a Polônia.

Embora pertencesse à burguesia culta, sua primeira opção, após frequentar o *Königliches Auguste Viktoria-Gymnasium*, entre 1904 a 1913, foi mudar-se para Hamburgo a fim de especializar-se na atividade comercial e assumir, posteriormente, os negócios da família. No entanto, a eclosão da Primeira Guerra levou ao fim seu aprendizado em Hamburgo. Logo em agosto de 1914, Kantorowicz alistou-se, voluntariamente, para o regimento de artilharia de Posen.

Como outros georgeanos, a exemplo de Gundolf, Wolters e Bertram, também Kantorowicz viu com entusiasmo o início das batalhas. A participação de Kantorowicz na guerra foi efetiva e lhe trouxe como condecoração, em junho de 1915, a Cruz de Ferro de Segunda Classe. Assim como do lado alemão, intelectuais franceses haviam se alistado para o front de batalha. É muito possível que Marc Bloch e Kantorowicz tenham se encontrado em 1916 em uma batalha próxima a Verdun. As vidas de Bloch e Kantorowicz, tal como propõe Boureau, se cruzam em vários aspectos: Bloch era também de origem

²⁰⁷Sobre Posen ver: BOUREAU, Alain. *Kantorowicz: Stories of a Historian*. Baltimore/Londres: The Johns Hopkins University Press, 2001, pp.57-65.

judia e ambos possuem obras cujos temas e discussões se cruzam. Tanto em *Kaiser Friedrich de Zweite* como em *Les Rois Thaumaturges*, publicado em 1924, a discussão sobre os componentes simbólicos do poder real são fundamentais.²⁰⁸

Grünwald salienta uma importante experiência de Kantorowicz durante a guerra, que teria despertado seu interesse para a cultura do Oriente e mesmo despertado seu interesse para a história. Kantorowicz foi transferido para a Turquia para trabalhar em uma companhia de construção de trens, em fevereiro de 1917.²⁰⁹ Anos mais tarde, em 1922, seu interesse pelo Oriente apareceu em seu trabalho de doutoramento, intitulado *Das Wesen der muslimischen Handwerkerverbände* [A essência das ligas islâmicas de artesãos].

Ainda antes do término definitivo da guerra, Kantorowicz inscreveu-se, em maio de 1918, na Universidade de Berlim para dar início a seus estudos em Filosofia. Em novembro, após um breve retorno ao front, voltou à universidade para retomar seus estudos.²¹⁰ A participação de Kantorowicz em outras organizações paramilitares interromperia novamente a continuidade de seus estudos. Em novembro, Kantorowicz retornou a Posen onde lutou em uma organização extra estatal contra revoltosos que desejavam unir-se à Polônia e libertar-se do domínio alemão. Nesse caso, de acordo com Grünwald, sua participação em favor do domínio alemão não se dava somente devido ao seu entusiasmo com a atividade militar, mas também porque o conflito traria consequências para os negócios de sua família.²¹¹

De volta a Berlim, Kantorowicz presenciou o caos advindo do fim da Primeira Guerra e o início de um sistema político novo, a democracia. Durante o início da República de Weimar, Kantorowicz participou dos *Freikorps*, grupos de voluntários que opunham-se

²⁰⁸A biografia de Boureau sobre Kantorowicz em muito propõe uma comparação entre Bloch e Kantorowicz, embora o objetivo principal não seja esse. BOUREAU, Op.cit., p.3.

²⁰⁹ Seu cunhado, Arthur Salz (1881-1963), marido de sua irmã mais velha, Sophie (1887-1960), era consultor de guerra do governo turco. Salz foi professor de Economia Nacional em Heidelberg entre 1923 e 1933. Em razão da ascensão nazista, Salz e sua esposa foram para a Inglaterra e posteriormente para os Estados Unidos onde foi professor em Ohio. Salz era amigo de Ahmed Djemal Pascha, uma das principais autoridades do Império Otomano à época da guerra. Pascha designou Salz para auxiliá-lo nas questões econômicas durante a reconstrução da Anatólia, após a guerra. É possível que a transferência de Kantorowicz para o oriente tenha se dado por intermédio de Salz. GRÜNEWALD, Op.cit.,p.23.

²¹⁰Nesse período Kantorowicz demonstrou seu interesse pelo oriente, proveniente muito provavelmente de sua experiência na guerra no Império Otomano. Nesse período frequentou as aulas de Carl Heinrich Becker (1876-1933) um dos primeiros pesquisadores alemães a interessar-se pelo oriente. GRÜNEWALD, Op.cit.p.26.

²¹¹Em 27 de dezembro de 1918 ocorreu um grande levante entre a população polonesa residente em Posen que reverberou em toda a província. Após o Tratado de Versalhes, grande parte da província foi integrada à Polônia. GRÜNEWALD,Op.cit.,p.27.

ao parlamento de Weimar e ansiavam pelo restabelecimento de um governo autoritário.²¹² Junto aos *Freikorps*, Kantorowicz lutou contra os Espartaquistas em Berlim, no início do mesmo ano e alguns meses depois, lutou contra a *Räterepublik* em Munique. A participação do jovem Kantorowicz nos *Freikorps* evidencia sua falta de entusiasmo frente ao novo sistema político, reação comum, pois, como afirma Elias, desde o começo eram poucos os grupos que apoiaram a incipiente República.²¹³ Para Grünewald, há em Kantorowicz uma inclinação nacionalista, uma motivação política caracteristicamente antirrevolucionária e conservadora.²¹⁴

Quando lutou contra a *Räterepublik*, Kantorowicz já havia se mudado para Munique, pois decidira transferir seus estudos para Economia Nacional.²¹⁵ Ao final de agosto de 1919, Kantorowicz optou cursar o próximo semestre de inverno em Heidelberg, cidade na qual finalizou seus estudos. Em Heidelberg, Kantorowicz aprofundou seu interesse pelos estudos históricos e conheceu seu futuro guia e mentor de sua biografia sobre Frederico II: Stefan George.

Em 1920, Stefan George e seu Círculo já constituíam um mito entre os estudantes de Heidelberg. Gundolf era professor de Heidelberg desde 1916. Stefan George frequentava, mesmo que raramente, a universidade, e Heidelberg, ao lado de Munique e Berlim, era um importante lugar de encontro para os georgeanos.²¹⁶ Assim como para

²¹²Para Nobert Elias os *Freikorps* são um exemplo do enfraquecimento do controle do Estado e de seu monopólio da violência durante o pós-guerra. Os *Freikorps* eram formados, em sua maioria, por jovens oficiais, oriundos da classe média, que após o fim da Primeira Guerra viram sua carreira oficial nas forças armadas alemã bloqueada, já que o exército perdera sua força significativamente após o fim do conflito. Elias afirma que a propagação e propaganda dos *Freikorps* entre a população foi importante para a preparação para os atentados contra a República, como por exemplo, o *putsch* Kapp. Participaram de diversos assassinatos como o de Rosa Luxemburgo, Karl Liebknecht e o liberal Walther Rathenau. A força dos *Freikorps* adivinha de três fatores principais: sua mentalidade militar, o apoio das ligas estudantis e do exército, e seus líderes carismáticos. ELIAS, Nobert. *Os Alemães: A luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor: 1997, pp.171-186.

²¹³Para Elias, a falta de apoio ao regime democrático parlamentar contribuiu sobremaneira para a ascensão posterior de Hitler. De modo geral, apoiava a República os trabalhadores sociais-democratas, um número pequeno de membros da classe média liberal, dentre os quais muitos eram judeus. As classes dominantes tradicionais encontravam-se do lado não apoiaram a República. ELIAS, Op.cit.,p.21

²¹⁴GRÜNEWALD, Op.cit.,p.116-118.

²¹⁵Durante o semestre de verão de 1916, Max Weber foi professor visitante na Universidade Ludwig-Maximilian em Munique. Kantorowicz matriculou-se na *Vorlesung* de Weber, “*Die Allgemeinen Kategorien der Gesellschaftswissenschaft*.” GRÜNEWALD, Op.cit.,p.33.

²¹⁶Embora um pouco extensa é interessante a descrição de um visita de George a uma aula de Gundolf, em 1919, na Universidade de Heidelberg: “[...] O auditório estava lotado, ultrapassava um quarto dos universitários. Os docentes se irritavam por isso. Seu olhar [de Gundolf] voltou-se para a porta, como se ele aguardasse alguém. E de fato: enquanto os impacientes começavam a bater os pés, a porta se abriu. Um homem entrou, com cabelos brancos e um olhar que não era do nosso tempo. O poder de sua aparição, a pureza que a ele cercava [...] de repente um silêncio geral tomou o lugar. A maioria se ergueu e venerou em festiva comoção o poeta STEFAN GEORGE.” DSCHENZIG, Theodor. *Stefan George und die Jugend*. Munique, 1934, p.23. Apud: GRÜNEWALD, Op.cit.,p.36. Tradução minha.

outros georgeanos, o encontro com Stefan George foi fundamental para Kantorowicz. A inserção no Círculo do poeta representou uma nova forma de situar-se no mundo e uma nova identidade coletiva com a qual os georgeanos acreditavam se diferenciar dos demais.

Não é tarefa fácil reconstruir o caminho pelo qual Kantorowicz e George se encontraram. Grünewald enumera três caminhos possíveis que conectaram George e o jovem estudante. O primeiro deles seria a partir de sua prima, a historiadora da arte Gertrud Kantorowicz.²¹⁷ Gertrud estava entre uma das raras companhias femininas de George e foi a única mulher – embora tenha utilizado o pseudônimo Gert. Pauly - que publicou um poema, “*Einer Tote*”, na *Blätter für die Kunst*. Uma outra possibilidade de ligação com George seria através de seu cunhado, Arthur Salz, amigo de Friedrich Gundolf. Por fim, a aproximação com o poeta teria se dado a partir de seu amigo, Woldemar Graf Uxkull-Gyllenband²¹⁸, para o qual Kantorowicz dedicou seu *Kaiser Friedrich der Zweite*. O mais recente biógrafo de Kantorowicz, o medievalista Alain Boureau, compartilha as informações de Grünewald. Não é possível portanto, saber ao certo como se deu o encontro entre o jovem estudante e o experiente poeta.

Com o afastamento entre George e Gundolf, o poeta aproximou-se cada vez mais de Kantorowicz a partir da década de 1920. Quando observamos as correspondências entre Kantorowicz e George, é possível afirmar que a relação entre George e Kantorowicz estreitou-se após 1924. Quando visitava Heidelberg, no começo dos anos de 1920, George hospedava-se com frequência na casa de Kantorowicz, uma vez que o gradual afastamento de Gundolf não o permitia mais permanecer junto ao seu primeiro discípulo. Assim, não é exagero afirmar, que Kantorowicz, de alguma forma, substituiu a posição de Gundolf em Heidelberg.

²¹⁷Gertrud Kantorowicz nasceu em 1876 em Posen. Estudou história da arte, filosofia e arqueologia na Universidade de Zurique. Em uma tentativa de fuga da Alemanha nazista em 1942, foi capturada e levada para o campo de concentração de Theresienstadt onde morreu de meningite em 1945.

²¹⁸Woldemar Graf Uxkull-Gyllenband nasceu no berço de uma antiga família nobre, em 1898, em Genua. Conheceu George a partir de Ernst Morwitz que o levou a Berlim para que se encontrasse com o poeta. Como Kantorowicz, participou da Primeira Guerra e posteriormente também juntou-se aos *Freikorps*. Estudou História em Heidelberg. Em 1925 doutorou-se na Universidade de Halle-Wittenberg com o trabalho “Plutarch und die griechische Biographie” (impossível não observar uma convergência de temas entre seu trabalho e o Círculo). Em 1925 foi nomeado professor em Halle e em 1930 em Tübingen. Morreu em 1939, devido a um acidente automobilístico. A amizade entre Graf Uxkull-Gyllenband e Kantorowicz iniciada durante os anos de estudos de ambos em Heidelberg perdurou por anos. A amizade foi rompida devido ao sentimento anti-semita de Gyllenband. GRÜNEWALD, Op.cit.p.37-43.

Como os outros jovens, Kantorowicz parece ter compreendido seu encontro com George como fundamental, um divisor de águas para sua vida e visão de mundo.²¹⁹ As cartas²²⁰ trocadas entre George e Kantorowicz deixam evidente os assuntos discutidos entre ambos que variavam desde assuntos concernentes ao próprio Círculo até discussões acerca dos problemas da época, como a crise econômica e social vivenciados na República de Weimar. Além disso, discussões e planos acerca da carreira acadêmica. Assim como os outros jovens, Kantorowicz tratava George por “*Liebster*” [querido] ou “*Geliebter Meister*” [amado mestre]. A correspondência entre George e Kantorowicz evidenciam o relacionamento de cunho estritamente emocional bem como a forma como George acompanhava de perto a vida pessoal e profissional de seus jovens.

Durante os anos que estudou em Heidelberg, outra influência, além de Stefan George, foi determinante para os trabalhos futuros de Kantorowicz: Eberhard Gothein (1853-1923). Gothein, historiador e economista, estudou também em Heidelberg, onde foi aluno de Dilthey. Após ser professor nas universidades de Breslau, Estrasburgo, Karlsruhe e Bonn, foi nomeado, em 1905, professor de Economia Nacional e ciência financeira [*Finanzwissenschaft*] para a Universidade de Heidelberg, no tornou-se professor emérito em 1923. Para Grünewald, a aproximação com Gothein contribuiu para que Kantorowicz se interessasse cada vez mais pelas questões de cunho histórico-culturais.²²¹ Gothein foi orientador de Kantorowicz em seu doutorado. É ainda notável a proximidade de George com Gothein cuja casa George frequentava, provavelmente desde 1910. Seu filho, Percy Gothein, foi próximo do poeta e participou de seu Círculo. Foi com Gothein que, segundo Grünewald, Kantorowicz aprendeu a trabalhar com arquivos e fontes. Esse aprendizado aparecerá anos depois em sua biografia sobre Frederico II, obra na qual transparece a erudição e o esforço em pesquisar fontes e vasculhar arquivos. Pouco citado por Grünewald, por não ter uma relação direta com o Círculo, o medievalista Karl Hampe (1869-1936) foi outra influência importante para Kantorowicz durante seus anos em Heidelberg. Hampe era uma autoridade quando se tratava dos últimos soberanos dos

²¹⁹Em carta à George, datada de 31 de outubro de 1924, Kantorowicz escreveu ao poeta: “Eu posso agora, após estar em longa companhia com o senhor, ver tudo diferente de como eu antes via, também sobre o que eu antes escrevia.” *Stefan George Archiv*. George III, 6613. Todas as cartas citadas nesse trabalho foram devidamente autorizadas pelo arquivo. Traduções minhas.

²²⁰ Considera-se aqui as cartas acessíveis. É sabido que George possuía o hábito de destruir muitas de suas cartas. O mesmo o fez Kantorowicz, que requisitou que após sua morte seus papéis pessoais fossem destruídos. Na ata de cartas do *Stefan George Archive* em Stuttgart o número de cartas de Kantorowicz é maior que as cartas enviadas pelo poeta.

²²¹GRÜNEWALD, Op. cit.,p.49.

Hohenstaufen. Robert Lerner afirma que Kantorowicz manteve contato com Hampe a partir de 1926.²²² Hampe foi importante para que Kantorowicz conhecesse os debates acerca de Frederico II durante a década de 1920.

Em sua árdua tarefa de resgatar as relações entre vida e obra de Kantorowicz - tal como George, também Kantorowicz pediu que seus papéis pessoais fossem destruídos - Alain Boureau chama a atenção para outro fator importante, tanto para a composição de *Kaiser Friedrich der Zweite*, como para o interesse de Kantorowicz pela história e culturas do oriente, que ultrapassam a experiência da guerra. Ao mesmo tempo em que Kantorowicz integrava-se ao Círculo de George, no início da década de 1920, também o fazia o orientalista Paul Wittek (1894-1978). A participação do austríaco Wittek no círculo é pouco explorada, não aparece nas principais obras sobre o Círculo de Stefan George. Para Boureau, a influência de Wittek não foi menor para Kantorowicz e foi importante para a “orientação otomana” do intelectual.²²³

Consequência importante da publicação de sua biografia foi a nomeação de Kantorowicz para professor na Universidade de Frankfurt.²²⁴ Em agosto de 1930, Kantorowicz foi nomeado professor honorário. É significativo que uma *Habilitation* [trabalho de livre-docência] nunca lhe foi exigida.²²⁵ Sua biografia acabou por preencher

²²²LERNER, Robert. “Meritous Academic Sevice: Kantorowicz and Frankfurt.” In: BENSON, Robert; JOHANNES, Fried. *Ernst Kantorowicz*. Frankfurter Historische Abhandlung. Band 39. Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 1997, p.17-18.

²²³BOUREAU, Alain. *Kantorowicz: Stories of a Historian*. Baltimore/Londres: The Johns Hopkins University Press, 2001, p.xv. O historiador e orientalista Paul Wittek nasceu nas proximidades de Viena em 1894. Durante a Primeira Guerra, foi combatente em lugares da Síria e Instambul, despertou seu interesse pelos estudos sobre o Oriente. Estudo língua turca na Universidade de Viena e retornou a Instambul em 1924 como membro do Instituto Arqueológico Alemão. De acordo com o historiador John Wansbrough, afirma que Wittek, quando jovem, tivera a oportunidade de se encontrar com George, porém não o fez. Wansbrough não confirma a participação de Wittek no Círculo. WANSBROUGH, John. “Obituary: Paul Wittek”. In: *Bulletin of the School of Oriental and African Studies*. University of London, vol. 42, No.1 (1979), pp.137-139.

²²⁴Lerner destaca as relações de poder por detrás da nomeação de Kantorowicz. Kurt Riezler era à época curador da Universidade de Frankfurt e admirador de Stefan George. Kurt Riezler (1882-1955) doutorou-se em filologia clássica. Participou da Guerra e também lutou contra a *Räterrepublik* tal como Kantorowicz. Permaneceu em Berlim entre 1920 até ocupar seu cargo em Frankfurt, em 1928. É muito provável que Kantorowicz já o conhecesse antes da oferta de Frankfurt. LERNER, Op.cit.,p.19. Riezler enfrentou a oposição de Fedor Schneider, professor ordinário para História Medieval, e amigo de Brackmann. A nomeação de Kantorowicz de abril de 1930 foi aceita pela faculdade de filosofia em 1930.

²²⁵Em carta a George, Kantorowicz fala sobre a oferta do cargo de Frankfurt e uma recusa feita à Universidade de Heidelberg. Segundo Lerner, a recusa para Heidelberg se deu devido à presença de Karl Hampe. Embora próximos, Kantorowicz poderia ficar submetido à autoridade e ao trabalho de Hampe. Por isso, Kantorowicz fala em “vender” sua liberdade. LERNER, Op.cit.,p.18. “Das frkter [frankfuter] angebot bleibt dabei nach wie vor bestehen und zwar derart. dass ich mich jederzeit unter einfachsten bedingungen habilitieren kann oder aber ohne habilitation einen drei jahre laufenden lehrauftrag erhielt. Den heidelbergern habe ich abgesagt und zwar mit der begründung, dass wenn ich schon meine freiheit verkaufte ich dafür nicht

esse requisito para a cátedra. Em 1932 torna-se professor *Ordinarius* ao ocupar o lugar do medievalista Fedor Schneider.

Com a chegada dos nazistas ao poder, a vida de Kantorowicz, assim como a de outros intelectuais, passou por uma série de mudanças²²⁶. A ascensão nazista e sua política de extermínio trouxeram consequências também para a vida pessoal de Kantorowicz. Sua mãe, Clara, em uma tentativa de fuga para a Suíça foi capturada por nazistas quando já se encontrava na fronteira. Foi executada no campo de concentração de *Theresienstadt* em 1943/1944.²²⁷

Um novo reitor foi nomeado pelo nacional-socialismo, em abril de 1933, para a Universidade de Frankfurt. A situação tornou-se cada vez mais complicada para os intelectuais judeus que ocupavam cargos em universidades alemãs. Em 20 de abril de 1933 (data do aniversário de Adolf Hitler) Kantorowicz escreveu ao ministro para ciência, arte e educação, requisitando uma licença para o semestre de verão do mesmo ano. Em sua carta ao ministro, Kantorowicz destacou sua participação na guerra e nos *Freikorps* e salientou que em tais lutas sua descendência judia não o fez menos combatente. Além disso, salientou que sua biografia sobre o Hohenstaufen não podia ser considerada uma aprovação ou incentivo para a guinada nacionalista na Alemanha.²²⁸ Kantorowicz deixou claro que não compartilhava do novo regime instalado e sua política de cunho racial.

Kantorowicz discutia com George sobre as transformações ocorridas com a ameaça e a chegada do nacional socialismo ao poder e as crises decorridas durante a República de Weimar. Em carta ao poeta, Kantorowicz notou como ideais tão caros ao Círculo, como a

noch zahlen könnte und überhaupt dass ich mir über meine stellung keine vorschriften machen lassen könnte.“ *Stefan George Archiv*, George III, 6621. Data de 8 de setembro de 1828.

²²⁶Kantorowicz e George discutiam sobre as questões políticas e econômicas de seu tempo. Em carta de 27 de setembro pergunta Kantorowicz a George: “[...] und was sagt d M [der Meiter] zu der allgemein-depression: wetter.wirtschaft.politik und ethos haben einen gleichen tiefstand erreicht und der druck naher katastrophen lastet wieder 1918 und 1923 – um wahrscheinlich [sic] nichts zu verpuffen.” *Stefan George Archiv*, George III, 6631. Data de 27 de setembro de 1930.

²²⁷ GRÜNEWALD, Op.cit.,p.4.

²²⁸“ Obwohl ich als Kriegsfreiwilliger [...] als Nachkriegskämpfer gegen Polen, Spartacus und Räterepublick [...] eine Dienstentlassung wegen meiner jüdischen Abstammung nicht zu gewärtigen habe; obwohl ich auf Grund meiner Veröffentlichungen über den Staufer-Kaiser Friedrich den Zweiten für meine Gesinnung gegenüber einem wieder national gerichteten Deutschland keines Ausweises von vorgestern, gestern und heute bedarf; obwohl meine jenseits aller Zeitströmungen und Tagesereignisse begründete, grundsätzlich positive Einstellung gegenüber einem national regierten Reich auch durch die jüngsten Geschehnisse nicht hat ins Wanken kommen können [...] so sehe ich mich als Jude dennoch gezwungen, aus dem Geschehenen die Folgerungen zu ziehen und im kommenden Sommer-Semester meine Lehrtätigkeit ruhen zu lassen.” KANTOROWICZ, Ernst. “Professor Dr. Ernst Kantorowicz an den Minister für Wissenschaft, Kunst und Volksbildung, 20.4.1933.” In: Kommission zur Erforschung der Geschichte der Frfr. Juden (Hg.) *Dokumente zur Geschichte der Frankfurter Juden 1933-1945*. Frankfurt am Main: Verlag Waldemar Kramer, 1963, pp.99-100.

de herói e líder, tornaram-se mal interpretadas e tomaram um novo significado político diante da nova realidade. Kantorowicz observava crescer o “esvaziamento do espírito [Geist] [...] charlatões e homens sem escrúpulos interpretavam mal e secularizavam todas as belas e importantes palavras como ‘heros’ e ‘líder’, palavras as quais preenchem o maior e mais secreto sentido de nossas vidas.”²²⁹

A última atividade de Kantorowicz na Universidade de Frankfurt foi sua palestra, em 14 de novembro de 1933, “A Alemanha Secreta” cujo intuito era esclarecer que a comunidade de heróis, a Alemanha Secreta dos georgeanos não se confundia com o nacional-socialismo.²³⁰ Kantorowicz foi para a Inglaterra a convite do *New College* em Oxford para ser membro honorário durante o semestre de inverno. Segundo o medievalista David Abulafia, Kantorowicz foi requisitado para algumas palestras. O autor afirma que o medievalista britânico Sir Maurice Powicke foi fundamental para providenciar um encontro com Marc Bloch no *Oriel College*. Abulafia acredita que Kantorowicz foi bem recebido em Oxford, onde encontrou pouca resistência entre os medievalistas. A biografia sobre Frederico II pouco agradou a tradição empirista inglesa a qual enfatizava a clareza e um estilo pouco literário que geralmente ficava reservado às notas e aos comentários.²³¹

Em 1934, Kantorowicz voltou à Alemanha, requisitou sua aposentadoria, e entre os anos de 1935 e 1938 viveu como professor Emérito em Berlim e trabalhou no *Monumenta Germaniae Historica*. Durante esses anos viajou pela Itália e Inglaterra. Existem poucos dados biográficos sobre esse período de retorno à Alemanha. Kantorowicz contou com a ajuda do editor Helmut Küpper que havia comprado a editora Georg Bondi em 1938. Com

²²⁹*Stefan George Archiv*, George III, 6639. Data de Pentecostes de 1933. De acordo com Grünwald de 4 de junho de 1933. Woldemar Uxkull, entusiasta do nacional-socialismo, buscou atrelar o pensamento de George à ascensão do nazismo em um pronunciamento intitulado “Das revolutionäre Ethos bei Stefan George”. Para Uxkull a postura anti-moderna de Stefan George ia de encontro com os ideais nacionais socialistas. Uxkull enviou sua conferência a Kantorowicz. Cf.: GRÜNEWALD, Op.cit.,p.123-124. Do Círculo entusiasmaram-se com o nazismo, além de Uxkull, o escultor Ludwig Thormaehlen, e o psiquiatra e filósofo Kurt Hildebrandt entraram para o NSDAP (Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães). Ernst Bertram apoiou a ascensão do nazismo, mas não há informações de sua entrada no partido.

²³⁰A conferência de Kantorowicz foi boicotada por jovens universitários partidários do nazismo. Lerner afirma que jovens em uniformes da SA intimidaram a entrada de estudantes para ouvirem Kantorowicz. LERNER, Op.cit.,p.30.

²³¹ABULAFIA, David. “Kantorowicz, Frederick II and England”. In: BENSON, Robert L.; FRIED, Johannes. *Ernst Kantorowicz*. Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 1997, pp.138-139. Abulafia afirma que há rumores que Kantorowicz teria sido ajudado pelos seus admiradores do alto escalão nazista. Um outro rumor acerca da ida de Kantorowicz para Oxford consistiu na confusão de Ernst Kantorowicz com o famoso jurista Hermann Kantorowicz (1877-1940). A universidade britânica acreditava oferecer refúgio para Hermann Kantorowicz o qual embora fosse também judeu e conterrâneo de Kantorowicz não tinha com ele nenhum parentesco. Op.cit.,p.142. Cf. também o trabalho de Barbara Picht: PICHT, Barbara. *Erzwungener Ausweg: Hermann Broch, Erwin Panofsky und Ernst Kantorowicz im Princeton Exil*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 2008, p.108.

Küpper, Kantorowicz foi primeiro para a Inglaterra em 6 de dezembro de 1938, onde permaneceu até 1939.²³² Nesse período, Kantorowicz trabalhou no *Courtland Institute* da Universidade de Londres.

Antes de alcançar um lugar como professor visitante na Universidade da Califórnia em Berkeley, para o ano de 1939, Kantorowicz realizou conferências na Universidade de Yale, Harvard e no Smith College. Kantorowicz acabou por permanecer por uma década em Berkeley, onde em 1945 tornou-se professor de história medieval ao ocupar o lugar do medievalista James Westfall Thompson. Há de se indagar, se Kantorowicz apreciou de início sua ida para os Estados Unidos. Os georgeanos compartilhavam com Max Weber uma crítica negativa à sociedade de seu tempo. Consideravam o processo de americanização um problema cultural que deveria ser combatido. Quando visitou Berlim, em 1928, Kantorowicz relatou a George sobre a “avançada americanização” da cidade que levava os homens ao desespero. Passar por Berlim era pouco instigante e tarefa nada fácil. Difícil era estar em Berlim “sem perder o que mais importava.”²³³

Kantorowicz passou por outra situação política em Berkeley devido ao marcarthismo e a tendência anticomunista instalada no país. Em 1949 os professores universitários foram ameaçados de serem dispensados caso não se comprometessem com o marcarthismo e fizessem um juramento de lealdade e de confirmação da negação do comunismo. Kantorowicz recusou-se a prestar o juramento e defendeu sua recusa em um escrito, *The Fundamental Issue*, o qual o próprio intelectual publicou e distribuiu. Kantorowicz defendeu a participação e a responsabilidade dos intelectuais frente às mudanças políticas e culturais de seu tempo. Os intelectuais deveriam ser livres e não deveriam temer um regime político nem a ele prestar obediência.

Em 1951, Kantorowicz recebeu um convite do *Institute for Advanced Study* em Princeton. Para esse convite foi fundamental o conhecimento de Theodor Ernst Mommsen com Erwin Panofsky que trabalhava no mesmo instituto desde 1935.²³⁴ *Os Dois Corpos do Rei*, obra que tornou Kantorowicz internacionalmente conhecido foi publicado em 1957.

²³²Os planos sobre uma possível emigração partiu de Theodor Ernst Mommsen (neto de Theodor Mommsen, autor de *Römischen Geschichte*) de quem Kantorowicz era amigo. Mommsen havia emigrado para os Estados Unidos em 1936, como protesto ao nacional socialismo. Kantorowicz ainda contou com a ajuda do Diplomata Albrecht Graf Bernstoff. Kantorowicz escondeu-se no castelo da família de Bernstoff em 1934. PICT, Op.cit.,p.109-111.

²³³*Stefan George Archiv*, George III, 6621. Data de 8 de julho de 1928.

²³⁴PICT, Op.cit.,p.115.

Embora não seja o objetivo aqui discutir os anos de exílio de Kantorowicz, é importante ressaltar que durante seu exílio nos Estados Unidos, Kantorowicz começou a refletir sobre sua participação no Círculo de George. De maneira geral, Kantorowicz interrogou-se sobre as relações entre os ideais vinculados pelo Círculo e a ascensão do nacional socialismo. Kantorowicz evitou discutir sua participação no Círculo de Stefan George.²³⁵ Grünewald afirma que uma auto revisão de seus anos de lutas na guerra e nos *Freikorps* e de sua tendência nacionalista tiveram início quando Kantorowicz partiu para Oxford.

Para Boureau, a experiência da perseguição nazista e da deportação, significou para Kantorowicz a quebra de sua fascinação pelo poder carismático, transparente em sua biografia sobre Frederico II. Segundo Boureau, a partir de seu exílio, Kantorowicz decidiu criticar o poder carismático e seus efeitos desastrosos até o final de sua vida.²³⁶

3.2: *Kaiser Friedrich der Zweite*: escrita da história e identidade nacional

Foi durante seus anos de estudos na Universidade de Heidelberg que Kantorowicz, junto a Stefan George, deu início a seu trabalho sobre o Imperador Frederico II, Hohenstaufen. O desenvolvimento do trabalho de Kantorowicz foi seguido de perto por George. As correspondências entre George e Kantorowicz deixam evidente o processo de correção do livro pelo poeta.²³⁷ Kantorowicz enviava trechos manuscritos de seu livro os quais eram devidamente corrigidos e aprovados por George e assim retornavam ao autor para serem reescritos. Isso não era uma novidade no Círculo de George. O poeta acompanhava e corrigia as publicações de seus jovens. Antes de serem oficialmente publicados, os trabalhos dos membros do Círculo passavam pelo clivo oficial do poeta. Com Kantorowicz não foi diferente. A biografia de Kantorowicz deve ser lida e analisada a partir do pressuposto de que foi composta a partir do Círculo de George.

²³⁵ Op.cit.,p.150.

²³⁶ BOUREAU, Op.cit.,p.3-4. Boureau propõe novamente uma comparação entre Bloch e Kantorowicz. Bloch teria, inicialmente, um fascínio pelo poder, porém renunciou seu estudo. Voltou-se para a natureza sacra da soberania.

²³⁷ Em carta a George, provavelmente do ano de 1925, escreve Kantorowicz: “Eu seria grato ao Mestre [d.M.] pela correção rápida das páginas 312-329. para que eu possa terminá-las em breve.” *Stefan George Archive*. George III, 6619. Sem data.

O imperador Frederico II, Hohenstaufen, era um membro da “Alemanha Secreta” de George e configurava assunto recorrente no Círculo. George em seu *O Sétimo Anel* (1907) dedicou uma poesia a Frederico, intitulada *Die Gräber in Speier*, na qual o imperador aparece como um unificador do povo.²³⁸ Frederico II aparece para George como o unificador do povo, da união entre oriente e ocidente. A influência de George foi decisiva para a escolha do tema do livro de Kantorowicz.

Antes de Kantorowicz, outro intelectual ligado ao Círculo de George, publicou uma obra sobre Frederico II. Em 1922, Wolfram von den Steinen²³⁹ (1892-1967) trouxe a público seu *Das Kaisertum Friedrichs des Zweiten. Nach den Anschauungen seiner Staatsbriefe* [O império de Frederico Segundo. De acordo com suas cartas de Estado]. Em 1923, von den Steinen publicou ainda as traduções das cartas de Frederico II. Essa publicação vinculou-se às *Blätter für die Kunst* como todas as obras vinculadas ao Círculo. Wolfgang Schneider considera a obra de von den Steinen a primeira obra realmente histórica vinculada ao Círculo.²⁴⁰ Para Schneider, o trabalho de von den Steinen vincula-se à visão do Círculo, preza por uma visão intuitiva do passado que ao expor a auto imagem de Frederico II buscou enfatizar sua *Gestalt*. A obra de von den Steinen foi construída a partir de *Herrschaft und Dienst* de Wolters, leitura que constava na bibliografia da obra de von den Steinen.²⁴¹

Kaiser Friedrich der Zweite foi publicado em 1927 pela editora Georg Bondi, na coleção *Werke aus dem Kreis der Blätter fuer die Kunst* [obras do Círculo da *Blätter fuer*

²³⁸“Porém sobretudo irradia do Hohenstaufen / Para receber a ideia ancestral do sul / Chamado às armas do belo Enzo / O maior Frederico . a real ânsia pelo povo. / Com o plano de Carlos e Otto em vista. / O grande sonho do Oriente. / Sabedoria da Cabala e a dignidade romana / Determinado a partir de Agrigento e Selinunte.” GEORGE, Stefan. “Die Graeber im Speier”. In: *Der Siebente Ring*. Helmut Küpper: 1949, p.23. Tradução minha. Grünwald cita ainda outros dois momentos da obra de George nos quais Frederico II aparece novamente: Na tradução de *Göttlichen Komödie* de Dante e em seu poema “Sprüche an die Toten” publicado em *Das Neue Reich*, em 1928. GRÜNEWALD, Op.cit.,p.60-61. George viu uma conexão entre os irmão Berthold e Alexander Graf von Stauffenberg e o Imperador Frederico II. Para o poeta, os irmão pertenciam à linhagem dos Hohenstaufen, mas a informação não foi confirmada. Cf.: NORTON, Op.cit.,p.660-661.

²³⁹ Wolfram von den Steinen foi aluno de Albert Brackmann, o mesmo que anos mais tarde criticaria Kantorowicz. Entre 1929 e 1938 foi professor da Universidade da Basileia. Von den Steinen chegou a George a partir de Friedrich Wolters. GRÜNEWALD, Op.cit.,p.61. Também em: BOUREAU, Alain. Op. cit.,p.21.

²⁴⁰Wolfram von den Steinen (1832-1967) foi próximo a Wolters desde 1907. Após servir na guerra, estudou em Lausanne, Heidelberg e Leipzig onde foi aluno de Karl Lamprecht e decidiu aprofundar-se em filologia antiga e história. Em 1923 doutorou-se em Marburg com o trabalho sobre Frederico II. Albert Brackmann foi avaliador do trabalho de von den Steinen. SCHNEIDER, Wolfgang Christian. “Geschichtswissenschaft im Banne Stefan Georges: Wolfram von den Steinen im Ringen um die gestalthafte ‘Schau’ der Vergangenheit.” In: BÖSCHENSTEIN, Bernhard; EGYPTIEN, Jürgen; SCHEFOLD, Bertram; VITZTHUM, Wolfgang Graf.(Hg.) *Wissenschaftler im George-Kreis*. Berlim, Nova York, 2005, p.329-331.

²⁴¹Op.cit.,p.334.

die Kunst] após aproximadamente dois anos e meio de trabalho de Kantorowicz, e por extensão, de George. Em acordo com as demais publicações do Círculo, a publicação não continha notas de rodapé e referências bibliográficas. Os trâmites para a publicação foram acertados por George, o qual negociou diretamente com Bondi. A biografia foi um grande sucesso de público, não se restringiu somente ao meio acadêmico²⁴². Para além dos debates gerados no meio acadêmico sobre os princípios da escrita da história, o livro deu espaço para debates extra-acadêmicos.²⁴³

As razões para o sucesso da biografia de Kantorowicz podem estar relacionadas com o significativo interesse por biografias durante a República de Weimar. Para Wolfgang Hardtwig, o período de Weimar pode ser caracterizado por uma “irritação com o tempo”, uma metáfora que faz referência ao estranhamento frente às mudanças sociais e políticas da época. Em uma época de instabilidade, a aversão à ciência e aos métodos científicos racionais ganha espaço ao lado do crescimento de posturas e métodos intuitivos. Hardtwig ressalta a explosão literária dos anos de Weimar, marcada por uma postura acentuadamente contrária ao método empírico racional que buscou enfatizar o método intuitivo e assimilar uma nova síntese entre ciência e poesia.²⁴⁴

Kantorowicz pertenceu à terceira geração do Círculo de Stefan George. De acordo com Carolla Groppe, uma geração para a qual a relação entre ciência e visão de mundo [*Weltanschauung*] já se encontrava subentendida. Kantorowicz foi formado sobretudo, pela segunda geração. As ideias de Wolters, principalmente sobre a renovação da Alemanha a partir da *Alemanha Secreta* foram fundamentais para essa geração.

Em 1924, Kantorowicz realizou uma importante viagem à Itália, onde visitou importantes locais relacionados a Frederico II, como Apúlia, lugar de nascimento do imperador, e Nápoles, onde Frederico fundou a universidade. Kantorowicz afirmou a George que essa viagem foi importante e muito contribuiu para seu trabalho.

²⁴²Entre 1927 e 1936 o livro teve 4 reimpressões resultando em mais de 12.500 cópias da obra. Em 1931 foram publicadas as edições americana e inglesa. Em 1939 foi a vez da tradução italiana. A edição alemã de 1963 teve uma tiragem de 2.000 exemplares. O livro foi reimpresso por três vezes até 1980: 1964, 1973, 1980 - totalizando 7.000 exemplares.

²⁴³GRÜNEWALD, Eckhart. “Not Only in Learned Circles: The Reception of *Frederick the Second in Germany before the Second World War*”. In: BENSON, Robert; JOHANNES, Fried. *Ernst Kantorowicz*. Frankfurter Historische Abhandlung. Band 39. Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 1997, p.163-164.

²⁴⁴HARDTWIG, Wolfgang. “Die Krise des Geschichtsbewusstseins in Kaiserreich und Weimarer Republik und der Aufstieg des Nationalsozialismus.” In: *Hochkultur des bürgerlichen Zeitalters (Kritische Studien zur Geschichtswissenschaft Band 169)*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2005, pp. 77; 81.

O melhor momento da viagem foi ir em um pequeno barco a vapor, em zigue e zague, de Veneza [...] para Apúlia, depois para Palermo e agora vou para Nápoles. Foram as duas de fato sagradas regiões [...]. Para meu objetivo, isso é, para meu trabalho eu aprendi muito, e em meu próprio entendimento essa é a razão pela qual eu devo permanecer aqui até os primeiros dias de maio.²⁴⁵

Na mesma carta, Kantorowicz, ao narrar sua visita à Universidade de Nápoles, observa o uso político de Frederico II pelo movimento fascista na Itália.

Assim, em 3. V. [?] é o 700° ano de comemoração de fundação da Universidade de Nápoles por Frederico II e todos os jornais estão agora repletos de hinos para o grande Imperador o qual – como Mussolini (!) – buscou fundar uma Itália imperial – logo Frederico II torna-se precursor do sonho fascista [...]²⁴⁶

A primeira impressão do livro trazia uma nota como prefácio muito significativa em relação ao Círculo de George. Kantorowicz pediu à editora que a retirasse para a próxima reimpressão, em 1963. A nota fazia referência a uma coroa colocada sobre o sarcófago de Frederico na catedral de Palermo durante as comemorações do 700° aniversário da Universidade de Nápoles. A nota de Kantorowicz descrevia o que estava escrito sobre a coroa:

Quando o reino da Itália, em maio de 1924, celebrava o aniversário de setecentos anos da Universidade de Nápoles, fundada por Frederico II Hohenstaufen, estava sobre o sarcófago na catedral de Palermo uma coroa com a epígrafe:

SEUS IMPERADORES E HERÓIS A ALEMANHA SECRETA

Não que a presente vida de Frederico II tenha sido estimulada por esse episódio.. no entanto ele deve ser tomado como símbolo, que não somente em círculos intelectuais, para começar a se agitar [*regen*] os grandes soberanos – em um tempo onde imperadores não existem mais.²⁴⁷

²⁴⁵ *Stefan George Archive*. George III, 6619. Data de 30 de abril de 1924.

²⁴⁶ *Stefan George Archive*. George III, 6619. Data de 30 de abril de 1924. De acordo com Martin Ruehl, Mussolini teria sido admirado por George como a personalidade que poderia trazer à realidade os ideais do Círculo. Cf.: RUEHL, Martin. “ ‘In this time without Emperors’ The politics of Ernst Kantorowicz’s *Kaiser Friedrich der Zweite* reconsidered”. In: *Journal of the Warburg and Courland Institutes*, vol. 63, 2000, p.221-222. A meu ver, a carta de Kantorowicz não deixa claro nenhum tipo de admiração por Mussolini. Na verdade, sugere um tom irônico.

²⁴⁷ A edição do livro de Kantorowicz usada nesse trabalho não possui essa nota. A nota foi a única alteração do texto de Kantorowicz. A edição inglesa de 1957, possui a nota do prefácio. A versão alemã foi retirada de: GRÜNEWALD, Eckhardt. *Ernst Kantorowicz und Stefan George: Beiträge zur Biographie des Historikers zum Jahre 1938 und zu seinem Jugendwerk “Kaiser Friedrich der Zweite”*. Wiesbaden: Franz Steiner

É impossível não indagar sobre as intenções políticas do livro. Diante de um tempo “sem imperadores”, Frederico II deveria ser admirado para além do grupo de intelectuais, para além do Círculo de George. O Frederico II construído por Kantorowicz tinha por objetivo definir o caráter nacional e a origem da Alemanha, enquanto unidade nacional a partir do Império de Frederico II. A obra de Kantorowicz reflete uma mudança política do Círculo de George e participa de um debate historiográfico iniciado em meados do século XIX.

De maneira ampla, as análises sobre *Kaiser Friedrich der Zweite*, procuram destacar como os ideais do Círculo de Stefan George compõem a obra de Kantorowicz. No entanto, tendem a diminuir, ou mesmo excluir, o debate historiográfico no qual a obra de Kantorowicz se inseriu durante a década de 1920. Se assim analisada, a biografia sobre Frederico II é entendida somente como uma obra cujo único *leitmotiv* seria dar voz ao movimento de Stefan George. Martin Ruehl procurou esclarecer como a obra de Kantorowicz inseriu-se em um debate historiográfico que se iniciou por volta da segunda metade do século 19 e perdurou até a década de 1920. Tema importante para esse debate foi o papel desempenhado por Frederico II, Hohenstaufen para a formação política e cultural dos territórios alemães,

Kaiser Friedrich der Zweite deve ser analisado com cautela para evitar uma análise simplista que apenas transfira os ideais georgeanos, nesse caso considerados imutáveis, para a obra. Martin Ruehl alerta para a mudança política ocorrida no Círculo que se reflete na obra de Kantorowicz. Segundo o autor, a política do Círculo passou por uma mudança drástica ao longo da Primeira Guerra Mundial. Portanto, afirmar que Kantorowicz simplesmente transferiu as críticas de George do período Guilhermino para a República de Weimar, como se os ideais do Círculo permanecessem os mesmos, é ignorar que após a guerra, George e seus discípulos adotaram uma atitude mais nacionalista diante do caos e da instabilidade social e política consequente da guerra. Portanto, para Ruehl, a obra de Kantorowicz marca a transição política de George e seu Círculo de uma visão cosmopolita

Verlag, 1982, pp. 74-75. Não é possível saber pela nota de Kantorowicz quem teria colocado a coroa no sarcófago de Frederico. Grünwald trabalha com a hipótese de que um georgeano ter sido o responsável pela ação. Também Wolters, Albrecht von Blumenthal, Berthold e Alexander Graf von Stauffenberg. Como já mencionado nesse trabalho, a expressão “Alemanha Secreta”, vinculada ao Círculo, apareceu pela primeira vez no artigo de Wolfskehl, “Die Blätter für die Kunst und die neuste Literatur” no *Jahrbuch* de 1910. Cf: pp.22-23.

pré-guerra para uma postura voltada para as questões nacionais durante a República de Weimar.²⁴⁸

Após a guerra, o espírito cosmopolita tendeu a desaparecer gradualmente, e a preocupação com a nação, a identidade, o *Deutschtum* que se encontrava presente no Círculo desde 1910 tornaram-se mais patentes e mesmo urgentes. O Círculo assumiu uma postura caracteristicamente nacionalista²⁴⁹. Antes da guerra até por volta de 1910, em contraste com o nacionalismo ortodoxo do II Reich, o Círculo sobrevalorizava a França, o catolicismo e o sul como genuinamente alemão. Com o advento da República, o Círculo preservou seu lugar de oposição, porém agora contra os políticos cosmopolitas de Weimar. A oposição tornou-se uma preocupação acentuada em definir a identidade alemã²⁵⁰. Para Ruehl, George e seus discípulos aproximam-se de um nacionalismo popular [*Völkisch*].²⁵¹ Esclarecer e definir a *Deutschtum* tornou-se a principal prerrogativa do Círculo durante a década de 1920.

Durante o período Guilhermino, a noção de germanicidade difundida pelos georgeanos, contrastava com o nacionalismo do II Reich de Bismarck. Assim, opunham-se ao seguidores de Heinrich von Treitscke (1834-1896) o qual havia desencadeado a *Kulturkampf* a partir da década de 1870. Se para estes a germanicidade derivava da dinastia dos Hohenzollern, para George esta estava vinculada ao Sacro Império Romano e à dinastia dos Hohenstaufen. Frederico II constituiu um objeto importante nesse debate historiográfico e a obra de Kantorowicz insere-se no mesmo debate. Após 1918 a questão central acerca de Frederico II era se sua política imperial havia contribuído, ou não, para a formação da unidade e centralização da nação alemã²⁵².

²⁴⁸RUEHL, Martin. Op.cit., p.191.

²⁴⁹Op.cit.,p.191.

²⁵⁰Op.cit.,p.192

²⁵¹Não é desimportante mencionar a relação do Círculo com o crescente anti-semitismo. De acordo com Ruehl, o anti-semitismo existia no Círculo mesmo com a participação expressiva de judeus como Kantorowicz, Wolfskehl, e Gundolf. George acreditava que os judeus faziam parte de um “povo diferente” que não tinham uma língua própria. Em 1911, George expressou a Robert Curtius que nunca admitiria que os judeus fossem maioria em seu Círculo. Dentre a terceira geração do Círculo, Max Kommerell, Johan Anton e Woldemar Uxkull eram anti-semitas declarados bem como outros membros como Ernst Bertram e Kurt Hildebrandt. A obra de Wolters *Stefan George und die Blätter für die Kuns – Deutsche Geistesgeschichte seit 1890*, publicada em 1930 foi considerada por alguns como anti-semita por menosprezar as contribuições de intelectuais judeus como Gundolf. Cf.: Op.cit.,p.194-195.

²⁵²De acordo com Ruehl, após 1918, renasceu o debate sobre a contribuição de Frederico II a partir dos argumentos do historiador Heinrich von Sybel (1817-1895) e os guibelinos cujo expoente havia sido Johann Gustav Droysen (1808-1884). Para von Sybel, a inserção de Frederico II na Itália, sobretudo nas guerras da Lombardia, impediu a centralização do Estado Alemão. Assim, o universalismo do Imperador foi um elemento prejudicial para a unidade alemã, gerando uma nação enfraquecida no centro da Europa. Por outro lado, Droysen afirmava que a monarquia universal de Frederico II deveria ser tomado por modelo para o

Kantorowicz optou por nacionalizar Frederico II. Sua biografia aborda desde o nascimento do Imperador Frederico II, em 1194, destacando os diversos mitos e histórias sobre seu nascimento, até sua morte, em 1250. Em grande parte, o livro destaca as relações do Imperador com o Oriente e seus entraves com a Igreja Católica em seu esforço para instaurar um poder secular em seu Império. A luta pelo poder secular liga-se ao objetivo de Frederico de formar as unidades nacionais, da Sicília e da Alemanha. É neste sentido que o Sacro Império Romano-Germânico construído por Kantorowicz não possui apenas o caráter universal –uma vez que Frederico incorpora o ideal universal romano²⁵³ – mas também individualizante pois sua política enfatiza a formação das unidades nacionais.

Transformar a Alemanha em uma “unidade orgânica”, com base no princípio universal romano, torna-se na obra de Kantorowicz um princípio norteador, que o guiará até o final de sua biografia. Essa é a chave interpretativa a partir da qual sua biografia é construída. A Frederico II, caberia realizar a unidade orgânica da Alemanha. Tarefa não realizada por seu pai, Henrique VI.²⁵⁴ Kantorowicz procura na infância de Frederico sinais do caráter do futuro imperador. Imperador nato, Frederico possuía a consciência de sua majestade, de sua “aptidão sobrenatural.”²⁵⁵

A escolha de Frederico como Rei da Germânia²⁵⁶, na Dieta de Nuremberga, em 1211, é interpretada como guiada pelo povo romano [*römische Populus*], e não pelos príncipes alemães.²⁵⁷ A eleição de Frederico para o trono da Germânia é ponto importante para o objetivo do imperador de renovar o império romano. Kantorowicz busca, explicitamente, tecer um parentesco entre Roma e Frederico e, ao compreender Frederico como o responsável pela unidade nacional alemã, o espírito universal romano liga-se diretamente ao alemão. A mesma alusão ao Império Romano é mencionada ao narrar a

Império. Nesse sentido, o império de Frederico era considerado um modelo de grandeza alemã. Durante a década de 1920 os principais nomes ligados aos guibelinos eram os historiadores Adolf Hofmeister (1883-1956), Robert Holtzmann (1873-1946) responsável pelo convite de Kantorowicz ao *Historikertag* em 1930, e o principal crítico de Kantorowicz, Albert Brackmann (1871-1952). O historiador Georg von Below (1858-1927) era o principal nome dos “neo-sybelianos.” Cf.: RUEHL, Op.cit.,pp.206-214.

²⁵³É possível que a admiração de George pelo sul, pelas sociedades mediterrâneas, expressa em suas poesias inspirou a representação de Frederico II como um Imperador Romano e não como um imperador teutônico. De acordo com Ernst Morwitz foi George quem insistiu que a biografia deveria ser escrita “como mito da ânsia de um grande povo pela unificação do Norte e do Sul.” Cf.: RUEHL, Martin. “Imperium transcendent hominen: Reich and Rulership in Ernst Kantorowicz’s *Kaiser Friedrich der Zweite*”. LANE, Melissa S.; RUEHL, Martin. *Politics and Culture in the George Circle*. New York: Camden-House, 2011,p.205.

²⁵⁴KANTOROWICZ, Ernst. *Kaiser Friedrich der Zweite*. Stuttgart: Klett-Cotta, 1998, p.15-16.

²⁵⁵Idem, p.31

²⁵⁶Ao longo do livro, Kantorowicz, na maioria das vezes, utiliza “Alemanha” para referir-se aos territórios teutônicos, sem fazer distinção entre a Alemanha pós-unificação. Sugere uma continuidade entre a Alemanha dos Hohenstaufen e o II Reich.

²⁵⁷Idem,p.49.

coroação de Kantorowicz em Aachen como “Rei Romano-alemão” em 1215. Foi como um “imperador romano” que Frederico entrou em Aachen, denominada como “sagrada cidade romana”.²⁵⁸

Fundamental para Kantorowicz é destacar que a identidade alemã funde-se ao império romano e sua pretensão universal. Por isso, “não era com as especificidades alemãs que Frederico deveria lidar, mas com a força universal alemã [*deutschen Weltkräfte*]”. Os germanos foram constituídos “não por um espírito alemão, mas apenas por um espírito romano [...] e nem era uma forma alemã, mas apenas um forma romana, que uniu as terras do norte”.²⁵⁹ Frederico era o responsável por reavivar, nas terras nórdicas, o espírito do Império Romano do qual a “Alemanha apenas foi como sempre uma parte importante.”²⁶⁰ A missão de germanizar - considerando que germanizar faz referência sempre ao reestabelecimento, mediante novas circunstâncias, do império romano – não está restrita geograficamente. A “Alemanha estava em todo lugar, aonde o imperador romano com seus nobres juntos vinham.”²⁶¹

Frederico foi responsável por realizar a união entre o norte e o sul, entre o Ocidente e o Oriente. Kantorowicz antecipa para Frederico a fundação da primeira monarquia absoluta do Ocidente.²⁶² Frederico realizou “o sonho alemão” da construção de um império que possuía por objetivo a unificação do povo mediante a construção de um vasto império. A autocoroação de Frederico em Jerusalém (1229) é parte fundamental para a consolidação de seu olhar universal, para que as “leis eternas” que nele habitavam pudessem ganhar corpo. Frederico II foi “o último germânico a fundar um estado em solo italiano tornou-se o [...] realizador do sonho alemão.”²⁶³ Aqui, a noção de *Deutschtum* liga-se diretamente ao ideal de uma Alemanha universal que toma forma no Sacro Império Romano Germânico.

Contudo, o ideal de um império universal não se contrapõe às unidades nacionais e foi regido a partir do ideal de “império e contudo nações!” [*Kaisertum und dennoch*

²⁵⁸Idem, p.61-62. Em relação à Aachen, Kantorowicz retoma a ancestralidade de Frederico cujo avô era Frederico I (Barbarossa) o qual havia sacralizado Carlos Magno. Kantorowicz destaca que embebido do espírito de Carlos Magno e Barbarossa (morto em uma cruzada) Frederico decide-se por tomar a frente em uma cruzada.

²⁵⁹Idem, p. 66

²⁶⁰Idem, p.65.

²⁶¹Idem, p. 78. Kantorowicz afirma que Frederico reviveu a missão europeia do leste, missão importante dos tempos de Barbarossa que não havia sido esquecida. Em sua conferência de 1933, “Alemanha Secreta” Kantorowicz afirma que essa comunidade de heróis e sua contribuição para o presente não se encontrava restrita geograficamente.

²⁶²Idem, p.166.

²⁶³Idem, p.167.

Nationen!]²⁶⁴ O império porém, encontra-se unido através do sentimento de comunidade [*Gemeinschaft*] da organicidade entre o imperador e as unidades nacionais. Podemos afirmar que Frederico II simboliza a união entre Norte e Sul para a formação identitária de um povo, unido através do sentimento de comunidade e liderado por um grande homem. A pretensão universal do império de Frederico não se torna portanto, um problema para a consolidação das unidades nacionais, não contribuiu para o surgimento de uma Alemanha enfraquecida, como afirmavam os adeptos de Sybel.

No caso alemão, Kantorowicz destaca que a delegação de poderes aos príncipes locais alemães, não contribuiu para a descentralização do poder na Alemanha. Muito pelo contrário, reforçou-o. Frederico, enquanto um “Imperador romano supranacional”²⁶⁵ empenhou-se na tarefa de organizar e centralizar seu poder no território alemão. A Alemanha deveria unir-se ao Império Romano renovado por Frederico.

Como agora o ideal de um Império mundial da Idade Média não significava subjugar o povo sob domínio de um povo, mas baseava-se na comunidade [*Gemeinschaft*] de todos os reis e príncipes, terras e povos da cristandade sob um imperador romano, o qual não pertencia a nação alguma [...] e pretendia coroar todas as nações [*Nationen*] na única cidade eterna...não era diferente para pensar a imagem da Alemanha em sua completude, para a qual – transmitida para os príncipes e grupos – valia o direito de cada palavra: Império Romano e contudo nações. [*Römerimperium und dennoch Nationen*]²⁶⁶

A centralização do poder e a formação da unidade alemã foi possível a partir da consciência da unidade a partir da ideia de povo, “não através da dissolução de Roma ou da ascensão do poder dos príncipes, mas através da interiorização no pensamento dos príncipes e grupos do plástico espírito de estado romano.”²⁶⁷ Neste sentido, o ideal de um império romano, pode ser entendida como uma mensagem trazida pelo grande homem mediante sua *Gestalt*, como sugerida por Gundolf e Wolters. Portanto, tal ideal traz em si

²⁶⁴Idem, p.224.

²⁶⁵Idem, p.293.

²⁶⁶Idem, p.296.

²⁶⁷Idem, p.315. Importante para Kantorowicz, enquanto expressão da unidade nacional é também a língua. Kantorowicz destaca o fato de Frederico ter proclamado leis em alemão e a traduzido para o latim. Esse ato expressa que Frederico igualou o alemão ao latim. Frederico era romano e também a expressão da unidade alemã. “Die Wichtigkeit dessen, daß damit die deutsche Sprache auch für Hoheitsakte des römischen Kaisers dem Latein ebenbürtig verwendbar wurde, bedarf kaum der Erörterung: es zeigt, daß der römische Kaiser notwendig auch der deutscheste war – ein beginnendes Schaffen der deutschen Eigenform auch im Staate, nicht nur im Einzelwesen, ein erstes Festhalten des Deutschen im Deutschen selbst und das erste Niederlegen des zumindest für die Sprache schon überflüssig oder entebeerlich gewordenen römischen Gerüsts.” Idem, p.316.

também a possibilidade de ser utilizada como um princípio orientador para o presente. Na obra de Kantorowicz, a Alemanha traz em si o potencial para guiar a Europa. Voltar o olhar para a antiguidade traz consigo a possibilidade de renovar a vida.²⁶⁸

Fundamental para a formação das unidades nacionais da Sicília e da Alemanha, símbolo da união entre o norte e o sul, foi o esforço de secularização do poder e da política expresso no Frederico II de Kantorowicz. O esforço da cúria em centralizar o seu poder era barrado progressivamente pelo sentimento nacional incentivado por Frederico. Frederico criou o primeiro estado laico²⁶⁹ e o princípio do corpo secular, tornando-se independente, em grande medida, da Igreja.²⁷⁰ Além disso, a criação da Universidade de Nápoles, em 1224, pelo imperador, a fim de criar um ensino secular com o objetivo de formar funcionários para seu império é parte significativa desse processo.

O projeto de Frederico de renovação do império romano implica também a formação de um novo homem. Reviver a unidade do espírito romano seria somente possível a partir de um sentimento de comunidade. Nesse sentido, a obra de Kantorowicz guarda semelhanças com a proposta de Gundolf. Evidente que a preocupação com a formação de uma nova *Bildung*, para a formação totalizadora do homem é menos explícita na biografia de Kantorowicz. No entanto, em hipótese alguma ela se encontra ausente. Os homens, a partir do diálogo com o espírito romano, refletido na mensagem de Frederico, poderiam formar-se para uma nova sociabilidade baseada na *Gemeinschaft*. A Roma imperial “é para Frederico II., como antes apenas a igreja, também a mãe espiritual, ele mesmo é filho de Roma.”²⁷¹ E isso implicava o “renascimento do homem antigo.”²⁷²

Para Wolfgang Hardtwig é sintomático da crise do historicismo a mitologização do passado que carrega consigo a procura por uma nova dinâmica temporal. O mito era a forma pela qual integrar presente, passado e futuro seria possível tendo por princípio um “reencantamento” do mundo.²⁷³ De maneira geral, essa mitologização do passado se opôs aos princípios racionais da análise científica, a partir de um diálogo com o passado que se apresentasse frutífero ao presente. No entanto, a mitologização do passado vem

²⁶⁸Idem, p.337.

²⁶⁹Idem, p.176.

²⁷⁰Idem, p.437.

²⁷¹Idem, p.349.

²⁷²Idem, p.349.

²⁷³HARDTWIG, Wolfgang. Op.cit.,p.92

acompanhada de outro fenômeno: a sacralização do pensamento histórico e político.²⁷⁴ O próprio Círculo contribuiu para a sacralização do passado a partir de uma experiência de caráter religioso, tanto para com os heróis de sua Alemanha Secreta como para com o próprio poeta. Se havia salvação para o caos do presente ela seria possível através do Círculo e de seus ideais.

Não são poucas as menções à divindade do Imperador ao longo da obra. Sua coroação para o trono da Germânia é considerado com um “desejo divino.” O imperador em cujas mãos “mora uma força viva” através da qual tudo se torna vivo, é narrado, em diversas partes da obra, como divino, escolhido por Deus para guiar o povo e restaurar Roma. O culto à noção de justiça enquanto a manifestação de Deus, porém compreendida pela razão era uma das bases de seu império.²⁷⁵ Para Kantorowicz, São Francisco de Assis e Frederico II possuíam um objetivo comum de combater a igreja degenerada. Em Frederico condensa-se o papel do salvador e o papel do anticristo.

Nesse ponto, é interessante como Kantorowicz tenta, em alguns momentos, aproximar a imagem de Frederico e Lutero. O autor afirma que a imagem de Frederico enraizada na Alemanha foi a de reformador da Igreja, embora Frederico não tenha abdicado do catolicismo. De algum modo, essa aproximação de Lutero, indica uma postura mais preocupada em resgatar esse personagem nacional. Deixa-se de buscar somente o sul alemão católico, para considerar a Reforma protestante como um dos legados de Frederico. Kantorowicz menciona velhas profecias as quais afirmavam que após 267 anos após a morte de Frederico, o imperador retornaria (seu falecimento ocorreu em 1250). Após 267 anos a Reforma aconteceu na Alemanha.²⁷⁶

Necessário enfatizar que a análise de Kantorowicz é perspicaz ao analisar o papel dos mitos no imaginário social. O autor faz uma análise contundente de como Frederico foi hábil em usar a seu favor diversos mitos e lendas que permeavam o imaginário medieval e

²⁷⁴Hardtwig afirma que a sacralização do pensamento histórico político que ganhou espaço durante os anos de Weimar pode ser notada pela variação semântica do período. Expressões como “*politischen Messias*” ou “*Erlöser*” tornam-se bastante comuns. Hardtwig aponta a bem sucedida tentativa de construir uma “nova mitologia” na Alemanha que remonta ao início do século XIX. Um exemplo seria o mito de Barbarossa, expresso no monumento de *Kyffhäuser*, construído em 1896. Seria o mais poderoso mito de um renovação nacional que tomou lugar na Alemanha durante o século XIX. O mito baseava-se na crença de que um imperador medieval retornaria em uma época sem imperadores. Cf. Idem, pp.92-94.

²⁷⁵KANTOROWICZ, Op.cit.,p.183.A justiça torna-se um poder salvador. No livro de leis de Frederico, Kantorowicz relata que o imperador tinha sua própria cosmogonia. Para Frederico o primeiro homem tinha sido um transgressor da lei. Os homens tinham uma tendência a transgredir a lei e o remédio para isso era a justiça.Nesse sentido, o imperador torna-se o salvador cuja tarefa é redimir o mundo. Idem, pp.187-188.

²⁷⁶Idem, p. 528.

contribuíram para que o imperador fosse compreendido como o enviado por Deus.²⁷⁷ A vida de Frederico foi permeada com profecias e mitos já consolidados na sociedade. Como havia afirmado em seu discurso no *Historikertag*, as lendas e mitos constituíam um aparato importante a partir do qual seria possível analisar uma dada realidade social. É um aspecto metodológico importante da obra de Kantorowicz que merece ser destacado.

Oexle insere *Kaiser Friedrich der Zweite* no surgimento de um “novo medievalismo” a partir de 1870, contemporâneo ao surgimento do coletivo singular *Geschichte*. Consequentemente, o objetivo dessa historiografia não era a reconstrução de uma época inserida na continuidade histórica. Essa nova idade média ao refletir sobre a experiência moderna, carregava consigo uma forte tendência a refutar a modernidade. Essa idade média imaginada possuía um caráter nacionalista e ganhou espaço entre intelectuais a partir da virada do século e permaneceu durante a República de Weimar.²⁷⁸ De maneira ampla, fortaleceu-se a ideia de que as noções de “grandeza” e “comunidade” [*Ganzheit und Gemeinschaft*] faltavam ao homem moderno e deviam ser resgatas no medievo, para serem adaptadas ao presente.

Essa construção da idade média é entendida como guia para a possibilidade de uma nova sociabilidade e uma nova forma de vida para o presente. Para Oexle, essa nova idade média não diz respeito somente a uma lembrança retrospectiva do passado, mas “a uma nova, vindoura época, que sobreviveu ao historicismo e a toda historicização e pregava novos valores, porque não mais, como na modernidade, se pergunta por “*Geschichte*”, mas pelo “*Sein*”.”²⁷⁹ Hartwig salienta que essa preocupação com o “ser”, com o *Geist*, é também sintoma de uma destemporalização [*Entzeitlichung*] da história. O passado não é passado somente. É nele que se encontra o potencial para a renovação urgente do presente. Para o autor, essa destemporalização da história evidencia-se também na tendência a mitologizar o passado.²⁸⁰

²⁷⁷Por exemplo, as três idades de Joaquim de Fiore. A vinda do salvador, a terceira idade, foi utilizada por Frederico, ao afirmar que trazia a salvação através do cumprimento da Justiça, base de seu império.. Idem, p.304-305. Diz Kantorowicz: “ Es sind Geschichte der letzten Dinge, die hier auf Friedrich II. bezogen werden. Wie er in dieser Flugschrift ercheint, so sollte durch Jahrhunderte sein Bild im Mythos fortleben, in jener Sage vom bergentrückten, messianischen Kaiser, der wiederkehren, die Könige um sich versammeln, das Reich der Justitia errichten, die Kirche züchtigen und das Christenvolk nach Jerusalem führen werde. [...] Das aber fiel dem Kaiser nicht schwer. Denn nicht nur seine Freunde und Nächsten, auch viele der Kirchengläubigen erkannten in Friedrich II. den Erwarteten und Gottgesandten, der gekommen war, den verderbten Klerus zu strafen.” Idem, p.386-387.

²⁷⁸OEXLE, Otto Gerhard. “Das Mittelalter als Waffe” In: *Geschichtswissenschaft im Zeichen des Historismus*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1996, p. 173.

²⁷⁹Idem, p.177.

²⁸⁰HARDTWIG, Wolfgang. Op.cit.,p.91.

O intuito em dialogar com o presente transparece durante toda a obra. Como por exemplo, quando Frederico vence o caos do reino da Sicília, onde foi um grande tirano. As situações caóticas trazem em si muitas possibilidades para o grande homem o qual sempre necessita de uma revolução²⁸¹. Kantorowicz afirma, ao exemplificar o uso da antiguidade por Frederico, que a mensagem do passado deve ganhar uma nova forma para atender as necessidades do presente²⁸².

É significativo ainda mencionar a semelhança entre a imagem construída por Kantorowicz de Frederico II e o seu mestre, George. Assim como Frederico, George havia fundado um estado – para o qual o estado oficial deveria olhar e tomar por exemplo – com um séquito de fieis seguidores. Tal como Frederico, muito de sua influência provinha de seu carisma pessoal. Frederico e George, mesmo que em períodos de tempo distintos, marcados por experiências diferentes do tempo – medievo e modernidade- servem a uma mesma causa: fundamentar valores para a consciência da união de um povo. Ou seja, a fundamentação da identidade alemã.²⁸³ A arte é o meio pelo qual se cristaliza o espírito do grande homem. Portanto, a arte é sagrada, mesmo que secular, pois traz consigo o divino. Em muito, o texto de Kantorowicz carrega o aspecto religioso e enigmático do próprio Círculo de George. A partir de sua biografia sobre Frederico II, podemos afirmar que Kantorowicz interessa-se sobremaneira pelo poder carismático, no sentido weberiano. Para Kantorowicz, uma das principais características de Frederico é seu poder pessoal, carismático, sua capacidade de cativar e manter a obediência de seus súditos a partir de um vínculo emocional. Não se distingue muito de George.

O ideal georgeano de que a beleza seria compatível com as aptidões de um grande homem é notável em Kantorowicz. Não são poucos os momentos em que o autor exalta a beleza física de Frederico. Kantorowicz exalta a beleza de Frederico quando narra sua coroação como rei da Alemanha, em 1211, como um passo definitivo para a renovação do Império Romano Universal.²⁸⁴ Frederico é descrito por Kantorowicz como um homem culto, *Gebildet*, com grande aptidão intelectual. Seu vasto interesse por outras culturas evidencia-se em sua tolerância com o Oriente e com outros povos.

²⁸¹KANTOROWICZ, Op.cit.,p.89.

²⁸²Idem, p.197.

²⁸³Há ainda o destaque para a escola de poesia da Sicília, ligada ao estado. “Die sizilische Dichterschule [...] war durchaus an den Staat gebunden, war mit dem Staates eins... und die Träger der neuen Dichtung waren auch die Träger des Staates [...]” Idem, p.259.

²⁸⁴Idem, p.48.

Frederico representa também a eterna juventude [*Jugendsein*] como proposta pelos georgeanos. Nesse ponto, Frederico liga-se ao Círculo de George, pois a juventude é um espírito, uma forma de ser, independente da temporalidade. O espírito da juventude não representa somente um marco cronológico, mas um estilo de vida, a permanência da força ativa e criadora [*Schaffende Kraft*] realçada por Wolters. A possibilidade de mudança no presente é motivada a partir do diálogo com o passado, mas pode tornar-se realidade a partir de homens imbuídos dessa força ativa, presente no espírito da juventude. Frederico simboliza a importância da ascensão da juventude [*junger Geistes*] em uma época de decadência. A partir desse espírito a renovação é possível.²⁸⁵

Ao finalizar sua obra, Kantorowicz enfatiza a atemporalidade de Frederico II. Frederico ainda não havia sido redimido, seu povo deveria ainda compreendê-lo, pois como os outros grandes homens da “Alemanha Secreta” Frederico ainda vivia.²⁸⁶ Frederico foi o último imperador a se tornar divino, eternizado, o que significava ser presentificado.²⁸⁷

O livro de Kantorowicz não faz referência, de forma explícita, a uma direção política. Mas sua preocupação com a nacionalidade é evidente. A preocupação com uma possível reconstrução da identidade alemã é fundamental não obra de Kantorowicz. Mitologizar o passado é o meio pelo qual Kantorowicz destaca a relação atemporal entre o presente e o passado através da mensagem de renovação trazida por Frederico II, Hohenstaufen. Ao simbolizar o espírito da juventude, a mensagem de Frederico traz também a possibilidade de renovação.

A biografia, gênero híbrido entre a história e a literatura, é um artefato narrativo que se encaixa muito bem aos objetivos de Kantorowicz. Ao reabilitar o papel do indivíduo para a história, Kantorowicz expõe a importância de um grande homem no plano coletivo. A biografia, ao relacionar-se com um momento de cataclismos pode ter uma importância política. A *Gestalt* de Frederico, a renovação do império universal romano a partir do ideal de comunidade e a importância da unidade nacional, deveria estar presente para a contemporaneidade. Para Kantorowicz, a Alemanha à época de Frederico II é símbolo de grandeza. Frederico II traz à superfície o papel da Alemanha como fundamental à Europa.

²⁸⁵Idem, p.239.

²⁸⁶“[...] doch der größte Friedrich ist bis heut nicht erlöst, den sein Volk weder faßte noch füllte. “Er lebt und lebt nicht”... nicht mehr den Kaiser: des Kaisers Volks meint der Spruch der Sibylle.” Op.cit.,p.528.

²⁸⁷“Mit Friedrich II. ist zum letztmal ein Kaiser versternt und vergottet worden, nicht als eine durch Bild und Altar stets gegenwärtige, wohl aber als die in Ewigkeit erwartet Kraft, als der Messias, der Herr des Endes, Herrscher im apollinischen Sonnenreich [...]” Idem, p.526.

O passado é a lente pela qual era possível enxergar o que faltava ao presente. Nesse sentido, a escrita da história cumpre um papel orientador. A história, enquanto “conceito regulador para toda a experiência já realizada e ainda a ser realizada”²⁸⁸, é parte intrínseca à formação e consolidação da memória de grupos sociais e unidades nacionais. É claro que toda forma de apresentação de um passado carrega consigo uma determinada perspectiva do mesmo. Mitologizar o passado é a forma pela qual é possível trazer ao leitor uma nova dinâmica temporal. Tem-se consciência da distância temporal, da história como coletivo singular, que se encontra com a análise do atemporal. Kantorowicz não procurou reabilitar a história *magistra vitae*, mas reforçar o papel orientador da história, embora sua análise cumpra, ao mesmo tempo, as premissas do Círculo de George. A história é passível de ser utilizada para enfatizar uma postura política ou para a “autodefinição política e social” justamente porque “foi entendida não apenas como ciência do passado, mas sim como espaço de experiência e meio de reflexão da unidade de ação social e política que se tem em vista.”²⁸⁹ No entanto, desvalorizar por tal motivo, seu trabalho de pesquisa e sua análise perspicaz dos mitos e lendas seria uma injustiça com o intelectual.

Em sua conferência em Halle, Kantorowicz defendeu que a verdade estava ligada à nação e por tal razão a escrita da história era uma atividade diversa da pesquisa. Ao escrever, o historiador criava uma imagem que devia servir ao caráter nacional. A historiografia cumpria uma função formativa para a identidade nacional. Kantorowicz pronunciou em Halle três anos após a publicação de sua biografia. O autor acreditava portanto, que havia cumprido em sua obra os ideais por ele proclamados em sua conferência.

Em 1931, devido sobretudo às críticas de Albert Brackmann, Kantorowicz publicou um livro que continha as referências e a bibliografia utilizada para compor a biografia de Frederico II. Para Schneider, a publicação em 1931 do livro de referências deixa evidente uma separação de objetivos do círculo de George: Por um lado, uma biografia sem notas ou referências bibliográficas que tinha por objetivo influenciar um público fora da academia. Por outro, o livro de notas deixava claro por sua vez, a necessidade em compor um trabalho cientificamente relevante.²⁹⁰ Em todo caso, o livro de

²⁸⁸KOSELLECK, Reinhardt. “Introdução”. In: ENGELS, Odilo GÜNTHER, Horst; KOSELLECK, Reinhardt; MEIER, Christian; *O Conceito de História*. Editora Autêntica: 2013, p. 37.

²⁸⁹ Idem, p.190.

²⁹⁰SCHNEIDER, Op.cit.,p.337.

referências era um meio de mostrar que por detrás do modelo interpretativo georgeano, existia um trabalho científico bem desempenhado. Ou seja: a pesquisa de Kantorowicz não consistia em fatos ou processos inventados. Sua pesquisa era apoiada por uma rigorosa crítica das fontes. No entanto, como o próprio Kantorowicz demonstrou em sua conferência em 1930 no *Historikertag*, a *Geschichtsschreibung* estava separada da *Geschichtsforschung*. À escrita da história cabia o compromisso com a nação. Evidente que toda narrativa historiográfica traz o passado para o presente, no entanto, em Kantorowicz essa narrativa assume uma função prática: a fundamentação da identidade nacional alemã a partir de uma nova interpretação da origem da unidade nacional alemã.

Na última carta escrita a George, em 14 de novembro de 1933, Kantorowicz noticia a George que após passar pelos primeiros tormentos em relação ao antissemitismo, o “abalo e a dor começa a fazer-se produtivo” pois era hora de “entrar em combates” novamente. Kantorowicz noticiava sobre sua conferência, pronunciada a 14 de novembro, *Das Geheime Deutschland*. Para Kantorowicz, “o front de batalha estava estabelecido novamente e o verdadeiro movimento fora dado novamente em nossas mãos.”²⁹¹ De alguma forma, Kantorowicz sugere que cabia aos jovens imbuídos do espírito de George e seu Círculo e que não haviam sucumbido ao ideal nazista, mudar os rumos daquele tempo. Kantorowicz declara ainda sua intenção de publicar sua conferência, importante para aquele momento de transformações que tomava um rumo cada vez mais ameaçador.

Na mesma correspondência, Kantorowicz explicita sua vontade em levar a cabo seu trabalho sobre o *Interregnum* do Sacro Império Romano Germânico²⁹². Kantorowicz sugere uma semelhança entre o período de vacância do Sacro Império e a República de Weimar, o que fazia do *Interregnum* um tema importante para o presente. Para Kantorowicz, após a morte de Frederico II, tornou-se novamente necessário o renascimento da “Alemanha Secreta”. E destaca que Frederico II havia trazido a “Alemanha Secreta” em sua forma romana, para o território alemão²⁹³. Nesse caso, fica

²⁹¹ *Stefan George Archiv*. George III, 6641. Data de 14 de novembro de 1933.

²⁹² Diz respeito ao período de 1254 a 1273. Após a morte do filho de Frederico II, Conrado IV, em 1254, o Sacro Império passa por um longuíssimo período de vacância do trono real. Em 1273, Rodolfo IV de Habsburgo é eleito rei do império em 1273. Embora considere-se o início do *Interregnum* em 1245 com a deposição de Frederico II pelo Papa Inocêncio IV, esse período de vacância tornou-se problemático após a morte do imperador em 1250.

²⁹³ “Da ein aufbauendes thema heute nur zu verwechslungen anlass geben könnte. so lese ich über die 'destruktion des mittelalters' eben über das 'interregnum'. das ich bei dieser gelegenheit wenigsten stofflich einigermaßen zusammenfassen hoffe - ich brächte es sehr gern im kommenden jahre heraus. Dieses thema schien mir auch deswegen als ganz geeignet. weil aus ihm die notwendiggeburt eines 'geheimen Deutschland' nach dem zusammenbruch des stauferreichs deutlich hervorgehen dürfte. Denn die staufer hatten ja - zum

evidente a conversão entre a escolha de um tema de trabalho e sua necessidade para o presente.

Em 1963 uma nova edição de *Kaiser Friedrich der Zweite* foi publicada e Kantorowicz, mesmo temeroso, autorizou a reedição de sua obra, após uma longuíssima negociação, e impôs uma única condição: a nota introdutória deveria ser retirada do texto. Grünwald afirma que Kantorowicz queria afastar-se de seu vínculo a George e receava que a tradição do Círculo fosse difundida novamente. Para Kantorowicz, sua biografia sobre Frederico era uma obra da juventude, composta no espírito dos anos de 1920 e temia que uma nova edição pudesse “reanimar antigos nacionalismos”. Evidente é que Kantorowicz era consciente do conteúdo político de seu livro que poderia ser mal interpretado e vinculado a ideais nacionalistas e, claro, ao nacional socialismo. Em resposta às congratulações do General Hans Speidel pela nova edição da obra, Kantorowicz respondeu à editora Ursula Küpper: “ um livro que ficava na mesa de cabeceira de Himmler e que foi presenteado a Mussolini por Göring com uma dedicatória, devia ser deixado para o esquecimento.”²⁹⁴

einzigsten mal in der deutschen geschichte - das 'geheime Deutschland' von damals i.e. das 'RÖMISCHE' zum offiziellen Dtschld [Deutschland] erhoben..und seit dieses im berge schlummert und auch kein trommeln den berg zum aufspringen bringt.“ Cf.: *Stefan George Archiv*. George III, 6641. Data de 14 de novembro de 1933. Sigo a ortografia original. Grifo do autor.

²⁹⁴Hans Speidel (1897-1984) foi um general alemão durante a Segunda Guerra. Foi preso por participar de um atentado contra a vida de Adolf Hitler. Em setembro de 1944 foi preso pelos nazistas e libertado pelos franceses ao final da guerra. Cf: GRÜNEWALD, Op.cit.,p.164. Carta de Kantorowicz à Ursula Küpper, data de 24 de maio de 1963. Cf: GRÜNEWALD, Op.cit., p.164. Hitler foi também um admirador do livro de Kantorowicz e afirmou ter lido a obra duas vezes. Op.cit.,p.165. Nos anos 50, Kantorowicz afirmou a Madeleine Engel-Janosi que *Kaiser Friedrich der Zweite* “é um livro que eu mesmo não entendo.” Cf.: *F. Engel-Janosi. Aber ein stolzer Bettler: Erinnerungen aus einer verlorenen Generation*, Graz 1974, p. i 16. Apud: RUEHL, Martin. “ ‘In this time without Emperors’ The politics of Ernst Kantorowicz’s *Kaiser Friedrich der Zweite* reconsidered”. In: *Journal of the Warburg and Courtland Institutes*, vol. 63, 200, p.189.

Considerações Finais:

*Sou o Único e sou Dual
Sou o ventre e sou a semente
Sou bainha e sou o punhal
Sou a dor e sou o doente
Sou o horizonte e sou o olhar
Sou lança e sou o lançador
Sou o fiel e sou o altar
Sou o fogo e sou o calor
Sou miserável e abastado
Sou o símbolo e sou o indício
Sou sombra e sou iluminado
Sou um fim e sou um início.*

Stefan George²⁹⁵

O trecho acima foi retirado do livro de George, *Der Stern des Bundes* [A estrela da aliança], publicado em janeiro de 1914. Como o próprio George sugeriu em sua poesia ele simbolizava um fim e um novo começo. Era o líder para uma nova vida. Era o fim das moléstias advindas da experiência moderna, da sociedade industrial, do caos do pós-guerra. O poeta e seu Círculo davam forma a um novo tipo de sociabilidade baseado no ideal de comunidade, hierarquia e devoção, o *Herrschaft und Dienst* de Wolters. No campo do conhecimento histórico o Círculo desenvolveu um olhar diferente para o passado, um novo modelo interpretativo para a história, ligado à necessidade de renovar a identidade alemã mediante análise da mensagem atemporal do herói.

Ao decorrer desta dissertação intentou-se observar o Círculo de George em dois aspectos principais: o primeiro diz respeito ao desenvolvimento do próprio Círculo. O segundo, compreender como os georgeanos contribuíram para as reflexões em torno do conhecimento histórico e claro, questionando o uso prático do conhecimento histórico para a fundamentação e uma nova interpretação da identidade nacional. Outra questão sempre esteve presente: Teriam os georgeanos oferecido uma resposta à crise do historicismo?

²⁹⁵GEORGE, Stefan. Sem título. In: GEORGE, Stefan. *Crepúsculo*. São Paulo: Iluminuras, 1995, p.135.

Pensar em uma conexão entre a *Segunda Consideração Intempestiva* de Friedrich Nietzsche, publicada em 1874, e as ideias e as posteriores publicações posteriores ao Círculo de George é quase inevitável. Afinal, em 1917, Ernst Bertram, vinculado ao Círculo, publicou uma biografia de Nietzsche. O filósofo é um autor presente nas publicações dos Círculo, era uma leitura do Círculo de George.

Para Nietzsche, o homem moderno sofria do excesso de história e a única solução plausível para que a história retomasse sua ligação com a vida, seu caráter prático como orientadora na vida dos homens, era que ela deixasse de ser uma ciência. Ao tornar-se ciências e especializar-se provocava efeitos destrutivos para os homens. A história feita aos moldes racionais havia perdido definitivamente seu elo com a vida. A cura para a doença histórica moderna era rejeitar sua cientificidade.

Existem ressonâncias evidentes entre o pensamento de Nietzsche e a prática historiográfica dos georgeanos. A ênfase nos elementos supra-históricos é a principal delas. A proposta nietzscheana de uma “História Monumental” com caráter normativo e paradigmático ligada à possibilidade da ação assemelha-se à proposta georgeana sobre a escrita da história²⁹⁶. Porém para cumprir seu papel de guia na vida dos homens, a história não poderia ser uma ciência especializada.

Todavia, abandonar a história como ciência não foi um princípio norteador para o Círculo de George. É evidente que George, os membros de seu Círculo e outros intelectuais que aderiram aos seus ideais, procuraram estabelecer um novo olhar para a ciência, uma nova forma para a historiografia na qual fosse possível conciliar arte e história. Após a Primeira Guerra, os georgeanos ocuparam cargos nas universidades - como Gundolf, Wolters e Kantorowicz - e foram substanciais para a divulgação dos princípios do Círculo de George. As produções biográficas constituíram um meio importante para a transmissão de um novo modelo interpretativo para a história que prezava por sua função de orientação para a vida. Não era preciso negar ou rejeitar o caráter científico da história, herança importante do historicismo do século XIX, mas encontrar um novo caminho para realizá-la.

Se compreendermos a crise do historicismo como uma crise da função orientadora da história, tal como sugere Jörn Rüsen, poderíamos afirmar que, em certa medida, o

²⁹⁶NIETZSCHE, Friedrich. *Segunda consideração intempestiva: da utilidade e desvantagem da história para a vida*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003. pp.17-25.

Círculo de George ofereceu uma resposta à crise do Historicismo. A solução baseava-se em seu modelo interpretativo cujo fim último era reestabelecer a função prática da história para a vida. À história cabia orientar os homens mediante o caos da realidade. Reestabelecer e, no caso de Kantorowicz, reinterpretar a identidade alemã e suas origens era uma forma de dar ao conhecimento histórico uma função prática para a vida.

Para isso, os georgeanos acreditavam que era imprescindível recuperar a função dos grandes homens para o presente. Sua mensagem atemporal possuía caráter plástico e podia ser reinterpretada para tornar-se orientadora para o presente. Aqui, o sentido do atemporal diferencia-se do significado do atemporal de Nietzsche, pois para o filósofo o eterno possuía sempre o mesmo significado, não possuía um caráter plástico. Era função da história construir essa ponte entre o presente e o passado, onde um projeto de futuro encontrava-se em gestação. A partir do diálogo com os grandes homens do passado seria possível, assim poderíamos dizer, reconstruir o horizonte de expectativa mediante o estabelecimento de novos valores para a vida. Eis a função primordial da história.

George e seu Círculo pertenceram a uma geração de intelectuais que experienciaram a tragédia da Primeira Guerra Mundial, o caos da República de Weimar e a ascensão nazista ao poder. Diante de tais experiências, o problema da identidade torna-se patente, questiona-se sobretudo a possibilidade de manter-se a unidade nacional mediante o caos social, cultural e econômico. Não por acaso, os membros do Círculo, a partir de suas biografias voltaram sua atenção para a interpretação da identidade nacional alemã, na busca de uma origem comum que reestabelecesse a continuidade nacional. Esta é a proposta central da obra *Kaiser Friedrich der Zweite* de Kantorowicz ao realocar a origem do povo alemão ao Império Romano evocando a mensagem atemporal de Frederico II para o presente, ou seja, o restabelecimento dos ideais romanos sobretudo de comunidade para o presente. A ideia do povo alemão enquanto guia para a Europa é central. A manutenção da ideia de povo, de unidade nacional se fortificaria e se reestabeleceria a partir do resgate dos ideais romanos, presentes na mensagem de Frederico II. A noção de um povo unido pelo ideal de comunidade e da formação de um novo homem e de uma nova visão de mundo.

As biografias produzidas pelo Círculo, nesse caso a de Kantorowicz, enquanto historiografia, compartilha da experiência moderna da história, viabilizada pelo novo espaço de experiência que ganhou espaço sobretudo na segunda metade do século XVIII, como afirmou Koselleck. Neste sentido, a historiografia do Círculo não objetiva repetir o passado ou mesmo imitá-lo. Buscaram na sua interpretação do passado uma explicação

para o seu presente. A história não é *magistra vitae*, porém assume um caráter orientador que cumpre seu papel na fundamentação da identidade nacional. Restaurar a continuidade com o passado tem por objetivo fortalecer a identidade.

Buscar um sentido no passado que pudesse auxiliar no entendimento do presente. Essa foi a principal motivação do Círculo de George que compartilhou das incertezas de sua época, evidente em obras literárias como *O homem sem qualidades*, de Robert Musil (1880-1942) ou *Berlim Alexanderplatz* (1878-1957) de Alfred Döblin. Como outros intelectuais, os georgeanos observaram a desintegração do indivíduo moderno e portanto tentaram também reestabelecer a importância do mesmo como princípio orientador para o presente e para o futuro.

O Frederico II de Kantorowicz, propulsor da germanicidade, fundador do povo alemão, remete à República de Weimar. A biografia de Frederico II apresenta uma situação histórica em muito semelhante à realidade dos anos de Weimar. Nesse sentido a biografia apresenta-se como possibilidade de combate ao presente. Diante do caos de seu Império, Frederico centrou suas forças para a união do povo. Nesse sentido, a biografia de Kantorowicz prezou pela análise das tensões do governo de Frederico e como o Imperador buscou soluções para essas tensões. Significativo foi que a forma como enfrentou os conflitos, muitas vezes suas soluções atrelavam-se a seu carisma pessoal, levou a importantes transformações culturais e uma delas foi a união do povo alemão. Em certa medida, o microcosmo de Frederico assemelha-se com a situação geral alemã do entre-guerras.

Ao longo dessa dissertação tentou-se observar como os georgeanos contribuíram para a história e para a historiografia do período e suas preocupações sobre a fundamentação da identidade nacional. Tentou-se também delinear o processo de formação e manutenção do Círculo, uma das mais importantes formações intelectuais das três primeiras décadas do século XX e que ganhou destaque na República de Weimar, sobretudo por sua preocupação com as questões nacionais, com a fundamentação da ideia de um povo, da noção de germanicidade.

Entender as concepções do Círculo de George para o conhecimento histórico é significativo para se compreender melhor os debates acerca da história durante a República de Weimar. O Círculo a partir de suas biografias dão voz a uma nova forma de apreensão do passado. As biografias constituíram um veículo para seus ideais. A historiografia proposta pelo Círculo não buscou romper com a cientificidade, mas produzir uma escrita

da história comprometida com as questões nacionais. Para os georgeanos escrever a história era também entender as conturbações vividas pelos seus contemporâneos e buscar no passado uma chave explicativa para o presente e uma luz que pudesse iluminar o caminho para o futuro.

Referências Bibliográficas:

Fonte:

KANTOROWICZ, Ernst. *Kaiser Friedrich der Zweite*. Stuttgart: Klett-Cotta, 1998.

Correspondência:

Stefan George Archiv. George III, 6613.

Stefan George Archiv. George III, 6619.

Stefan George Archiv. George III, 6621.

Stefan George Archiv. George III, 6631.

Stefan George Archiv. George III, 6639.

Stefan George Archiv. George III., 6641.

Bibliografia de referência:

ALHEIT, Peter; DAUSIN, Bettina. *Biographie: Ein Problemgeschichte Skizze*. Bremen: Universität Bremen, 1990.

ARAÚJO, Valdeci; MATA, Sérgio da; MOLO, Helena; VARELLA, Flávia Florentino (org.) *A Dinâmica do Historicismo: Revisitando a historiografia moderna*. Belo Horizonte: Argumentum, 2008.

ARISTÓTELES. *A poética clássica*. São Paulo: Cultrix/Editora da Universidade de Brasília, 1981.

BENSON, Robert; JOHANNES, Fried. *Ernst Kantorowicz*. Frankfurter Historische Abhandlung. Band 39. Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 1997.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. *Modernidade, pluralismo e crise de sentido: a orientação do homem moderno*. Petrópolis: Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

BERTRAM, Ernst. *Nietzsche: Versuch einer Mythologie*. Berlin: Georg Bondi, 1921.

BOEHRINGER, Robert; LANDMANN, Georg Peter (Hg.) *Stefan George-Friedrich Gundolf: Briefwechsel*. Munique/Düsseldorf: Helmut Küpper,

BÖSCHENSTEIN, Bernhard; EGYPTIEN, Jürgen; SCHEFOLD, Bertram; VITZTHUM, Wolfgang Graf.(Hg.) *Wissenschaftler im George-Kreis*. Berlin, Nova York, 2005

BOUREAU, Alain. *Kantorowicz: Stories of a Historian*. Baltimore;London: The Johns Hopkins University Press: 2001

BREUER,Stefan. *Ästhetischen Fundamentalismus: Stefan George und der deutsche Antimodernismus*.Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft: 1995.

CANO, Gilberto Loaiza. “El recurso biográfico”. In: *Historia Crítica*. n.27, junho 2004.

DEL PRIORE, Mary. “ Biografia: quando o indivíduo encontra a história”. In: *Topoi*. v.10, n.19, julho-dezembro, 2009.

DILTHEY, Wilhelm. *A construção do mundo histórico nas ciências humanas*.São Paulo: Editora Unesp, 2010

DOSSE, François. *O Desafio Biográfico: Escrever uma vida*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: 2009.

EKSTEINS, Modris. *A Sagração da Primavera: a grande guerra e o nascimento da era moderna*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

GAY, Peter. *A cultura de Weimar*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

GEORGE, Stefan. *Crepúsculo*. São Paulo: Iluminuras, 1995.

_____. *Der Siebente Ring*. Helmut Küpper, 1949.

GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. “A cultura histórica oitocentista: a constituição de uma memória disciplinar.” In: PESAVENTO, Sandra Jatahy (Org.). *História Cultural: experiências de pesquisa*.Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

GROPPE, Carolla. *Die Macht der Bildung: das deutsche Bürgertum und der George-Kreis 1890-1933*. Köln, Weimar, Wien: Böhlau,1997.

GRÜNEWALD, Eckhart. *Ernst Kantorowicz und Stefan George: Beiträge zur Biographie des Historikers bis zum Jahre 1938 und zu seinem Jugendwerk „Kaiser Friedrich der Zweite*. Wiesbaden: Wiesbaden: Franz Steiner Verlag, 1982.

GUNDOLF, Friedrich. *Goethe*. Berlin: Georg Bondi:1916

_____. “Gefolgschaft und Jüngertum”.*Blätter für die Kunst Folge X 1908*. In: LANDMANN, Georg P. (Hg.) *Der George Kreis: Eine Auswahl aus seinen Schriften*. Köln/Berlin: Kiepenheuer & Witsch, 1965.

_____. “Vorbilder”. In: LANDMANN, Georg P. (Hg.) *Der George Kreis: Eine Auswahl aus seinen Schriften*. Köln/Berlin: Kiepenheuer & Witsch, 1965.

JAEGER, Friedrich; RÜSEN, Jörn. *Geschichte des Historismus. Eine Einführung*. München: Beck, 1992

HARDTWIG, Wolfgang. "Formen der Geschichtsschreibung"; "Die Krise des Geschichtsbewusstseins in Kaiserreich und Weimarer Republik und der Aufstieg des Nationalsozialismus". In: HARDTWIG, Wolfgang. *Hochkultur des bürgerlichen Zeitalters (Kritische Studien zur Geschichtswissenschaft Band 169)*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht: 2005.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. "Corpo e alma do Brasil" (entrevista de Sérgio Buarque de Holanda). *Novos Estudos*, julho 2004.

KAES, Anton; JAY, Martin. *The Weimar Republic Sourcebook*. University of California Press, 1994.

KANTOROWICZ, Ernst. "Grenzen, Möglichkeiten und Aufgaben der Darstellung mittelalterlicher Geschichte", 1930, ed. Eckhardt Grünwald, *Deutsches Archiv für Erforschung des Mittelalters I*, 1994.

_____. "Das geheime Deutschland". In: BENSON, Robert; JOHANNES, Fried. *Ernst Kantorowicz*. Frankfurter Historische Abhandlung. Band 39. Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 1997.

_____. "Mythenschau". In: *Historische Zeitschrift*. Bd.140.

_____. "Professor Dr. Ernst Kantorowicz an den Minister für Wissenschaft, Kunst und Volksbildung, 20.4.1933." In: Kommission zur Erforschung der Geschichte der Frfr. Juden (Hg.) *Dokumente zur Geschichte der Frankfurter Juden 1933-1945*. Frankfurt am Main: Verlag Waldemar Kramer, 1963.

KARLAUF, Thomas. *Stefan George: Die Entdeckung des Charisma*. Der pantheon Verlag, 2008.

KOSELLECK, Reinhardt. "Las esclusas del recuerdo y los estratos de la experiencia. El influjo de las dos Guerras Mundiales sobre la conciencia social". In.: *Los Estratos del Tiempo: Estudios sobre la Historia*. Barcelona: Paidós, 2001.

_____. "A configuração do conceito moderno de história". In: MEIER, Christian; GÜNTHER, Horst; ENGELS, Odilo. *O Conceito de História*. Editora Autêntica: 2013

_____. *Futuro Passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

JAEGER, Friedrich; RÜSEN, Jörn. *Geschichte des Historismus. Eine Einführung*. München: Beck, 1992

KLUNCKER, Karlhans (Hg.) *Karl und Hanna Wolfskehl Briefwechsel mit Friedrich Gundolf 1899-1931*. Amsterdam: Castrum Peregrini, 1977, Bd 1/2.

LANDMANN, Georg P. (Hg.) *Der George Kreis: Eine Auswahl aus seinen Schriften*. Köln/Berlin: Kiepenheuer & Witsch, 1965.

LANE, Melissa S.; RUEHL, Martin. *Politics and Culture in the George Circle*. New York: Camden-House, 2011.

LEHMANN, Halmut; SHEEHAN, James. *An Interrupted Past: German speaking refugee historians in the United States after 1933*. Cambridge University Press, 2002.

LEPENIES, Wolf. *As três culturas*. São Paulo: Edusp, 1996.

LORIGA, Sabina. *O Pequeno X: Da Biografia à História*. Belo Horizonte: Autêntica: 2011.

LUKÁCS, Georg. *Die neue Einsamkeit und ihre Lyrik: Stefan George*. (1911) Disponível em:
http://www.uni-due.de/lyriktheorie/texte/1911_lukacs.html (consultado em 14/02/2011 às 21:34)

MALI, Joseph. “Ernst Kantorowicz: History as Mythenschau”. In: *History of Political Soul*. vol. XVIII, n.4, 1997.

MARTINS, Estevão Chaves de Rezende. “Historicismo: o útil e o desagradável”. In: ARAUJO, Valdei; MATA, Sérgio da; MOLO, Helena; VARELLA, Flávia Florentino (org.) *A Dinâmica do Historicismo: Revisitando a historiografia moderna*. Belo Horizonte: Argumentum, 2008.

_____. “Brasil, Alemanha: historiografias e identidades”. Datiloscrito original cedido pelo autor (2013)

_____. *A História Pensada: Teoria e método na historiografia europeia do século XIX*. São Paulo: Contexto, 2010.

MOMMSEN, Hans. *The rise & fall of the Weimar democracy*. The University of North Carolina Press, 1990.

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falava Zarathustra*. Petrópolis: Vozes, 2010.

_____. *Segunda consideração intempestiva: da utilidade e desvantagem da história para a vida*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

NIPPERDEY, Thomas. *Deutsche Geschichte: 1866-1918 :Band I: Arbeitswelt und Bürgergeist*. Munique: C.H. Beck, 1990

NORTON, Robert E. *Secret Germany: Stefan George and his circle*. New York: Cornell University Press, 2002.

OEXLE, Otto Gerhard. “Das Mittelalter als Waffe“. In: *Geschichtswissenschaft im Zeichen der Historismus*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1996.

PICHT, Barbara. *Erzwungener Ausweg: Hermann Broch, Erwin Panofsky und Ernst Kantorowicz im Princeton Exil*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 2008.

PLATÃO. *Diálogos*. São Paulo: Editora Cultrix: 1995.

PLESSNER, Helmut. “Between the Morality of the Master and the Morality of the Community”. In: *The Limits of Community: A critique of social radicalism*. Nova York: Humanity Books, 1999.

POHLE, Richard. *Max Weber und die Krise der Wissenschaft. Eine Debatte in Weimar*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2009.

REVEL, Jacques. “A biografia como problema historiográfico.” In: REVEL, Jacques. *História e historiografia: exercícios críticos*. Curitiba: Editora UFPR, 2010.

RIECKMANN, Jens (ed.). *A Companion to the works of Stefan George*. New York: Camden House, 2005.

RINGER, Fritz. *A queda dos mandarins alemães: A comunidade acadêmica alemã, 1890-1933*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

RUEHL, Martin. “ ‘In this time without Emperors’ The politics of Ernst Kantorowicz’s *Kaiser Friedrich der Zweite* reconsidered”. In: *Journal of the Warburg and Courtland Institutes*, vol. 63, 2000.

RÜSEN, Jörn. *História Viva: teoria da história: formas e funções do conhecimento histórico*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007.

RYAN, Judith; GUMBRECHT, Hans Ulrich; KAES, Anton; KOERNER, Joseph Leo; MÜCKE, Dorothea E. von. (ed.) *A new history of german literature*. Harvard University Press, 2004.

SALIN, Edgar. *Um Stefan George*. Godesberg: Helmut Küpper, 1948.

SCHILLER, Friedrich. *A Educação Estética do Homem*. São Paulo: Editora Iluminuras, 1995

SCHMIDT, Benito Bisso. “Grafia da vida: Reflexões sobre a narrativa biográfica”. In: *História Unisinos*. vol.8, n.10. Julho/ dezembro 2004.

_____. “O gênero biográfico no campo do conhecimento histórico”. In: *Anos 90*. Porto Alegre: v.6, 1996.

SCHOLTZ, Gunther. “O problema do historicismo e as ciências do espírito no século XX”. In: *História da Historiografia*. Ouro Preto: n.6, mar 2011

STERN, Fritz Richard. *O mundo alemão de Einstein*. São Paulo: Companhia das letras, 2004.

OEXLE, Otto Gerhard. *Geschichtswissenschaft im Zeichen der Historismus*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1996.

WANSBROUGH, John. "Obituary: Paul Wittek". In: *Bulletin of the School of Oriental and African Studies*. University of London, vol. 42, No.1 (1979)

WEBER, Marianne. *Weber: Uma Biografia*. Casa Jorge, 2003,

WEBER, Max. *Economia e Sociedade* (Volume 1). Brasília: Editora Universidade de Brasília,, 2000

_____. "A Ciência como Vocação". In: *Max Weber: Ensaios de Sociologia*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1982

WOLFSKEHL, Karl. "Der Priester vom Geiste". *Blätter für die Kunst, III Folge, 1896*. In: LANDMANN, Georg P. (Hg.) *Der George Kreis: Eine Auswahl aus seinen Schriften*. Köln/Berlin: Kiepenheuer & Witsch, 1965.

WOLTERS, Friedrich. *Stefan George und die Blätter für die Kunst: Deutsche Geistesgeschichte seit 1890*. Berlin: Georg Bondi, 1930.

_____. "Richtlinien". In: *Jahrbuch für die geistig Bewegung*. Berlin: Blätter für die Kunst, 1910.

_____., Frierich. "Herrschaft und Dienst". . In: LANDMANN, Georg P. (Hg.) *Der George Kreis: Eine Auswahl aus seinen Schriften*. Köln/Berlin: Kiepenheuer & Witsch, 1965.

WUTHENOW, Ralph-Rainer (Hrsg.) *Stefan George in seiner Zeit: Dokumente zur Wirkungsgeschichte*. Band1.Stuttgart: Klett-Cotta, 1980.